



VITOR ORQUIZA DE CARVALHO

A CONCEPÇÃO DE FREUD SOBRE CIÊNCIA (1873-1900)

**CAMPINAS
2013**



Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Vitor Orquiza de Carvalho

A concepção de Freud sobre ciência (1873-1900)

Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani

Dissertação de mestrado apresentada ao
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,
para obtenção do Título de Mestre em
Filosofia

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO
VITOR ORQUIZA DE CARVALHO E ORIENTADA PELO PROF. DR. LUIZ ROBERTO MONZANI
CPG, 25/09/2013

CAMPINAS
2013

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/338

C253c Carvalho, Vitor Orquiza, 1985-
A concepção de Freud sobre ciência (1873-1900) / Vitor Orquiza de Carvalho.
– Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Luiz Roberto Monzani.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Ciência. 3. Psicanálise. 4. Epistemologia. I.
Monzani, Luiz Roberto, 1946-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Freud's conception of science (1873-1900)

Palavras-chave em inglês:

Science

Psychoanalysis

Epistemology

Área de concentração: Filosofia

Titulação: Mestre em Filosofia

Banca examinadora:

Luiz Roberto Monzani [Orientador]

João José Rodrigues Lima de Almeida

Helio Honda

Data de defesa: 25-09-2013

Programa de Pós-Graduação: Filosofia



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, em sessão pública realizada em 25 de setembro de 2013, considerou o candidato VITOR ORQUIZA DE CARVALHO aprovado.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani

A handwritten signature in black ink on a horizontal line.

Prof. Dr. João José Rodrigues Lima de Almeida

A handwritten signature in blue ink on a horizontal line.

Prof. Dr. Helio Honda

A handwritten signature in black ink on a horizontal line.

Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca

A handwritten signature in black ink on a horizontal line.

Prof. Dr. Oswaldo Giacoia junior

A horizontal line for a signature, currently blank.

O assunto obrigou-me a cair no sexual, mas foi para exemplificar, como V. compreende, e para lhe dizer quanto, criticando embora e divergindo, reconheço o poder hipnótico dos freudismos sobre toda criatura inteligente, sobretudo se a sua inteligência tem a feição crítica. O que desejo agora acentuar é que me parece que esse sistema e os sistemas análogos ou derivados devem por nós ser empregados como estímulos de argúcia crítica, e não como dogmas científicos ou leis da natureza

(Fernando Pessoa, carta de 11 de dezembro de 1931)

Deo optimo maximo;

À Ivy, pelo amor e intimidade;

*Ao sempre espirituoso e carinhoso José
Orquiza (in memoriam).*

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Luiz Roberto Monzani, o grande responsável pela minha inspiração para constituir o foco e o andamento desta pesquisa, a quem muito admiro pela agudeza e profundidade de leitura no campo.

Ao professor Dr. Helio Honda, por ter me apresentado o caminho de modo cuidadoso e paciente. Por ter me mostrado a pesquisa em psicanálise, sobretudo o enfoque interessante do seu questionamento a partir da filosofia.

Ao professor Dr. João José R. L. de Almeida, que, além das valiosas lições oferecidas na qualificação, dispôs-se a discutir meus textos de modo rigoroso, ensinando-me qualidades importantes para quem almeja pesquisar dados na história.

Ao professor Dr. Francisco Verardi Bocca, pela apreciação criteriosa quando da qualificação e pelas importantes indicações de leituras.

À professora Dra. Josette Maria Alves de Souza Monzani, por ter oferecido sabedoria e acolhimento em momentos difíceis do percurso.

Às secretárias do Programa de Pós-graduação em Filosofia do IFCH da Unicamp, Sonia e Maria Rita, que forneceram todo o imprescindível suporte.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (Proc. Nr. 2011/03649-2), cujo apoio financeiro e institucional foi determinante para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos meus amigos e familiares, em especial à minha vivaz sogra Ika; ao Sérgio, pelas finíssimas discussões filosóficas; e ao Roberto, pela proximidade e lealdade.

À minha forte e corajosa irmã Olívia e ao seu querido marido Gabriel, que nesse ano trouxeram ao mundo o meu lindo e doce sobrinho Lorenzo.

Ao Daniel, irmão em quem me espelho e a quem respeito profundamente, e à sua querida esposa Juliana, casal inspirador que me ajudou em vários momentos desse mestrado.

Ao meu pai, Washington, por ter fornecido coragem e curiosidade, por ter estimulado a minha reflexão a respeito da causalidade entre as árvores e os ventos.

À minha mãe, Lizete, por ser admiravelmente crítica e igualmente atenciosa, e por ter ‘pegado firme no meu pulso’ sempre que eu precisei atravessar alguma rua movimentada de minha vida.

Por fim, à Ivy, esposa inteligente e muito amada, por quem tive a felicidade de me apaixonar na graduação e me casar no mestrado, com quem eu tenho a sorte de compartilhar os melhores momentos da minha vida.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar a concepção de Freud sobre ciência entre 1873 e 1900. Para tanto, assumimos uma leitura de orientação epistemológica na tentativa de remontar essa concepção contrapondo-a ao contexto e à articulação das proposições do autor, focando assim o teor de suas argumentações. Iniciamos pelo delineamento de um panorama no qual tentamos recuperar as influências históricas que Freud sofreu para o estabelecimento de sua concepção de ciência. Neste panorama, detectamos uma presença acentuada do modelo das *Naturwissenschaften*, uma vez que seus valores teriam advindo tanto de seu contato com os membros da escola de Helmholtz, representantes expressivos desse modelo, como também de Brentano e Mill, filósofos que defendiam a psicologia como uma disciplina autônoma e científica. A seguir, começamos a acompanhar internamente o percurso de Freud tendo em vista como essa concepção de ciência se manifestava no desenrolar de suas pesquisas. Vimos que inicialmente ele se ajustava a um programa neurofisiologista, em que o operar técnico no laboratório oferecia o tom de sua cientificidade. No entanto, logo começou a revelar uma disposição para defender o estudo científico de novos objetos, como a histeria e a hipnose. Dali em diante, sua concepção de ciência parece ter sido constantemente desafiada. A psicologia era pouco a pouco resgatada do estoque de suas influências para explicar o que ele observava mediante a fala de suas pacientes na clínica. Após tentar unir essa disciplina à neurologia para propor uma explicação científica aos processos psíquicos, Freud deparou-se com uma base conceitual nova, o que por sua vez implicava o nascimento de uma nova teoria, a metapsicologia. Sugerimos, ao final, que a concepção de ciência de Freud ainda pode revelar aspectos inexplorados, sendo estes muito provavelmente contributivos para o debate da cientificidade da psicanálise e da fundação histórica dessa disciplina.

Palavras-chave: Freud, ciência, psicanálise, epistemologia.

ABSTRACT

The aim of this work is to investigate Freud's conception of science between 1873 and 1900. For this purpose, we assume an epistemological oriented approach in an attempt to reconstruct this conception by setting it against to the context and the articulation of the author's propositions, by focusing on the content of his argumentation. We started by outlining a panorama in which we try to recover the historical influences that Freud suffered to establish his conception of science. In this panorama, we detect a strong presence of the model of the *Naturwissenschaften*, once his values could have been derived both from his contact with members of the school of Helmholtz, significant representatives of this model, as well as Brentano and Mill, philosophers who advocated psychology as an autonomous and scientific discipline. Afterwards, we begin to follow Freud's path internally in order to understand how this conception of science would manifest itself in the course of his research. We realized that initially he adjusted himself to a neurophysiologist program, in which the technical research in the laboratory offered the scientific tone. However, he soon began to show a willingness to defend the scientific study of new objects, such as hysteria and hypnosis. Thereafter, his conception of science seemed to be constantly challenged. Psychology was gradually brought back from the reserve of his influences to explain what he observed through the speech of his patients at the clinic. After trying to unite this discipline to neurology in order to propose a scientific explanation for psychic processes, Freud found a new conceptual basis, which in turn implied the birth of a new theory, metapsychology. We suggest, at the end, that Freud's conception of science still can reveal unexplored aspects, which are most likely to contribute to the debate on the scientific status of psychoanalysis and the historical foundation of this discipline.

Key words: Freud, science, psychoanalysis, epistemology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1.....	25
1.1. Possíveis influências históricas para a concepção de Freud sobre ciência	26
CAPÍTULO 2.....	55
2.1. Primeiros contatos com a ciência: desafiando o “Travailler sans raisonner”	56
2.2. Atestado de cientificidade para a histeria e hipnose.....	65
CAPÍTULO 3.....	79
3.1. Ciência da palavra: o “terreno da psicologia”	80
3.2. Psicologia científica para “explicar algo que vem bem do âmago da natureza”	91
CONCLUSÃO	117
<i>Naturwissenschaften</i> na concepção de Freud, território inexplorado?	117
REFERÊNCIAS	121

INTRODUÇÃO

Neste trabalho procuramos investigar a concepção de Freud sobre ciência em um período pré-estabelecido: de 1873, ano que consideramos o seu ingresso no meio científico, até 1900, em torno do período que se aproxima a publicação de *A interpretação dos sonhos*¹, mas sem incluí-la na investigação. Essa nos parece uma estratégia apropriada na medida em que queremos compreender a concepção de ciência de Freud, aquela que o teria levado a defender até o final de sua obra a proposição de cientificidade da psicanálise. Quais são os traços principais dessa concepção? Teria ela permanecido com os mesmos contornos durante toda a trajetória? É possível identificar indícios de modificações nessa concepção e quais influências podem ser a ela associadas?

Nossa hipótese principal é a de que várias passagens dos textos de Freud são passíveis de ser serem interpretadas tendo em vista a sua concepção de ciência. Alguns traços mais evidentes se revelam nos seus últimos textos, nos quais é possível perceber como, no final de sua obra, Freud conservava tanto seu apreço em relação à ciência quanto a sua disposição para se ajustar a sua particular *Weltanschauung*². Por exemplo, em *O futuro de uma ilusão* (1927), ele apresentou a ciência como “o único caminho que pode nos levar a um conhecimento da realidade externa e a nós mesmos” (p.31-32)³. Adiante, na conferência intitulada *Acerca de uma cosmovisão*, de 1933, ele argumentou que “apesar de ser inacabada atualmente e das dificuldades que lhe são inerentes, ela [a ciência] segue sendo indispensável para nós e não pode ser substituída por outra coisa” (p.161). Ainda, naquele que talvez tenha sido o seu último texto, *Algumas lições elementares sobre*

¹Daqui em diante: *A interpretação...* (1900).

²Nas palavras de Freud (1933): ““Visão de mundo” [“Weltanschauung”] é, receio, um conceito especificamente alemão cuja tradução para línguas estrangeiras talvez encontre dificuldades. Se me arrisso em oferecer uma tradução, é inevitável que ela se pareça estranha. Entendo, pois que uma visão de mundo é uma construção intelectual que soluciona de maneira unitária todos os problemas de nossa existência a partir de uma hipótese suprema; dentro dela, portanto, nenhuma questão permanece aberta e tudo que coleta nosso interesse encontra seu lugar preciso (...) Se tal é o caráter de uma visão de mundo, a resposta é fácil para a psicanálise. Como ciência especial, um ramo da psicologia – psicologia profunda ou psicologia do inconsciente –, ela é completamente inapta a formar uma visão de mundo própria; ela deve aceitar a visão de mundo da ciência. Mas, a visão de mundo científica já distancia notavelmente de nossa definição. É certo também que ela aceita a unidade da explicação do mundo, mas apenas como um programa cuja implementação é adiada para o futuro” (p.146, explicação em alemão do tradutor).

³Todas as citações retiradas de textos de idioma estrangeiro são de tradução e responsabilidade nossa, inclusive a que consta na nota de rodapé anterior.

psicanálise (1940), ele defendia a cientificidade da psicologia e, incluindo nessa, a psicanálise de modo enfático: “A psicologia é também uma ciência natural. O que mais ela poderia ser?” (p.284). Assim, a soma de expressões como essas revelariam uma concepção sobre ciência que no entender de Freud apresentava compatibilidade com a disciplina que ele arquitetara durante cerca de quatro décadas.

O problema se configura quando notamos que, como se sabe, tal compatibilidade não encontrou acessão, sobretudo, em alguns discursos filosóficos durante o século XIX. Houve quem separasse argumentos em seus textos para justificar o que na psicanálise poderia afastá-la de uma possível identidade científica, abrindo assim um debate prolífico sobre o assunto. Para exemplificar, mencionamos as proposições e argumentos dos filósofos que nos parecem ter obtido maior repercussão.

Em *The logic of scientific discovery* (2002), por exemplo, Popper considerou a psicanálise um programa metafísico de pesquisa, *i.e.*, mais próximo da mitologia do que daquilo que ele considerava como conhecimento científico. De fato, ao adotar a física como modelo, Popper demarcou um conceito de ciência que abrigava apenas teorias que apresentassem determinada coerência lógica entre elas e os resultados empíricos, por meio de uma metodologia que contivesse a possibilidade de aplicação da regra de inferência lógica *Modus tollens*⁴. Como na sua visão esse não era o caso da psicanálise, sua sentença fora a de que ela deveria partilhar o status de pseudociência junto ao marxismo e a psicologia individual de Adler⁵.

⁴Se A, então B. B é falso. Logo A é falso.

⁵Popper (2002) diz que chegou a sua teoria sobre o falsificacionismo, talvez a mais central de sua obra, ao questionar algumas teorias famosas de sua época, como a psicanálise, o marxismo, a psicologia individual de Adler e a teoria da relatividade de Einstein. Ele se questionou da seguinte forma: “Foi durante o verão de 1919 que comecei a me sentir cada vez mais insatisfeito com essas três teorias – a teoria marxista da história, a psicanálise e a psicologia individual, e comecei a sentir dúvidas sobre suas reivindicações de status científico. Meu problema talvez se configurasse em uma forma simples: ‘O que há de errado com o marxismo, a psicanálise e a psicologia individual? Por que essas são tão diferentes das teorias da física, das teorias de Newton e principalmente da teoria da relatividade?’ (...) o que me preocupava não era nem o problema da verdade, nessa fase, pelo menos, nem o problema da exatidão ou mensurabilidade. Foi, sim, que eu senti que essas outras três teorias, embora posando como se fossem ciências, tinham de fato mais em comum com os mitos primitivos do que com a ciência, que se assemelhavam à astrologia ao invés da astronomia” (POPPER, 2002, p.34). A partir dessa constatação, o filósofo diz que aprimorou suas observações e chegou à conclusão de que uma teoria científica não deveria ser aquela que buscasse confirmações para suas hipóteses porque, para ele, todas as teorias podem encontrar confirmações se assim almejarem. Ao contrário, a teoria científica seria justamente aquela capaz de apresentar critérios para que suas hipóteses não fossem confirmadas, *i.e.*, critérios para possíveis refutações (Ibid., p.35).

Aparentemente mais desencantado com a ciência do que Popper, mas não necessariamente a abandonando⁶, Heidegger, em seus *Zollikon Seminars* (2001), considerou que Freud entendeu a ciência como a única forma de conhecimento que poderia abarcar a mente humana. Isso teria ocorrido na medida em que Freud defendeu que seria possível explicar o homem por meio dos instintos e, dessa forma, também a relação mente e corpo. Do mesmo modo, o filósofo argumentou que Freud teria sido cartesiano, por ter adotado a cisão sujeito-objeto nas suas explicações, e neokantista, por ter pensado que a sua metapsicologia daria conta de explicar aquilo que se situa fora da consciência (Ibid.). Uma vez presentes em seu pensamento, esses aspectos teriam afastado Freud e seu projeto de ciência daquilo que, na perspectiva de Heidegger, realmente é importante: a busca pelo sentido do ser⁷.

Por sua vez, em suas *Conversations on Freud* (1982)⁸, Wittgenstein considerou que Freud não teria feito ciência, mas teria construído uma “mitologia poderosa” ao entender que estava estudando cientificamente o mito⁹. Para o filósofo, ao confiar que o assentimento dos pacientes era um modo experimental adequado para encontrar as causas de processos psíquicos, Freud teria confundido causas com razões, pois só lhes dava acesso às razões¹⁰. Por esse motivo, Freud teria praticado “investigações estéticas”, e não ciência,

⁶“Não há um abandono da ciência, mas, ao contrário, o seu objetivo [da busca pelo ser] é chegar a uma relação atenciosa e conhecedora com a ciência, pensando-a realmente por meio de suas limitações” (Ibid.).

⁷“Para a ciência o domínio dos objetos já está pré-estabelecido. As pesquisas se encaminham na mesma direção que as respectivas áreas já discutiram pré-cientificamente. Essas áreas pertencem ao mundo cotidiano. No entanto, não é o mesmo com o ser. Claro, o ser é também iluminado antecipadamente, mas ele não é percebido ou refletido explicitamente. Enquanto o ser não é o mesmo que os seres, a diferença entre seres e ser é o problema mais fundamental e difícil. O problema é ainda mais dificultado se o pensar é determinado pela ciência, a qual lida apenas com os seres. A opinião recorrente hoje em dia é como se a ciência sozinha pudesse providenciar a verdade objetiva. A ciência é a nova religião” (HEIDEGGER, 2001, p. 8).

⁸As reflexões de Wittgenstein sobre Freud e a psicanálise aparecem dispersamente em sua obra (ALMEIDA, 2007). Com isso em mente, vale dizer que aqui nos ocupamos apenas com aquelas que encontramos em suas conversas relatadas por seu amigo e aluno Rush Rhees.

⁹“Freud se refere a vários mitos antigos nessas conexões [em busca de associações para explicar os sonhos], e ele alega que suas pesquisas conseguiram explicar como aconteceu de alguém pensar em ou propor um mito dessa espécie. Freud, de fato, fez algo diferente. Ele não deu uma explicação científica para um mito antigo. O que ele fez foi propor um novo mito. O atrativo da sugestão, por exemplo, de que toda ansiedade é a repetição do trauma do nascimento, é apenas o atrativo de uma mitologia” (WITTGENSTEIN, 1982, p.9).

¹⁰“O que Freud diz sobre o inconsciente soa como ciência, mas na verdade é apenas meios de representação. Novas regiões da alma não foram descobertas, como sugerem seus escritos. A exposição de elementos de um sonho, por exemplo, um chapéu (que pode significar praticamente qualquer coisa) é uma exposição de símiles. Como na estética, as coisas são colocadas lado a lado para se exibir determinadas características. Essas lançam luz sobre o nosso modo de ver os sonhos; elas são razões para o sonho. [Mas este método de analisar os sonhos não é análogo ao método para se encontrar as causas de uma dor no estômago]. É uma confusão dizer que a razão é uma causa vista do interior. Uma causa não pode ser vista nem por dentro nem

isso porque, na visão do filósofo, tanto nessas quanto na psicanálise as razões são encontradas por meio de “consentimentos”¹¹. O veredito de Wittgenstein, portanto, foi o de que Freud teria feito especulações: “Freud constantemente alega ser científico. Mas o que ele faz é especulação – algo antes mesmo da formação de qualquer hipótese” (WITTGENSTEIN, 1982, p.3).

Como se do problema também pudesse surgir o caminho à solução, no nosso entender, filósofos como estes, partindo de seus referenciais particulares, fomentaram o debate sobre a identidade da disciplina cunhada por Freud, tornando-se possíveis interlocutores para uma discussão sobre o tema. Apesar do fato de que não estudaremos os modos pelos quais essas contribuições foram apreciadas pelos psicanalistas – isto é, até que ponto estes últimos abrigaram os argumentos dos filósofos e refletiram o seu campo de estudo e sua identidade –, elas podem nos auxiliar aqui à circunscrever a discussão que se encontra no horizonte do presente trabalho, *i.e.*, a cientificidade da psicanálise.

Todavia, diferentemente de uma exposição que busca se ocupar com esse debate situando diretamente a altercação dos argumentos pró ou contra essa cientificidade, a nossa abordagem será constituída pela investigação da concepção de ciência que levou Freud a defender a cientificidade de sua disciplina. Mais especificamente, investigaremos essa concepção em um dos períodos que consideramos de maior relevância para a obra desse autor: aquele que antecede a escrita de *A interpretação...* (1900), na qual a gestação conceitual encontrava-se em alta operosidade e a base epistemológica da psicanálise era engendrada. Quando Freud escreveu esta obra, ele já se relacionava com a ciência há quase três décadas e, como sabemos, já acumulava uma grande quantidade de textos e cartas. Nesses escritos, não era incomum aparecer referências a ciência, ora para sinalizar o seu entendimento sobre o que poderia constar em seu domínio, ora para defender porque suas ideias recém articuladas ou ideias que ele encontrara validade em outras pesquisas deveriam ser consideradas científicas. Em qualquer dos casos, ele amiúde revelava uma

por fora. Ela é encontrada por meio de experimentação. [Ao habilitar alguém à descobrir razões para uma risada, a psicanálise providencia] meramente uma representação dos processos” (Ibid., p.10).

¹¹“O caminho para a psicanálise descobrir o porquê que uma pessoa dá risada é análogo ao de uma investigação estética. Para se obter precisão em uma análise estética deve haver o consentimento da pessoa a quem a análise é feita. A diferença entre razão e causa é exposta da seguinte forma: a investigação de uma razão precisa em essência do consentimento de alguém, enquanto a investigação de uma causa é realizada experimentalmente” (Ibid.).

concepção de ciência que buscava inclusão para suas ideias, fossem teóricas, metodológicas ou sobre suas técnicas terapêuticas.

Desta maneira, nossa contribuição para o debate supramencionado pode ocorrer na medida em que remontamos a constituição dessa concepção em contraponto ao seu contexto e à articulação de suas proposições, focando assim as razões argumentativas do autor que o suscitou. Por isso, percebemos nossa pesquisa mais próxima de uma epistemologia da psicanálise do que de uma filosofia da ciência. Isso porque perguntaremos pela maneira com que Freud pretendia adaptar suas aquisições teóricas, seus objetos e métodos de estudo à uma determinada concepção de ciência. Parece-nos ser diferente de uma pesquisa com fito de filosofia da ciência, que buscaria avaliar a cientificidade de Freud a partir de um conceito externo de ciência, o que, no nosso entender, pode resultar em uma chave de leitura rígida, que inviabilizaria a compreensão das pretensões do autor, podendo, inclusive, desvalidar sua cientificidade de antemão. Portanto, aqui adotamos a diferença que Monzani (1991) traz sobre essas duas vertentes:

Percebe-se facilmente a diferença entre uma filosofia da ciência e uma epistemologia: a primeira procura impor de fora, como uma camisa de força, certos critérios que julga válido para toda disciplina que se queira científica; a segunda parte de uma leitura e de um trabalho interno, procurando explicitar em cada caso quais são os critérios e o regime de validação. A pergunta que ela se coloca não é: a psicanálise é uma ciência? Mas essa outra: que tipo de cientificidade nos traz o discurso psicanalítico? E, a partir daí, nossa ideia de ciência deve ser reformulada ou não? (p.131)

Mediante nosso entendimento de que Freud não quis idealizar um conceito novo de ciência, a nossa primeira tarefa foi a de delinear um panorama sobre as influências históricas que ele teria sofrido para compor sua concepção sobre esse campo do saber. Isso foi feito no nosso primeiro capítulo, no qual tentamos explicitar a sua relação com determinados autores que possivelmente teriam lhe dado elementos para que ele gradualmente construísse sua ideia de ciência. Vale dizer que procuramos focar aqueles autores com quem Freud teve tanto contato direto com a obra como contato pessoal, durante o processo de formação acadêmica, evitando fazer relações por analogia ou afinidade teórica.

Com esse panorama esquematizado, no segundo capítulo, acompanhamos os textos de Freud de modo interno e cronológico. De saída, a partir de 1873, estudamos os seus

primeiros anos no laboratório e tentamos averiguar qual concepção de ciência que ele teria manifestado até sua mudança para o hospital, o que ocorreu em 1882. Esse foi um momento complicado da investigação porque na época Freud estava começando suas pesquisas e, por isso, não publicava de modo tão periódico. Por outro lado, quando, no mesmo capítulo, nos aproximamos ao período em que ele passou a pesquisar a hipnose e a histeria, percebemos que dali em diante a sua concepção de ciência se revelaria de modo mais acessível, pois apareceria um Freud disposto a defender a cientificidade de certas ideias, assim como uma disposição para pesquisar questões que escapavam do *mainstream* científico que ele fora introduzido.

Já o terceiro e último capítulo destinamos exclusivamente ao estudo de como a concepção de ciência de Freud se manifestou durante a fecunda e intrincada década de 1890. Nesta, Freud produziu textos de suma importância para o que viria a ser a psicanálise, nos quais começavam a aparecer os conceitos e técnicas constitucionais dessa disciplina. Tratava-se do momento em que as neuroses ocupariam o lugar de destaque em suas investigações, uma vez que apareceriam o inconsciente e a sexualidade como entendimentos teóricos desafiadores para sua cientificidade.

CAPÍTULO 1

1.1 Possíveis influências históricas para a concepção de Freud sobre ciência

Durante o século XIX, os entendimentos sobre a ciência passavam por um momento aparentemente prolífero e agitado. A filosofia da natureza (*Naturphilosophie*) era paulatinamente sobrepujada na medida em que a física e a matemática apareciam para definir aspectos do modelo que a ciência moderna deveria seguir dali em diante. Algumas correntes teóricas se tornavam cada vez mais presentes nos discursos de demarcação, entre elas a física newtoniana, a filosofia kantiana e as teorias darwinianas, teorias que proporcionavam certos métodos e concepções que aparentemente serviriam para traçar as barreiras entre quem poderia ou não falar em nome da ciência.

Assim, na tradição do conhecimento em que Freud se inseriu, a medicina, em seus diversos campos, começava a estabelecer com a física uma relação cada vez mais consistente, abrindo espaço para uma exploração experimental do corpo. A psicologia, por sua vez, começava a almejar uma identidade sólida, conhecendo então os pioneiros que tentariam torná-la numa disciplina científica. Vários destes tentavam estudar a mente de modo experimental, aplicando conceitos da física e da matemática nos processos psicológicos. Freud entra nesse intrincado cenário na segunda metade do século, conduzido pelos seus professores universitários. Estes contribuíram para uma formação diversificada, durante a qual ele não teria tido contato somente com o *mainstream* científico, mas também com pesquisas externas e com a filosofia. Para compreender as vicissitudes dessa formação, que certamente foi decisiva para a constituição de sua concepção de ciência, tentaremos reunir alguns nomes que, no nosso entender, compuseram a rede de influências sofridas por ele para conceituar a ciência do modo que o fez¹². Mesmo que não consigamos fazer isso de modo exaustivo, suspeitamos que esse exercício nos auxilie a começar a entender algumas das razões pelas quais Freud acreditaria que seria possível combinar as palavras ciência e psicanálise.

¹²Para selecionarmos previamente os nomes que compuseram essa rede de influências, alguns textos foram consultados e vale aqui mencioná-los: *Freud's Neurological Education and its Influence on Psychoanalytic Theory* (AMACHER, 1965); *Freud, Biologist of the Mind* (SULLOWAY, 1992); *Introdução à Epistemologia Freudiana* (ASSOUN, 1983); *Freud's Earliest Theories and the School of Helmholtz* (BERNFELD, 1944); *Raízes britânicas da psicanálise: As apropriações de Stuart Mill e Hughlings Jackson por Freud* (HONDA, 2002); *O Inconsciente Temporalizado* (ALMEIDA, 2005), *Contribuição para o debate acerca de "uso compartilhado" em psicanálise* (BOCCA, 2012).

Johan Friedrich Herbart pode ser o primeiro nome para alocarmos nessa rede. Matemático e filósofo da educação do começo do século XIX, Herbart foi um dos primeiros deste século a tentar construir uma psicologia científica. Do seu ponto de vista, isso poderia ocorrer se a psicologia fosse fundamentada por meio de conceitos matemáticos. E a valorização da matemática faria sentido porque Herbart a pensava como “a ciência dominante de nosso tempo” (HERBART *apud* LEARY, 1982, p.155). Porém, esta estratégia específica para tornar a psicologia uma disciplina científica não seria inédita, pois, mesmo antes dele, outros já tentavam encontrar uma ordenação causal na alma por meio da aplicação da matemática aos fatos psicológicos, entre eles Leibniz, Bernoulli, Condorcet, Hutcheson, Maupertuis, Wolff etc. (LEARY, 1980). Entretanto, teorias dessa ordem teriam se esbarrado num obstáculo teórico na medida em que a obra de Kant se tornou reconhecida. Kant argumentou que os fenômenos psicológicos não seriam passíveis de cientificidade porque eles não apresentariam características essenciais para serem explorados cientificamente. Na sua visão, para que algo fosse digno de cientificidade, a possibilidade de estudar matematicamente seus dados empíricos seria algo indispensável. Por isso, a psicologia, fosse ela racional¹³ ou empírica, não poderia ser científica porque seus objetos de estudo não apresentariam a possibilidade de análise e observação espaciais, restando aos interessados apenas uma insuficiente avaliação temporal de seus processos (Ibid., 1982). Logo, o máximo que a psicologia poderia fazer seria se aproximar do conhecimento científico ao adotar uma metodologia antropológica, na qual poderia observar e descrever apenas os fatos externos, nunca os internos (Ibid.).

Herbart, que foi leitor de Kant – inclusive sendo o sucessor de sua cadeira na universidade de Königsberg –, encontrou uma motivação dentro das desaprovações recebidas para criar seu sistema de psicologia (Ibid.). Assim, valorizando um argumento do próprio filósofo, Herbart encontrou um caminho para validar a cientificidade de seu sistema de psicologia. Isso porque Kant também teria argumentado que os fenômenos psicológicos variariam temporalmente, em grau e em intensidade:

¹³Segundo Leary (1978), Kant inviabilizava a psicologia racional, antes de tudo, por ter percebido a seguinte característica da alma: “Saber a natureza da alma, ou do Eu, ele [Kant] argumentou, está além do poder da razão humana. Não pode haver um conhecimento puramente racional da alma. Todos os argumentos sobre a alma: substancialidade, simplicidade, identidade e relação com o mundo empírico, em última instância, começam com “a única proposição ‘eu penso’”. Esta proposição é empírica, e não racional. Ela baseia-se em uma experiência *a posteriori*, em vez de em uma razão *a priori*” (p.114).

Curiosamente, ele [Herbart] baseou este sistema em uma ideia postulada por Kant e repetida por Fries, ou seja, que os fenômenos psicológicos podem ser distinguidos como mais ou menos intensos e que seu grau de intensidade varia ao longo do tempo. Kant tinha se referido à implicação desta premissa quando afirmou em *Metaphysische Anfangsgründe der Naturwissenschaft* que os fenômenos psicológicos não podem ser tratados matematicamente "a menos que se considerem apenas as leis de continuidade no fluxo de... mudanças internas" (LEARY, 1978, p.118)

Então, a proposta de Herbart se tornou estudar a psicologia por meio de conceitos que alcançassem essas variações temporais no processo psíquico. Segundo Leary (1980), é possível destacar quatro desses conceitos para compreender seu sistema, os quais teriam sido primeiramente propostos por Leibniz e que chegaram até Herbart por meio das obras de autores como Wolff, Tetens, Tiedemann, Fries e, inclusive e especialmente, do próprio Kant. São eles: *intensidade*, *continuidade*, *variação e covariação*. O conceito de intensidade permitiria uma avaliação quantitativa dos processos psíquicos, uma vez que estes passariam a ser entendidos como forças. Pela *continuidade*, os processos psíquicos poderiam ser dispostos em um “*continuum*”, em que “na extremidade de um lado, [estariam] aqueles que carecem de intensidade suficiente para emergir 'o limiar da consciência' a partir de baixo, e, por outro lado, aqueles que possuem as maiores quantidades de intensidade e, assim, monopolizam a atenção da consciência” (LEARY, 1980, p.154). Já o conceito de *variação* serviria para que Herbart explicasse como os graus de intensidade dos processos psíquicos variariam ao longo do tempo¹⁴. Esses três conceitos, portanto, deixariam entender que seu pensamento excluiria a possibilidade de um *acaso* regendo os fatos psicológicos. Recusando o acaso, Herbart pensou que seria possível aplicar princípios mecânicos para estudar a psicologia, e, para explicar estes princípios, ele propôs o [quarto] conceito de *covariação*, que pressupunha uma relação de proporcionalidade entre a intensidade das representações:

De acordo com este conceito, os fenômenos mentais constituem um sistema mecânico no qual qualquer aumento de intensidade de uma representação é reciprocamente relacionado com uma diminuição proporcional na intensidade da outra representação. Com esta premissa, o alicerce da psicologia matemática de Herbart estaria completo, pois se os aumentos e diminuições de intensidade são

¹⁴“Esta variação temporal da intensidade representaria o “ir e vir” das ideias (ou “representações”). Quando os fenômenos mentais ganham intensidade (em relação à intensidade de outros fenômenos mentais concorrentes), eles “emergem” para o ponto alto da consciência; quando eles perdem intensidade, eles “afundam” em direção, e às vezes, abaixo dos níveis de consciência” (LEARY, 1980, p.154).

exatamente proporcionais, como afirma Herbart, então eles podem ser matematicamente representados (LEARY, 1980, p.154)

É por meio desses conceitos, que compõem o “alicerce de sua psicologia”, que talvez possamos [ao menos] aproximar o pensamento de Freud ao de Herbart. Primeiro porque, no entremeio de suas ideias, Herbart trabalhou com a ideia de que haveria um lado inconsciente da mente. Para ele, se a representação não carregasse consigo uma determinada quantidade de intensidade, ela não alcançaria o campo da consciência. Leary (1980) entende que isso remete a uma noção de inconsciente¹⁵, em que aquilo que Herbart chamou de limiar (*threshold*) seria um conceito para dividir o que estaria e o que não estaria no campo da consciência. De fato, segundo Reed (1994), este conceito seria uma contribuição de Herbart para o entendimento de como as ideias emergiriam à consciência, não significando portanto que ele tenha procurado propor um lado inconsciente da mente.

Herbart, por exemplo, conjecturou sobre ideias inconscientes e, em grande escala, inventou o moderno conceito de limiar [*threshold*] para explicar quando as ideias “vieram à consciência”. Mas Herbart enfatizou apenas as ideias, ele não especulou sobre a existência de uma mente inteiramente inconsciente, ou mesmo parte desta mente (REED, 1994, p. 273)

Já Assoun (1983) ressalta que, para explicar o desaparecimento da representação, Herbart utilizou o conceito de repressão (*Verdrängung*), o que poderia indicar outro ponto de aproximação entre Herbart e Freud. De fato, este conceito seria muito usado e estimado por Freud, uma vez que, diante das especificidades que sua psicanálise acrescentaria a ele, chegou a classificá-lo como “o pilar fundamental sobre o qual descansa o edifício da psicanálise, sua peça mais essencial” (1914, p.15). Entretanto, o conceito que poderia mostrar melhor uma possível aproximação do pensamento de Herbart em Freud talvez fosse mesmo o de representação (*Vorstellung*). É certo que este conceito já aparecia frequentemente entre os pensadores alemães, como em Schopenhauer e em Kant, mas com Herbart parece ter encontrado um lugar específico para viabilizar a psicologia como disciplina científica. Segundo ele, “a psicologia constrói o espírito com representações, como a fisiologia constrói o corpo com fibras” (HERBART *apud* ASSOUN, 1983, p.155). E este conceito também se fez presente na obra de Freud, mas com algumas diferenças, tais

¹⁵“Além disso, é interessante notar que esta citação [de Herbart] e algumas outras citações anteriores também contêm a ideia de inconsciência e a hipótese de que nenhuma representação pode ser totalmente destruída. Todas essas ideias são fundamentais para a psicologia de Herbart” (LEARY, 1980, p.154).

como o fato de este ter trabalhado com a hipótese de que a representação poderia se separar do afeto (ASSOUN, 1983). De todo modo, *mutatis mutandis*, houve, em Freud e Herbart, o uso da representação para trazer os conceitos de força e energia aos processos psíquicos, o que revela que ambos adotaram explicações notadamente dinâmicas e econômicas.

No entanto, mesmo com essas proximidades conceituais em mente, ainda vale perguntar se tais semelhanças seriam suficientes para afirmar que Herbart teria composto parte da tradição científica freudiana, ou então, tendo em mente que Freud não cita Herbart em sua obra, se essas relações não passariam de coincidências teóricas entre os autores. Segundo Sulloway (1992), que parece responder positivamente à primeira dessas perguntas, além de Herbart ter influenciado outros que aparecem na tradição científica de Freud, tal como Fechner e Meynert, o próprio Freud teria lido um manual de psicologia no seu último ano do *Gymnasium* que seria “baseado quase que exclusivamente nos ensinamentos da escola de Herbart” (SULLOWAY, 1992, p.67). Assoun (1983), por outro lado, acredita que não pode haver “um elo pessoal de Herbart a Freud, mas da transferência de um modelo” (1983, p.154). Para ele, que também cita a leitura de Freud do manual no *Gymnasium*, o pensamento herbartiano teria chegado a Freud principalmente por ter sido muito expressivo na psicologia e na psiquiatria alemã do século XIX, tendo influenciado seus grandes pensadores, como Wundt, Fechner, Müller, Griensinger etc. (Ibid.).

Todavia, outro ponto pode ser evidenciado para se questionar acerca de uma possível influência de Herbart em Freud. Trata-se do fato de que este último teve aulas com Franz Brentano, filósofo que também utilizou o conceito de representação para fundamentar sua psicologia e que também defendeu rigorosamente a cientificidade desta disciplina¹⁶. Certa vez, em busca de conselhos filosóficos, Freud e seu amigo Paneth teriam visitado Brentano e teriam descoberto, entre outras coisas, que o professor reprovava a psicologia de Herbart. Em uma carta para seu amigo Eduard Silberstein, Freud relata como teria ocorrido a visita, e, ao que dá a entender, ele parece inclinar-se para o posicionamento de Brentano sobre Herbart. Convém citar essa passagem:

[Brentano] queixou-se de que na filosofia [em Viena] estava tudo parecendo um deserto, ao que Paneth, que ouvia as palestras de Zimmerman, começou a degradá-lo sensivelmente, colocando Brentano num dilema e levando-o a se manifestar sobre Herbart. Amaldiçoou a valer as construções apriorísticas dele no

¹⁶A relação de Freud com Brentano será trabalhada brevemente no final deste capítulo.

terreno da psicologia, considerou imperdoável que jamais lhe tenha ocorrido pôr em discussão as experiências e os ensaios, a fim de averiguar se estes também concordavam com as suas suposições arbitrárias, confessou-se francamente partidário da escola empírica, que transfere os métodos das ciências naturais à filosofia e principalmente à psicologia (de fato, esta é a principal utilidade da sua filosofia, e a única que, para mim, a torna tolerável), e falou-nos de algumas estranhas observações psicológicas que mostram o que há de infundado nas especulações de Herbart. O que mais se precisa é realizar experiências profundas sobre questões específicas, para se chegar a resultados específicos seguros, em vez de pretender abranger o todo da filosofia, o que não seria possível, pois a filosofia e a psicologia são ciências ainda muito jovens e que, principalmente no que se refere à fisiologia, não podem esperar nenhum tipo de apoio (FREUD, 1995, p.122, carta de 15 de março de 1875)

Sendo assim, torna-se ainda mais complicado afirmar que Freud teria acolhido influências do pensamento de Herbart. Por isso, com base no apresentado, preferimos sustentar por ora que o fato de Herbart ter procurado estabelecer uma psicologia que ele pudesse denominar científica, enfrentando, inclusive, os argumentos adversativos de Kant, pode ter chegado a Freud, pelo menos por meio daqueles que compõem os elos da corrente que liga esses dois pensadores.

No entremeio desses elos, podemos nos lembrar de Johannes Müller, isso porque ele teria sido mentor de alguns dos nomes que receberam Freud na universidade. Suas teorias em si não parecem ter influenciado Freud, pois Müller teria sido adepto à filosofia do *vitalismo*, o que, entre outras coisas, significa que ele pensava que haveria uma única força – força vital (*Lebenskraft*), diferente da do conceito de energia – que poderia explicar todos os processos vitais (AMACHER, 1965). No entanto, curiosamente, Müller teria permitido aos seus alunos que pesquisassem teorias claramente divergentes das suas¹⁷. E esses alunos foram grandes pesquisadores reconhecidos por Freud, como Emile du Bois-Reymond, Carl Ludwig, Hermann Helmholtz e Ernst Brücke. Estes nomes lideraram grande parte das pesquisas de diversas áreas das universidades alemãs daquele período¹⁸.

Em particular, Ernst Brücke foi o grande professor de Freud que o recebeu na universidade em 1876 e, como aprofundaremos no próximo capítulo, lhe passou alguns dos valores sobre a ciência que o aluno carregaria consigo adiante. Agora vale mencionar que este e os outros três alunos de Müller teriam fundado a *Helmholtz School of Medicine*

¹⁷“Müller deu todo encorajamento possível aos seus alunos, tanto em experiência quanto em suas teorias, as quais estavam inclinadas a descredibilizar seu vitalismo” (Ibid., p11).

¹⁸“Dentro de vinte e cinco a trinta anos eles conseguiram domínio completo sobre o pensamento de fisiologistas, professores e médicos alemães, dando estímulo intenso para a ciência em todos os lugares e resolvendo alguns dos antigos enigmas para sempre” (BERNFELD, 1944, p.349).

[Escola de medicina de Helmholtz], na qual seus membros tinham como objetivo suprimir a filosofia do vitalismo ao encontrarem as forças físico-químicas que regeriam o organismo (AMACHER, 1965; BERNFELD, 1944). Este grande compromisso fica evidenciado em uma carta de Du Bois Reymond a Brücke, quando suas intenções conjuntas de buscar corroboração para uma conjectura são anunciadas até em forma de juramento:

Brücke e eu fizemos um juramento solene de colocar no poder a seguinte verdade: Não há outras forças ativas dentro do organismo senão as conhecidas físico-químicas. Naqueles casos que ainda não podem ser explicados por meio dessas forças, ou será preciso encontrar o modo ou forma específica de suas ações por meio do método físico-matemático, ou assumir novas forças dignamente iguais às físico-químicas, que são inerentes à matéria, reduzíveis à força de atração e repulsão (DU BOIS REYMOND *apud* BERNFELD, 1944, p.348)

Guiados por este modo reducionista de pesquisar, no qual também despontavam aspectos de suas concepções da ciência¹⁹, eles conseguiram propor experimentos significativos para a época. Devido às então inovações tecnológicas, como as invenções do galvanômetro e do amperímetro, os experimentos de Du Bois Reymond descreviam as variações dos fenômenos elétricos nos nervos e nos músculos. Já Helmholtz teria aproveitado essas descrições e conseguido medir o tempo do intervalo entre um estímulo e a contração resultante no músculo. Brücke, por sua vez, teria adotado esses resultados dos colegas em suas aulas e defendido que a excitação transmitida nos nervos variava quantitativamente (AMACHER, 1965, p12-13). Tratava-se de novidades importantes que lhes permitiam prosseguir com o fisicalismo para dentro do sistema nervoso, visto que agora, sendo possível medir as correntes elétricas, algumas antigas concepções seriam apartadas do *mainstream* científico:

Eles tinham avançado para além da ideia antiga de que a excitação nervosa era transmitida por meio de algum tipo de movimento de fluido ou espírito através dos nervos, mas ainda era possível pensar a transmissão como análoga, em várias maneiras, ao fluxo de um fluido através de um tubo (Ibid., p.14)

Aparentemente também se tratava de um momento interessante para aqueles que futuramente gostariam de construir uma psicologia científica, pois ali se iniciava a constituição do laço entre a física e a fisiologia. Laço para o qual Helmholtz contribuiu expressivamente quando se apropriou da *lei de conservação da força* postulado na física

¹⁹“Naquela época como agora, a física e a química eram os modelos aceitos de ciência” (AMACHER, 1965, p.10).

por Mayer²⁰ para introduzi-la ao campo da fisiologia (HELMHOLTZ, 1847, p.183-84). A lei permitia a Helmholtz pressupor que, em qualquer sistema que houvesse força, esta seria indestrutível, jamais se transformaria ou perderia qualquer quantidade:

Segue-se daí que a quantidade total de todas as forças capazes de trabalho em todo o universo permanece eterna e imutável em todas as suas alterações. Toda mudança na natureza ascende a isso, que a força pode mudar sua forma e localização sem alterar a sua quantidade. O universo realmente possui uma loja de forças que não é alterada por qualquer mudança de fenômenos, não pode nem ser aumentada nem diminuída, e que mantém qualquer mudança que ocorre nele (HELMHOLTZ, 1847, p.219)

A partir desta concepção, Helmholtz trabalhava com a hipótese de que o calor observado nas contrações musculares denunciaria a presença de força. Isso acabaria levando à fisiologia uma metodologia inédita, já que os experimentos permitiam entender que a lei também se aplicaria a organismos vivos. Logo, a fisiologia passava a se escorar nos conceitos da física e, por conseguinte, no seu certificado de cientificidade. Daí que talvez possamos distinguir Helmholtz como alguém que também teria contribuído para a constituição da proposta de uma psicologia científica. Não que este teria sido seu propósito, mas isso pode ter ocorrido na medida em que alguns futuros psicólogos usufruíram das suas ideias para preencher o *gap* metodológico que, desde os problemas levantados pela filosofia kantiana, impossibilitava o estudo científico da psicologia. Isso pode ter ocorrido principalmente por meio de Wundt e Fechner, os quais, próximos e contemporâneos a Helmholtz, foram dois dos pioneiros da psicologia que se arriscariam nesse projeto de cientificidade.

Esses psicólogos, cada qual à sua maneira, argumentavam em favor de que o lugar da física na psicologia poderia ser viabilizado na medida em que se adotasse o *paralelismo psicofísico*. Esta ideia teria suas raízes em Leibniz e implicava considerar que os processos físicos e psíquicos seriam paralelos, o que, no entanto não deveria significar negação da ocorrência de uma relação entre eles, mas somente que, nessa relação, não houvesse nem interação e nem a possibilidade de um reducionismo a um dos lados (ARAÚJO, 2009, p.216). Sendo assim, é curioso pensar que Helmholtz, nesta ocasião, parece ter feito algo

²⁰O próprio Helmholtz afirma que a ideia de conservação da força não teria sido proposta por Mayer, pois, segundo ele, Bernoulli, Rumford, e Davy teriam trabalhado com a ideia muito antes do primeiro. No entanto, Helmholtz dá a Mayer o crédito de torna-la numa lei universal. Além disso, vale mencionar que Helmholtz também teria se apropriado dos então recentes experimentos de Joule sobre a relação do calor com as correntes elétricas (HELMHOLTZ, 1847, p.183).

semelhante ao seu orientador, Müller, quando este não impediu que seus alunos inclinassem suas pesquisas para concepções diferentes das suas. Isso teria acontecido na medida em que Helmholtz não impediu que seus alunos adotassem o *paralelismo psicofísico*, mesmo que ele próprio o rejeitava:

Ele [Helmholtz] argumentava a favor da incompatibilidade entre o livre-arbítrio e o determinismo. Em sua opinião, o reino do mental, com toda a sua atividade voluntária e espontânea, não deveria ser misturado com processos nomológicas e necessários da natureza da maneira como o paralelismo psicofísico os misturava, e que mesmo na ciência natural, pelo menos temporariamente, deveria ser tolerado o interacionismo (HEIDELBERGER, 2004, 178)

Mas esta sua concepção não teria impedido Wundt, assistente de Helmholtz durante cinco anos na Universidade de Heidelberg²¹, de propor uma reforma na psicologia da época adotando tanto o princípio do *paralelismo psicofísico* quanto o *princípio de causalidade* nos fatos psicológicos (ARAÚJO, 2009; 2010). Esses princípios teriam contribuído para sua famosa criação do primeiro laboratório de psicologia no ano de 1879, em Leipzig, no qual Wundt procurou estabelecer a disciplina como autônoma e, a seu ver, científica (Ibid.). Ciente de Herbart e seu projeto, ele também teria reconhecido e confrontado os obstáculos teóricos da filosofia kantiana, porém, diferentemente de Herbart, seu posicionamento não seria apenas o de considerar os argumentos de Kant que o permitiriam seguir adiante com seu projeto de cientificidade. Wundt, de fato, acreditava que seria possível aperfeiçoar o que Kant havia postulado utilizando-se daquilo que haveria de novo em sua época (Ibid.). Portanto, ele tentaria construir uma psicologia científica por meio da valorização da física e da fisiologia – e não apenas por meio uma estreita aplicação matemática nos fatos psicológicos, como quis Herbart.

Ainda assim, tal experimentação não seria suficiente para seu projeto de psicologia, já que Wundt entendia que os estudos sociais e filosóficos também seriam imprescindíveis para se estudar o psiquismo. Opção teórica que faz sentido quando consideramos que sua tradição não estaria arraigada no empirismo inglês, mas inclinada ao racionalismo de Leibniz (HONDA, 2004, p.274). Por meio desta inclinação, ele conceberia a mente não apenas como consciência, mas abrigando também as “*petites perceptions*” que estariam no

²¹Segundo Meulders (2010), a saída de Wundt do laboratório de Helmholtz não teria acontecido de modo amigável: “Helmholtz lamentou que não tivesse sido sempre liberal o suficiente com seus próprios alunos, e a saída de Wundt, que estava cansado da autoridade opressora de seu mentor, teria o deixado com um gosto amargo” (p.202).

âmbito inconsciente (Ibid.). E, para estudar o inconsciente, ele entendia que a psicologia deveria transcender o laboratório e abarcar as esferas sociais (ARAÚJO, 2010). Este dado parece contrariar grande parte dos manuais que o associam unicamente ao berço da psicologia experimental (Ibid.).

Freud parece não ter reconhecido Wundt como um dos pioneiros da psicologia, mas nem por isso deixou de evocá-lo em diversas passagens de sua obra. Nestas, não parece haver uma tentativa de alinhamento teórico, nem mesmo um reconhecimento epistemológico de Wundt como um psicólogo que teria estudado cientificamente o inconsciente. Freud se remete a ele mais como filósofo do que como psicólogo e utiliza suas ideias ora para corroborar suas próprias, ora para apresentá-las como negativo dessas. Por exemplo, no prefácio de *Totem e Tabu* (1913), Freud diz que uma de suas motivações para escrever este texto seria a de apresentar um modo diferente daquele que Wundt teria tratado o assunto, um modo que levaria em consideração a psicologia analítica (FREUD, 1913, p.7). E, de fato, no texto é possível vê-lo rebatendo muitas ideias de Wundt, mostrando-se até mesmo desapontado com a falta de aprofundamento na pesquisa sobre o tema do tabu:

Pois bem, a primeira dessas teses não se pode contradizer, mas acredito estar interpretando a impressão de muitos leitores se eu qualificar o esclarecimento de Wundt como decepcionante. O que ele faz, de fato, de modo algum caminha para as fontes de representações do tabu ou mostrar suas raízes últimas (FREUD, 1913, p.33)

Por outro lado, em outros textos, é possível ver Freud concordando com ideias de Wundt sobre os sonhos (Freud, 1900) e reconhecendo que o “experimento de associação”²² teria sido primeiramente proposto por ele, mas sem a mesma noção de determinismo psíquico que sua psicanálise acrescentaria. De qualquer maneira, seja por aproximação ou refutação das ideias de Wundt, é possível perceber o contato que Freud teve com a obra deste pensador. Um pensador que teve pretensões claras de tornar a psicologia em uma disciplina científica. No entanto, não poderíamos afirmar que estas pretensões geraram implicações para o modo de definição da ciência de Freud. Mas isso não nos parece algo

²²Este experimento: “Consiste em propor uma palavra a uma pessoa – a palavra estímulo –, a qual ela deve responder o mais rápido possível com uma segunda palavra – chamada de reação – sem que nada a limite para elegê-la. Os fatores observados são o tempo que a reação demanda e seu nexos com a palavra estímulo, que pode ser muito variado” (FREUD, 1906, p.87).

improvável, ainda mais quando nos lembramos da proximidade de Wundt com o círculo de formação de Freud, tal como Helmholtz e Du-bois Reymond.

Já Fechner, o outro pioneiro que levaria as teorias de Helmholtz para estudar a psicologia, teve a obra abertamente apreciada por Freud. Fechner também viveu maior parte da sua vida em Leipzig e, apesar de ter sido um professor de física, também passou boa parte de seu trajeto tentando criar modos para estudar cientificamente o psiquismo (SPRUNG & SPRUNG, 1983). Para tanto, sua aposta epistêmica fixaria na possibilidade de mensuração dos fatos psicológicos, o que ele pretendia realizar por meio da psicofísica, um modo experimental de pesquisa que pressupunha certa identidade entre o físico e o mental (HEIDELBERGER, 2004). Esta identidade significava que, embora fossem qualitativamente diferentes, físico e mental seriam quantitativamente iguais – logo, havendo uma regularidade nos processos físicos, o mesmo ocorreria nos processos mentais (SPRUNG & SPRUNG, 1983). Porém, vale notar novamente que mente e cérebro trabalhariam paralelamente, em que cada um desses teria seu próprio sistema, os quais apresentariam uma causalidade própria e fechada, não interagindo mutuamente (Ibid.). Esta parte da hipótese teria sido formulada justamente por meio das ideias de Helmholtz, isso porque, ao adotar sua *lei de conservação de energia*, Fechner aceitava que uma força física “só pode ser transformada ou derivada de outra energia física. Portanto, o físico não pode afetar o mental, e nem vice-versa” (HEILDELBERGER, 2004, p.172). A partir dessas ideias, ele constituiria suas leis, como a que afirmava que haveria uma relação matemática entre a intensidade da estimulação e a sensação resultante, a qual, como lembra Sulloway (1992), Freud cita em seu *Projeto de uma psicologia* (1895)²³.

Inclusive, segundo Sulloway (1992), a obra de Fechner teria servido de ponte para introduzir a biofísica e o mecanicismo de Helmholtz na psicanálise freudiana. Por meio de Fechner, Freud teria adotado tanto a *lei de conservação de energia*, quanto uma derivação desta, a *tendência à estabilidade*, que, por sua vez, o permitiria chegar a um dos conceitos mais basilares da psicanálise, o *princípio de constância*:

Lembre-se que temos concebido o princípio que rege todos os processos mentais [princípio de constância] como um caso especial da *tendência à estabilidade* de Fechner, assim atribuímos ao aparato anímico o propósito de reduzir a nada as

²³Daqui em diante, *Projeto...* (1895).

somas de excitação que ele agrupa, ou, ao menos, mantê-las no mínimo grau possível (FREUD, 1924, p.165)

Tendo em vista que do *princípio de constância* Freud derivaria boa parte de suas noções sobre a dualidade prazer-desprazer, o lugar de Fechner é assegurado na sua rede de influências. Tamanha influência que leva Assoun (1983) a dizer que “os princípios fundamentais da energética freudiana derivam diretamente da energética fechneriana” (p.173). Mas como Freud teria conhecido a obra de Fechner e por que o acompanharia teoricamente de modo tão manifesto? Segundo Heidelberger (2004), Siegfried Lipner foi aluno estimado de Fechner e amigo de juventude de Freud (Ibid.). Juntos, Freud e Lipner teriam organizado um periódico de filosofia durante os anos de 1874-75, período no qual provavelmente teriam debatido as ideias de Fechner.

Mas talvez o maior responsável para que Freud o conhecesse pode ter sido seu grande professor Josef Breuer. Este foi um admirador de Fechner e teve participação efetiva para que Freud conhecesse seu conceito de *tendência à estabilidade* (Ibid.). Entre os anos 1892-95, Freud e Breuer articularam um “aparelho teórico” no qual adotariam esse conceito fechneriano para primeiramente propor o *princípio de constância*, o qual eles utilizariam para explicar alguns sintomas histéricos (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004, p.357). Assim, visto a influência de Breuer na formação de Freud, da qual aprofundaremos nos próximos capítulos, não nos surpreendemos com as seguintes palavras na autobiografia de Freud: “Sempre fui receptivo para as ideias de G. T. Fechner, e, em pontos importantes, apoiei-me neste pensador” (FREUD, 1925, p.55).

Incluindo Fechner, entendemos que ele e alguns dos outros nomes desta breve exposição podem nos revelar certa proximidade de Freud com o caminho que a psicologia traçou, por meio da fisiologia e a física, para solicitar seu estatuto de cientificidade. Solicitação esta que, no nosso entendimento, denunciava alguns aspectos demarcatórios comuns, os quais Freud aparentemente não deixou de abrigar e transmitir adiante em sua própria concepção de ciência. Trata-se de sua adesão ao determinismo, materialismo, experimentalismo observacional e, ainda, à proposta de levar à mente uma explicação notadamente dinâmica e energética. A nosso ver, uma herança que o acompanha até seus últimos textos, nos quais, estando a sua disciplina epistemologicamente mais consolidada,

ele ainda a identificava como dentro de um tipo determinado de ciência, *i.e.*, as ciências da natureza, ou, daqui em diante, *Naturwissenschaften*.

Para Assoun (1983), Freud nunca duvidou que a psicologia e, dentro desta, a sua psicanálise, teria as condições necessárias para ser reconhecida como uma *Naturwissenschaft*. E, de fato, naquele que talvez tenha sido seu último texto, é possível observar que ele ainda a classificava desse modo: “A psicologia é também uma ciência natural. O que mais ela poderia ser?” (FREUD, 1940, p.284). Um posicionamento taxativo que não apenas oferecia aspectos de uma definição sobre a ciência²⁴, mas que também deixava claro a sua opção diante da famosa “querela dos métodos” (*Methodenstreit*). Dividindo a ciência em *Geistes* e *Naturwissenschaften*, esta querela girava em torno da possibilidade de se legitimar ou não as ciências do espírito – ou, daqui em diante, as *Geisteswissenschaften*. Isto aconteceria por meio do assentimento ou não de um método diferenciado e que, segundo seus advogados, não por isso seria menos científico. O método em questão era o da compreensão (*verstehen*), que também ficou conhecido como método hermenêutico. Com Wilhem Dilthey sendo um de seus defensores mais expressivos, os pensadores da *Geisteswissenschaften* procuravam sustentar que a realidade do espírito poderia ser interpretada (*verstehet*) – ao invés de explicada (*erklären*) – quando se levasse em consideração que suas características permitiriam uma modalidade de estudo diferente da adotada para os fenômenos naturais, *i.e.*, o entendimento, o autoconhecimento e a consciência histórica.

A querela dos métodos não parece ter sido uma das preocupações de Freud, considerando sua restrita opção pelas *Naturwissenschaften*. Mas, se a interpretação seria um componente do método das *Geisteswissenschaften*, como poderia ele inseri-la de modo tão expressivo na técnica psicanalítica sem se preocupar com suas implicações para a natureza de sua cientificidade? Aparentemente, esta seria mais uma daquelas perguntas para a qual não encontramos justificativas em suas palavras. Algo que possivelmente foi motivo para o surgimento de uma multiplicidade de compreensões acerca da estrutura de sua obra e do modo que ele definiria a ciência. Coube aos seus interpretes decifrar o modo pelo qual

²⁴“Essa não é somente uma tomada de posição tardia [a opção pelo naturalismo e pela *Naturwissenschaften*], mas a reiteração de uma atitude epistemológica que remonta à sua formação como pesquisador, nas áreas da neuroanatomia e da neuropatologia clínica e que, ao contrário do que quis fazer crer uma boa parte da historiografia oficial da psicanálise, não foi abandonada nem significativamente alterada quando Freud imprimiu uma orientação mais psicológica às suas pesquisas” (SIMANKE, 2009, p.226).

ele encaixaria a interpretação dentro do método das *Naturwissenschaften* – ou melhor, decifrar “sob que condições Freud promove essa naturalização do sentido que caracteriza sua obra, de modo que interpretar não mais se distinga de explicar e que a significação de um ato mental possa ser plenamente assumida na sua função de causa” (SIMANKE, 2009, p.233). Para Assoun (1983), por exemplo, parece não restar dúvidas. Segundo ele, Freud pensou a interpretação como algo não dissociado da explicação, uma vez que a primeira permaneceria “fundamentada na *erklären* como em seu procedimento maior e, por assim dizer, régio” (p.49). Nesse sentido, Freud entenderia a interpretação não pelo mesmo viés que a “ciência hermenêutica” – que, de modo geral, buscaria a explicitação do sentido –, mas sua interpretação buscaria pela própria causa da sequência de eventos, ou, no caso da psicanálise, por aquele desejo inconsciente que pode provocar e determinar dada patologia. Por outro lado, alguns autores, notadamente Ricouer (1990), não desconsideraram que a interpretação de Freud estaria conectada à explicação, mas ressaltaram que haveria uma grande perda para a sua obra se essa ficasse subjugada ao âmbito energético e quantitativo, ofuscando assim aquele que seria seu lado mais interessante, o hermenêutico²⁵.

Situando-nos antes deste debate, que parece extrapolar os objetivos deste capítulo, entendemos que permeando as genealogias de seu conceito de ciência, *i.e.*, no contexto que precede e viabiliza sua formação, é o *naturalismo*²⁶ que está em evidência²⁷. Por isso, se o modo que Freud entendeu a interpretação deixou margem para discordâncias, entendemos que a razão para isto não parece estar junto ao ensinamento daqueles professores que lhe instruíram a valorizar as *Naturwissenschaften*, principalmente Brücke e os da escola de medicina de Helmholtz. Pois quando Freud aprendeu sobre as *Naturwissenschaften*, na

²⁵“E, no entanto, não há dúvida de que a psicanálise é uma hermenêutica: não é por acaso, mas por causa de sua intenção de dar uma interpretação da cultura em sua totalidade. Mas os trabalhos sobre arte, ideais e ilusões são diferentes modos de representação. E se passarmos da periferia para o centro, da teoria da cultura para a teoria dos sonhos e das neuroses, que constitui o núcleo duro da psicanálise, seremos constantemente levados de volta para a interpretação, para o ato de interpretar, para o trabalho de interpretação” (RICOEUR, 1990, p.66).

²⁶Assim como Gabbi Jr. em suas *Notas críticas sobre o Projeto de uma psicologia* (apud FREUD, 1895), adotamos a definição de Lalande (1988) sobre o naturalismo: “Doutrina pela qual não há nada fora da natureza (no sentido de H [conjunto de seres (ou coisas de seres) que não tendem a um fim, mas que são inteiramente movidos por uma causalidade mecânica], ou no sentido de J [como aquilo a que nos acostumaram os objetos e os acontecimentos tais como se apresentam ordinariamente a nós]), ou seja, nada que reduz a uma sequência de fatos semelhantes aos que temos na experiência” (p.666-9).

²⁷“O pressuposto naturalista foi, portanto, para a nascente psicanálise, assim como para a nascente psicologia alemã em geral, com Fechner e com Wundt, uma surda certeza, um ponto de partida incontestável e um apoio sem o qual, imagina-se, a disciplina não entraria na posse de uma legitimidade teórica e de uma credibilidade acadêmica urgentes e necessárias ao seu interesse para as demais ciências” (ALMEIDA, 2005, p.126).

segunda metade do século XIX, tratava-se de um momento propício para a sua admiração. Seus professores defendiam esta modalidade de ciência combatendo a então em declínio *Naturphilosophie* e seus *Naturphilosophen*, como Goethe, Fichte, Hegel e Schelling (HONDA, 2002, p.86). Nomes que compunham parte do idealismo alemão e que partilhavam uma leitura crítica de Kant, na qual propunham compreender a natureza em sua totalidade através de métodos especulativos. O vitalismo adotado por Johannes Müller, por exemplo, estaria dentro dessa linhagem de filosofia e visava levar à fisiologia “uma força análoga àquela descoberta por Newton na física, a gravitação universal” (Ibid.). Mas, como já mencionado, Helmholtz e os outros alunos de Müller não aprovavam o vitalismo e guiaram suas pesquisas por meio de métodos experimentais e mecanicistas. De acordo com Honda (2002), Helmholtz considerava equivocada a leitura que os *Naturphilosophen* faziam de Kant, sendo esta a razão pela qual ele se interessou em “redefinir as condições do conhecimento e o estatuto da epistemologia” de sua época (Ibid., p87). Então, somado a sua própria leitura de Kant – a qual servia para sustentar sua noção de força e de causalidade –, Helmholtz encontrou subsídios na obra do filósofo inglês John Stuart Mill. Com este, ele diferenciava suas pesquisas da metodologia especulativa praticada pela *Naturphilosophie*, passando a recomendar tanto o empirismo quanto o método indutivo de Mill para complementar sua concepção de *Naturwissenschaften* (Ibid.).

Somando suas qualidades, a confiança com esta forma de demarcar a ciência parece ter ganhado força nas comunidades científicas da Alemanha do século XIX. Seus adeptos mais ferrenhos aparentemente não permitiam alternativas para a ciência, um rigor que pode ter colaborado para a formulação do ilustrativo conceito de *monismo*; conceito este que teria sido endossado por Ernst Haeckel – o renomado tradutor e advogado das teorias darwinianas na Alemanha – para estabelecer alguns critérios que um homem de ciência de sua época deveria respeitar (HAECKEL, 1895). Densamente escorado no evolucionismo de Darwin, Haeckel postulava que “um homem de fé na ciência” deveria buscar uma “concepção unitária da natureza inteira” (Ibid., p.11). Para tanto, tal homem supostamente deveria abrigar uma série de concepções, entre elas: rejeitar os “velhos sistemas” que seriam antimonistas porque adotavam uma postura dualista na medida em que consideravam “Deus e o mundo, o criador e a criação, o espírito e a matéria como duas substancias inteiramente separadas” (Ibid., p.17); rejeitar a querela dos métodos, que

dividiria a ciência em *Natur* e *Geisteswissenschaften*, entendendo que esta segunda não seria nada mais do que uma espécie de prolongamento da primeira; considerar a concepção evolucionista proposta por Haeckel conhecida como *lei biológica fundamental*, a qual pressupunha que a filogênese e a ontogênese teria uma relação de recapitulação; e, em termos de psicologia científica, entender que esta somente seria possível nos seguintes termos:

O primeiro dever da psicologia verdadeiramente científica não será, pois, como até aqui, a especulação ociosa sobre a natureza da alma imaterial e distinta e a sua duvidosa união temporária com o corpo animal, mas antes a pesquisa comparativa dos órgãos da alma e a prova experimental das funções psíquicas. A psicologia científica é, com efeito, uma parte da fisiologia, a teoria das funções ou da atividade vital dos organismos (HAECKEL, 1895, p.34)

Assim, o monismo de Haeckel parece ilustrar parte do espírito científico daquele momento, no qual Freud gradualmente se inseria. Porém, de antemão, parece haver uma falta de razões tateis para afirmar que este teria sido um dos seguidores diretos do monismo haeckeliano, isso, sobretudo, pela falta de referências nominais em seus textos e cartas. Sulloway (1992) lembra que Freud teria tido contato com a obra de Wilhelm Bölsche, um cientista famoso da época que apresentava o pensamento de Darwin e Haeckel aos círculos intelectuais alemães. Mas este contato teria ocorrido bem depois da época de formação acadêmica de Freud, não parecendo ter sido um caminho pelo qual ele conheceria a doutrina do monismo²⁸. Isso nos leva a suspeitar que a aproximação de Freud a este ideário parece ser feita por meio da analogia de um pensamento disseminado da época. Pelo menos é assim que Assoun (1983) aparenta ter feito a conexão:

Com efeito, o ideal científico no qual Freud se inicia, desde a origem, na anatomia e na fisiologia, tende a alinhá-lo com o campo físico-químico, que é seu modelo incontestado. É por isso que ele poderia ter assinado as fórmulas precedentes em que Haeckel sustenta que, aquilo que poderíamos chamar de ciência do espírito, supondo-se que essa etiqueta não seja enganadora, só seria concebível como uma parte da ciência da natureza, melhor ainda, se identificaria com ela. Aliás, é isso que repetem todas as declarações de Freud sobre a questão, com um vocabulário análogo ao de Haeckel (ASSOUN, 1983, p.52)

²⁸“Na primeira passagem de suas *Conferências Introdutórias*, Freud apelou para o livro de Wilhelm Bölsche *Das Liebesleben in der Natur (Vida Amorosa na Natureza)* – um trabalho *best-seller* que reflete, talvez melhor do que qualquer outro, a tremenda influência conjunta de Darwin e seu expoente alemão Ernst Haeckel (1834 - 1919) na preparação do caminho para a teoria dos estágios psicosssexuais de Freud. Wilhelm Bölsche (1861 - 1939), um escritor de ciência popular, bem como romancista, também era conhecido nos leigos círculos intelectuais da ciência por suas biografias de Darwin e Haeckel” (SULLOWAY, 1992, p.261).

É certo que as teorias darwinianas estiveram presentes nas referências de Freud, e que Haeckel supostamente seria um nome incontornável para o estudante alemão interessado no evolucionismo, mas talvez seja mais cauteloso apontarmos este último e sua doutrina como se estivesse na periferia das influências de Freud e não no centro, influenciando diretamente a constituição de seu entendimento sobre a ciência. Algo que pode ser reforçado quando nos questionamos se o monismo de Haeckel não teria sido mais radical do que o de Freud, expressando um reducionismo que este último pode ter partilhado, mas que talvez não tenha exercitado com tamanha veemência. Mesmo que isso seja uma suposição, o exemplo de como Haeckel concebeu a psicologia monista pode nos ajudar a reforça-la.

Ainda colocando os termos do que tal psicologia deveria apresentar, Haeckel acrescenta: “Assim como a fisiologia e a patologia nova, a psicologia e a psiquiatria do futuro devem-se fazer celulares, em primeira linha, investigar as funções psíquicas das células” (HAECKEL, 1895, p.34). E, de fato, quando lemos o célebre *Projeto...* (1895), a definição de Haeckel parece englobar o que Freud se propõe a fazer: esboçar uma psicologia tomando os neurônios como “partículas materiais”, os quais, pensados a partir de diferenciações quantitativas, dispõem a ele uma pluralidade de deduções para sua psicologia científica (p.9). Só que, como detalhado por Monzani (1989), este discurso neurofisiologista, no qual o reducionismo parece se sobressaltar, é colocado em suspense quando entra em cena o modelo psicológico do *Capítulo VII* de *A interpretação* (1900). Sabemos que o neurofisiologismo não seria completamente abandonado, mas ele teria sido atenuado quando Freud optou pela formulação de seus conceitos metapsicológicos, claramente mais abstratos (Ibid.). Ora, se sua formação foi densamente marcada pelo naturalismo e, por assim dizer, pelo reducionismo neurofisiologista, então o que poderíamos inferir, em termos de concepção de ciência, sobre sua troca de “linguajar” nessa passagem de 1895 a 1900? Sua psicologia da virada do século se distanciaria do modelo monista proposto por Haeckel?

É certo que o seu posicionamento sobre a ciência continuaria sendo monista, no sentido de reconhecer unicamente as *Naturwissenschaften*. Mas tal opção parece não responder qual monismo seria este que o permitiria abandonar os microscópios e começar a arquitetar uma psicologia por meio das palavras. Nos próximos capítulos, tentaremos

investigar esta questão a partir de algumas colocações extraídas de seus próprios textos, procurando caracterizar o problema pelo ponto de vista de Freud.

Já para finalizar o presente capítulo, pensando em termos das genealogias de seu conceito de ciência, interessa a nós pesquisar quais de suas influências teriam contribuído para ele posteriormente se arriscar na psicologia investindo no conceito de representação e confiando que ainda estaria nos domínios científicos.

As influências para que Freud visualizasse uma psicologia tal como fez no *Projeto...* (1895) não parecem ser difíceis de remontar. Segundo Amacher (1965), o laboratório de Brücke foi um ambiente catalisador para as ideias deste texto. Nele, restava ao jovem Freud uma metodologia guiada rigidamente pelo anatomismo, da qual as ideias do *Projeto...* (1895) não parecem ter desviado o trilho, embora não tivessem sido arquitetadas por meio de pinças e dissecações. No mesmo laboratório, Freud não teria sido o único estudante que se arriscaria ao esboçar um projeto de psicologia, o que certamente influenciou o seu próprio projeto. Sigmund Exner foi o assistente de Brücke que, após o falecimento do professor, ocupou a sua cadeira na Universidade de Viena. Também professor e amigo de Freud, Exner propôs uma psicologia científica por meio da neurofisiologia em seu texto *Entwurf zu einer physiologischen Erklärung der psychischen Erscheinungen*²⁹. Logo no prefácio, ele explicitou algo que Freud também deixaria claro apenas um ano depois, *i.e.*, sua intenção de fazer uma psicologia seguindo os moldes das *Naturwissenschaften*: “Esta visão [de psicologia] corresponde à visão moderna de ciência naturais” (EXNER, 1894, p.III)³⁰. Mas o que teria o levado a este propósito? Amacher (1965) descreve que Exner foi um neurologista renomado que se interessou pela então recente teoria do neurônio³¹ e a utilizou para se aproximar da psicologia propondo que, no cérebro, haveria um “centro das emoções”³². Por meio deste centro, ele entenderia que haveria transferência de excitação nas vias neurais do córtex e esta transferência ocorreria por meio daquilo que ele conceituava como “somatos de estímulo” (SULLOWAY, 1992, p.116). Os neurônios seriam

²⁹*Projeto para uma explicação fisiológica dos fenômenos psíquicos*, escrito em 1894 e sem tradução para o português.

³⁰ [“*Dieser Anschauung entspricht die Richtung der modernen Naturforschung*” (EXNER, 1894, p.III)].

³¹ De acordo com Amacher (1965), a teoria do neurônio teria sido articulada em 1891 por Waldeyer. Por meio dessa teoria, ficaria entendido que haveria uma unidade básica da estrutura neural, o neurônio, pelo qual poderiam ser explicados os mecanismos de transferência e conexão nas vias neurais.

³²“Exner descreveu um tipo de centro subcortical que estava intimamente envolvido com a transferência de excitação pelo córtex. Ele chamou esses centros de “centros de emoção” porque toda emoção resultava de suas conexões nervosas com o córtex, o assento das sensações” (AMACHER, 1965, p.47).

carregados de excitação e, após atingir certos limiares, esta excitação seria descarregada para o neurônio seguinte. Já os caminhos traçados por este viés, carga/descarga de neurônios, seriam facilitados numa segunda passagem da soma de excitação. Dessas proposições, Exner derivaria sua psicologia, as quais apareceriam no *Projeto...* (1895) de modo muito semelhante. Logo, ambos, Exner e Freud, tentariam explicar os processos psicológicos por meio de concepções “puramente quantitativas”, como a memória, percepção, julgamento e pensamento (Ibid.).

A influência que Exner exerceu em Freud soma-se ao conjunto que compõe a aproximação que procuramos fazer nesse capítulo do campo de influências em que Freud estava inserido durante a sua formação. Ao escrever o *Projeto...* (1895) de maneira semelhante à proposta de psicologia de Exner, Freud se remeteria a este campo sem transgredir seus valores epistêmicos, sinalizando uma ascendência à metodologia neurofisiologista de seus professores. Se aqui se encerra um sentido de concepção de ciência, estaria então terminada a nossa tarefa de aproximação da definição do campo de influências que nos permitiria falar da constituição do seu conceito de ciência e de sua futura autonomia na área de psicologia? De fato, como já ressaltado, apenas alguns anos depois, em 1900, Freud já começava a defender que a psicanálise poderia ser uma ciência por meio de concepções que não estariam assentadas em uma base puramente neurofisiológica, ou, até mesmo, puramente psicofisiológica. Diante desse raciocínio, a tarefa que nos impusemos neste trabalho nos obriga a buscar evocar novas fontes de possíveis influências.

Acontece que desde antes de estudar no laboratório de Brücke, aos 19 anos, Freud já pode ter sinalizado um interesse por ideias distintas daquelas expostas acima ao procurar os cursos do filósofo Franz Brentano. Em suas cartas ao amigo Eduard Silberstein, ele expunha como teria admirado este professor, revelando que, por meio de sua influência, teria até cogitado fazer um doutorado em filosofia:

Sobre este homem notável (ele crê em Deus, é teólogo (!) e darwiniano, e um cara malditamente arguto, até genial) e, sob diversos pontos de vista, ideal, irás ainda ouvir outras coisas, oralmente. Por agora, a novidade de me ter amadurecido, principalmente sob a atual influência de Brentano, a decisão de obter o meu doutorado de filosofia com base na filosofia e zoologia; outras tratativas estão em andamento para promover o meu ingresso na Faculdade de Filosofia, ou no próximo semestre, ou no próximo ano (FREUD, 1995, p.115, carta de 7 de março de 1875)

Entendemos que a filosofia de Brentano não estaria na contramão do discurso das *Naturwissenschaften*, pelo contrário, este autor defendia que a filosofia deveria adotar os métodos das ciências da natureza para buscar rigorosidade e precisão (BRENTANO, 1874). Um pensamento que seria desdobrado à psicologia, ainda que esta não recebesse os mesmos contornos vistos no pensamento dos outros professores de Freud. Ao contrário de alguns dos membros da escola de Helmholtz que se preocuparam em estudar a psicologia, como Exner, que assumia o reducionismo materialista como o alvo maior da ciência, Brentano não discordava que a psicologia teria uma relação com as demais *Naturwissenschaften*, mas, para ele, era esta disciplina que deveria estar no topo da estrutura do conhecimento científico:

As outras ciências são, na verdade, somente a fundação, a psicologia é, por assim dizer, o pináculo máximo. Todas as outras ciências são uma preparação para a psicologia. Ela é dependente de todas as demais. Mas se diz que ela exerce a mais poderosa influência recíproca nas demais. Ela tem o papel de renovar a vida inteira do homem e acelerar seu progresso. E, se por um lado, ela parece ser o auge da estrutura imponente da ciência, por outro, ela é destinada a se tornar a base da sociedade e de suas nobres posses, e, por esta razão, se tornar também a base de todo empreendimento científico (BRENTANO, 1874, p.2)

Assim, Brentano defendia a psicologia como uma disciplina autônoma que poderia se desenvolver sem recorrer a uma base fisiológica. Algo que para ele não apenas seria possível, mas epistemologicamente incontornável, pois o modo que ele concebia a mente não toleraria um reducionismo fisiológico. Segundo Fancher (1977), a razão para tal reducionismo pode ser encontrada no modo qualitativo com que Brentano distinguia os fenômenos físicos dos mentais. Os primeiros seriam caracterizados pelos objetos (*Gegenstand*), os quais poderiam ser tanto do mundo externo (como uma mesa, uma cor) como do mundo imaginário (como um fantasma, um unicórnio). Já os fenômenos mentais seriam caracterizados pelas representações (*Vorstellung*), as quais não significariam mais aquilo que é ou está representado, como o conceito aparecia no discurso de outros filósofos, por exemplo, no de Herbart. A representação de Brentano seria o próprio ato de representar (como o ato de pensar, observar, sentir, etc.), marcada pelo pressuposto de que para que algo se torne consciente, necessariamente precisa haver uma referência a um objeto³³. E foi

³³Por exemplo, é o ato de observar [representação] uma mesa [objeto] que possibilita que haja a consciência da mesa.

para dar nome a esta relação entre representação e objeto que Brentano recuperou o conceito escolástico de *intencionalidade*:

Todo fenômeno mental é caracterizado por aquilo que os escolásticos da Idade Média chamavam de inexistência intencional (ou mental) de um objeto, e que poderíamos chamar, ainda que não totalmente de forma inequívoca, de referência a um conteúdo, direção para um objeto (que não deve ser entendido aqui no sentido de uma coisa), ou objetividade imanente. Todo fenômeno mental inclui algo como objeto em si, embora nem todos o façam da mesma forma. Na representação algo é representado, no juízo algo é afirmado ou negado, no amor amado, no ódio odiado, no desejo desejado e assim por diante (BRENTANO, 1874, p.68)

Seriam concepções desta ordem que levariam o filósofo a pensar que a psicologia poderia prescindir da dependência da fisiologia e ser alocada em um lugar elevado na sua hierarquização das ciências³⁴. No seu entendimento, isso ocorreria porque as ciências naturais de sua época não teriam recursos metodológicos para apreender a realidade de modo completo. A seu ver, essas ciências ofuscariam a ideia de que o próprio ato de estudar seria um componente importante no estudo científico de dado objeto. Dito de outro modo, elas obliterariam os fenômenos mentais ao considerarem que a percepção externa seria o suficiente para abarcar a realidade. Então, para Brentano, os fenômenos físicos seriam estudados por meio da percepção externa, a qual possibilitaria às ciências naturais apenas uma “verdade relativa” porque não consideraria as percepções internas. Estas, por sua vez, seriam as únicas que permitiram o acesso aos fenômenos mentais, sendo verdadeiras “em si mesmas” e sendo as quais permitiram o estudo psicológico superar o das ciências da natureza:

Os fenômenos de percepção interna são uma questão diferente. Eles são verdadeiros em si mesmos. Como eles se apresentam, eles são na realidade. Um fato que pode ser confirmado pela evidência com a qual eles são percebidos. Quem poderia negar, então, que isto constitui uma grande vantagem da psicologia sobre as ciências da natureza? (BRENTANO, 1874, p.19-20)

Em termos conceituais, nos parece que Freud não se tornaria um seguidor da psicologia de Brentano, pelo menos não de modo irrestrito. Em alguns pontos, o aluno

³⁴Segundo Fancher (1977): “A defesa que Brentano faz da psicologia a coloca no topo da hierarquia das ciências. No desenvolvimento histórico das ciências, avanços nas disciplinas mais baixas devem sempre preceder o progresso das mais altas. Logo, os desenvolvimentos matemáticos foram necessários antes que a física pudesse progredir, o que, por sua vez, abriu o caminho para o desenvolvimento sucessivo da química, da fisiologia e da psicologia” (FANCHER, 1977, p.217).

claramente se diferenciaria do professor, talvez o maior exemplo sendo o fato de Brentano ter exposto discordâncias epistemológicas para que a psicologia estudasse as ideias inconscientes, algo que, decerto, Freud não abriria mão³⁵. Do outro lado, Freud não dividiria uma concepção psíquica que poderia se desenvolver descartando totalmente a neurologia como teria sido concebida pelo seu professor – ainda que, vale lembrar, esta concepção de Brentano não se aproximaria de um idealismo estrito³⁶. No nosso entendimento, a afinidade de Freud com o fundamento materialista seria mais aguçada do que no caso de Brentano, apesar de esta afinidade também ter suas limitações, pois, como veremos nos próximos capítulos, ele não sustentaria a busca localizacionista anatômica para as causas psicológicas.

Então, de fato, há razões para alguns autores terem recusado que Brentano teria influenciado Freud. Fancher (1977) indica que teria sido este o posicionamento de Jones e Bernfeld, lembrando que o segundo chegou a dizer que: “É impossível que, naquela época, ou em qualquer outra época, Freud tenha sido um seguidor de Brentano. Pode-se até mesmo se perguntar se ele [Freud] teria procurado entender os pontos mais delicados de seus argumentos” (BERNFELD, 1949, p.190). Já Kaltenbeck (2002), autor que dedica um texto ao assunto, relata o episódio no qual Freud e seu amigo Paneth teriam visitado Brentano e, na sua interpretação, afirma que Freud teria ficado desapontado com este filósofo. Isso porque, segundo ele, após essa visita, não contente com o modo que Brentano fundiria a figura de Deus com a noção de causa, Freud inclinaria seus estudos a uma vertente mais materialista, na qual ele se encontraria com os professores da escola de Helmholtz (Ibid.). Com isto em mente, Kaltenbeck (2002) também deixa de cogitar que houve uma influência e prefere entender a relação de Freud com Brentano por meio da palavra “encontro”, a qual, segundo ele, “protege contra idealismos”³⁷.

³⁵A respeito disso, sugerimos a leitura do artigo de Aviva Cohen, *The origins of Freud's theory of the unconscious: a philosophical link* (2000). Neste, a autora apresenta os quatro argumentos que Brentano teria constituído como critérios para uma psicologia que quisesse sustentar a possibilidade de ideias inconsciente. Após relacioná-los, ponto a ponto, com o que Freud teria defendido para sustentar o seu próprio conceito de inconsciente na psicanálise, a autora chega à conclusão de que, em vários aspectos, o inconsciente de Freud teria sido formulado respeitando os critérios de Brentano.

³⁶Segundo o próprio Brentano (1874): “O título que eu dei a este trabalho caracteriza tanto seu objeto quanto seu método. Meu ponto de vista psicológico é empírico; a experiência é a minha única professora. No entanto, eu compartilho com outros pensadores a convicção de que isso é totalmente compatível com certo ponto de vista idealista” (p.XXV).

³⁷“Talvez seja mais útil visualizar a relação Freud-Brentano como um encontro, ao invés de vê-la em termos de influência, ou como uma dívida - mesmo que só temos o relato de Freud para basearmos a nossa

Entretanto, mesmo que Freud não tivesse se tornado um discípulo da psicologia fenomenológica de Brentano, nos parece radical a ponderação de que suas aulas teriam passado sem deixar vestígios. Ora, se Brentano não tivesse exercido qualquer influência em Freud, como explicar as similaridades epistemológicas entre ambos? Podemos levar em consideração a relação professor-aluno que certamente possibilitava um canal direto de transmissão de valores e concepções. Desta maneira, preferimos acompanhar o posicionamento atenuado de Fancher (1977), exprimido na seguinte passagem:

Certamente ele [Freud] encontrou algo lá [no pensamento de Brentano] que compensaria lembrar e preservar em sua teoria psicológica subsequente, sobretudo se depois ele conseguisse reforçar este algo com suas próprias pesquisas e por meio dos ensinamentos de outras figuras respeitadas. Brentano não precisava ter sido a única para ter sido uma influência importante, mas é provável que a psicanálise tivesse sido diferente do que se tornou se Freud nunca tivesse o conhecido (FANCHER, 1977, p.226)

Assim, é certo que arquitetar uma psicologia científica era algo que aparecia em diversos projetos do século XIX, inclusive nos daqueles que Freud teria tido acesso, como o de Fechner e Exner. Mas, no projeto destes, o conceito de representação não seria adotado como unidade para explicar processos psíquicos, recurso que Freud e Brentano utilizariam, igualmente defendendo que mesmo assim não romperiam com os pressupostos das *Naturwissenschaften*. E, embora o conceito de representação de ambos não fosse precisamente o mesmo³⁸, em ambas as psicologias apareceria a estratégia metodológica de explicar os processos psíquicos colocando as representações em sequência e conjecturando que a partir dessas sequências seria possível deduzir leis, no caso de Brentano, e princípios psicológicos, no caso de Freud (FANCHER, 1977).

Inclusive, este modo de associar as representações pode delinear outro viés pelo qual Brentano possivelmente teria influenciado Freud, já que tal articulação teórica os remeteria ao *associacionismo* da filosofia britânica, uma fonte de ideias em comum que o professor teria apresentado ao aluno. Pois além de ensinar a filosofia britânica em seus cursos, Brentano também recomendou ao seu amigo Theodor Gomperz que convidasse

interpretação. Um "encontro" pode ser definido como um evento que protege contra o idealismo. Na verdade, o encontro entre Freud e Brentano não foi totalmente benigno, não se pode deixar de notar o sentido do trauma que paira sobre o relato de Freud das visitas que ele fez para seu professor de filosofia" (KALTENBECK, 2002 p.101).

³⁸Principalmente porque Freud tanto proporia uma distinção entre representação e afeto, quanto reconheceria que estas poderiam ser inconscientes.

Freud para traduzir alguns textos de J. Stuart Mill, filósofo expoente dessa tradição. Convite que foi aceito pelo aluno, revelando um dos indícios do contato de Freud com a obra deste filósofo (HONDA, 2002). De qualquer modo, esse contato se tornaria incontestável quando Freud introduziu o conceito de representação de objeto (*Objektsvorstellung*) em seu texto *Sobre a concepção das afasias* (1891)³⁹, uma vez que não é a Brentano que ele faz referência, mas a Mill:

Nós ficamos sabendo [entnehmen] pela filosofia, que a representação-objeto não contém nada mais que a aparência de uma “coisa” [Ding], da qual diferentes “propriedades” são indicadas [sprechen für] por aquelas impressões sensoriais, o que só se realiza porque, pela enumeração das impressões sensoriais que nós recebemos de um objeto [Gegenstand], acrescentamos ainda a possibilidade de uma grande série de impressões novas na mesma corrente de associações (J. S. Mill)” (FREUD, 1891, p.80, esclarecimentos entre colchetes do tradutor)

Na metapsicologia de Freud, que possivelmente teve o seu início nas ideias do texto supracitado, o conceito de representação se tornaria uma peça fundamental para a articulação de concepções sobre a natureza do psíquico. De fato, como será contextualizado nos próximos capítulos, foi a partir deste conceito que ele, no desenrolar das ideias articuladas na década de 1890, considerou a existência de representações inconciliáveis na vida mental, o que lhe permitiria tirar as conclusões etiológicas e psicopatológicas que caracterizam aspectos originais da psicanálise. Tendo isto em vista, entendemos a pertinência de buscar compreender alguns aspectos precedentes que teriam influenciado Freud para seu entendimento sobre a representação.

Na passagem acima, a despeito de Freud ter feito referência a Mill, um expoente da tradição empírica inglesa, segundo Nassif (*apud* Gabbi Jr., 1994), este filósofo não teria utilizado o conceito de representação em sua obra. Isso porque Mill acreditava que se o utilizasse, estaria se remetendo ao kantismo, algo em que não estava interessado. Porém, nem por isso as ideias do filósofo inglês não poderiam ter servido de suporte para o conceito de representação de Freud. Isto é o que defende Gabbi Jr. (1994), que observa que a “coisa” que aparece no supracitado de Freud poderia ser interpretada como se remetendo ao conceito kantiano de “coisa em si”, o que faria da filosofia de Kant um possível fundamento do conceito de representação de objeto de Freud. No entanto, como enfatiza Gabbi Jr. (1994), é a Mill que Freud faz referência, o que deixa claro seu horizonte

³⁹[*Zur Auffassung der Aphasien: Eine kritische Studie*]. Daqui em diante: *Sobre as Afasias...* (1891).

filosófico naquele texto, uma vez que a “coisa” da qual Freud fala na citação referida poderia ter seu correspondente na filosofia do britânico por meio daquilo que ele concebeu como “possibilidade permanente de sensação” (p.205).

Esta concepção aparece em *An examination of Sir William Hamilton's philosophy* (1865), texto de Mill que, além de *A System of Logic, Ratiocinative and Inductive* (1843), consta nas referências de Freud em *Sobre as afasias...* (1891). E é no capítulo XI, *The psychological theory of the belief in an external world*, que este filósofo argumenta que a realidade externa só pode ser concebida por meio de uma crença psicológica. Para ele, isto ocorre porque após receber sensações reais dos objetos externos, a mente forma sensações possíveis, um processo que, baseando-se na psicologia de Hamilton, Mill chamou de expectativa⁴⁰. Neste processo, as sensações reais são entendidas como fugazes, ou fugitivas, ocorrendo apenas mediante a presença dos objetos externos, enquanto que as sensações possíveis seriam entendidas como permanentes, significando que o objeto não precisa estar disposto em dado momento para que posteriormente na mente apareçam sensações que ele forneceu⁴¹. Assim, as sensações possíveis permanentes poderiam ser entendidas como correlativas ao que Freud entendeu como representação de objeto ao passo que em ambos os entendimentos haveria a suposição de que as sensações seriam apreendidas por meio da referência a um objeto e este poderia ser evocado posteriormente sem a sua presença.

Segundo Honda (2002), assim como alguns outros filósofos de sua época, Mill defendia que somente é possível conhecer a realidade externa de modo relativo porque não há como conhecer na íntegra os objetos externos que a compõem. Por meio deste raciocínio, seria entendido que os objetos externos não podem ser apreendidos de modo objetivo uma vez que de fato o que é recebido pelo observador são as sensações captadas pelos órgãos dos sentidos. Por sua vez, são as sensações que dão origem às ideias, e estas, para diversos filósofos britânicos, como Hume, Hartley, James Mill e o próprio Stuart Mill, estariam associadas e comporiam os fenômenos mentais. Exceto Stuart Mill, esses outros

⁴⁰“Em primeiro lugar, [a psicologia de Hamilton] postula que a mente humana é capaz de expectativa. Em outras palavras, que depois de ter sensações reais, nós somos capazes de formar a concepção de sensações possíveis. Sensações estas que não estamos sentindo no presente momento, mas pelas quais podemos sentir, e deveríamos sentir caso certas condições estiverem presentes, a natureza das condições que temos, em muitos casos, aprendido pela experiência” (STUART MILL, 1865, p.170).

⁴¹“Minhas sensações atuais são geralmente de pouca importância, e são, aliás, fugitivas: as possibilidades, pelo contrário, são permanentes, que é o caráter que distingue principalmente a nossa ideia de substância ou matéria da nossa noção de sensação” (STUART MILL, 1865, p.180).

filósofos pensavam que as associações de ideias ocorriam por meio de um processo mecânico, o que significa que para se obter uma ideia de corpo, por exemplo, é preciso apenas somar as ideias de cabeça, braços, pernas, e assim por diante. Já Stuart Mill entendia que a associação de duas ou mais ideias resulta em ideias diferentes daquelas que compõem sua soma – o clássico exemplo para isto sendo a concepção de que a molécula da água é algo diferente da soma do hidrogênio com o oxigênio. Mediante esta concepção, Mill entenderia também que a causa para um dado fenômeno não pode ser encontrada por meio da busca individual de seus antecedentes. Estes certamente fariam parte da causa, mas não produziriam o efeito senão dentro da concorrência com os demais antecedentes, conjunto para o qual ele deu o nome de condições. Logo: “A causa real, segundo Mill, consistiria no todo dos antecedentes” (HONDA, 2002, p.74)^{42 43}.

Este modo de conceber os fenômenos também interviria no seu entendimento sobre a psicologia. Assim como Brentano, Mill também defendeu a cientificidade da psicologia argumentando que esta disciplina poderia ser científica sem necessariamente recorrer a uma base conceitual exclusivamente fisiológica. Da mesma forma, de acordo com Honda (2002), Mill discordava das ideias do condutor da doutrina positivista francesa, Auguste Comte, o qual recusava a cientificidade da psicologia porque “os estados psíquicos são considerados como dependentes exclusivamente de condições físicas, de modo que à ciência que se dedica aos estudos dos fenômenos mentais era reservado o mero estatuto de ramo da fisiologia” (HONDA, 2002, p.60). Mill, ao contrário, entendia como inadmissível de antemão que os fenômenos mentais sejam reduzidos às leis fisiológicas, sobretudo porque na sua visão a fisiologia não apresenta as soluções explicativas que possibilitam tal

⁴²“No capítulo V, do livro III, de *System*, depois de expor o que entende por lei de causalidade, Mill passa a analisar os fenômenos considerados os antecedentes, ou causas, de um fenômeno consequente, ou efeito, uma vez, que seria raro o caso em que subsistiria uma sequência invariável apenas entre um consequente e um único antecedente. Ordinariamente, a sequência seria estabelecida entre um consequente e vários antecedentes, necessitando-se da concorrência de todos eles para a produção de um efeito. O conjunto desses antecedentes ou circunstâncias constituiria o que denominou *condições [conditions]* do fenômeno ou “o conjunto dos antecedentes que o determinaram e sem o qual ele não teria acontecido” (p. 214). A causa real, segundo Mill, consistiria no todo dos antecedentes” (HONDA, 2002, p.74).

⁴³ Para Gabbi Jr. (1994), é a partir deste entendimento que Mill indicaria um “método de investigação do fenômeno mental”, o qual Freud teria emprestado e levado adiante em sua psicanálise: “Em outras palavras, Freud empresta de Mill a análise psicológica que concebe os fenômenos como formando compostos. É preciso descobrir como eles se formam para poder descrever suas características”. (p.204).

redução⁴⁴. Assim, os fenômenos mentais seriam entendidos como ocorrendo em sucessões, o que deixaria à psicologia a tarefa de encontrar as leis que regem estas sucessões. Não por isso a fisiologia deveria ser descartada, mas somente quando ela não apresentasse as explicações para a sucessão dos fenômenos mentais, seria a psicologia que exerceria tal função científica (Ibid.).

Trata-se então de mais um filósofo cuja obra Freud teve contato, o que poderia tê-lo influenciado na defesa epistemológica da cientificidade e da autonomia da psicologia. Pois mesmo que Freud não ofereça amostras explícitas que corroborem a influência de Mill em termos de sua concepção sobre a cientificidade da psicologia, não nos parece que a sua interação com obra do britânico se restringia a referência de seu conceito de representação de objeto. Ainda mais quando consideramos os possíveis desdobramentos epistemológicos que este conceito adquire na obra de Freud. Isso porque, ao pensar as representações de objeto como *causadas* pelas sensações, ele apresenta uma atitude filosófica vinculada à estratégia empirista, poderíamos dizer, tanto em um ponto de vista psicológico quanto gnosiológico⁴⁵. É a seguinte interpretação de Gabbi Jr. (*apud* Freud, 1895, nota de rodapé 256) que nos leva a pensar assim, autor que, inclusive, ressalta como esta opção empirista de Freud e Mill encontraria seu alicerce em uma tese naturalista:

O filósofo inglês [Mill] procura expor uma teoria da prova que nega a possibilidade de existirem proposições que possam ser conhecidas *a priori*. Todas as proposições que tem conteúdo cognitivo seriam *a posteriori*. Assim, nenhum conhecimento poderia ser construído a partir de princípios *a priori*. Sua filosofia caracteriza-se, portanto, por uma forte crença no naturalismo. A opção por essa doutrina tem dois desenvolvimentos possíveis: o ceticismo e o empirismo. Tanto Freud quanto Mill adotam o segundo e negam o primeiro (GABBI JR *apud* FREUD, 1895, p.168, nota de rodapé 256).

⁴⁴“Em função da reconhecida precariedade dos conhecimentos da fisiologia nervosa Mill recusa o veto de Comte a Psicologia, pois, a Fisiologia seria incapaz de oferecer qualquer explicação dos fenômenos mentais em termos de leis fisiológicas do funcionamento do sistema nervoso. Portanto, em princípio, a Psicologia deve ser considerada uma ciência possível, uma vez que cabe a ela o estudo direto, através de observação e experimentação, das próprias sucessões mentais” (HONDA, 2002, p.64)

⁴⁵Segundo Lalande (1988): “**A.** Do ponto de vista psicológico, o empirismo se opõe ao nativismo racionalista, que admite a existência, no indivíduo, de princípios evidentes de conhecimento. P. ex. LOCKE vs. DESCARTES. **B.** Do ponto de vista gnosiológico, o empirismo é a doutrina que, reconhecendo ou não a existência de princípios inatos no indivíduo, não admite que o espírito tenha as suas próprias leis se essas forem diferentes das coisas que são conhecidas, e, conseqüentemente, não suporta o conhecimento da verdade fora da experiência, fora da qual só admite definições ou hipóteses arbitrárias. P.ex. SPENCER vs. KANT” (LALANDE, 1988, p. 281).

Assim, recuperando a relação de Freud com esses filósofos, Brentano e Mill, outro aspecto de sua formação parece se sobressaltar. Apesar de se tratar de filosofias distintas, pode ser que parte dos discursos desses filósofos tenha permitido uma aproximação de Freud com uma argumentação de defesa sobre a cientificidade da psicologia que, por um lado, não abandona o naturalismo e que, por outro, não recorre ao solo fisiológico. Pode ter sido nesta parte de sua formação que Freud encontrou não apenas subsídios para seu conceito de representação de objeto, como também artefatos argumentativos para a sustentação da cientificidade da psicologia por meio de uma concepção empirista que o permitiria suavizar a prerrogativa por um suporte neurológico e fisiológico, mas que não por isso o levaria a uma concepção, por exemplo, apenas compreensiva do psiquismo.

Contudo, observar este aspecto de sua formação não pode diminuir o peso já ressaltado de seu caminho no âmbito da neurologia. Como defende Amacher (1965), a educação de Freud em neurologia foi ampla e significativa, o que, segundo este autor, pode ser observado no *Projeto...* (1895). Por meio de uma linguagem declaradamente neurológica, este texto apresenta uma pré-configuração das ideias que seriam desenvolvidas na psicanálise, uma vez que essas ideias não seriam abandonadas mesmo quando a linguagem se tornasse psicológica⁴⁶. Remetendo-se a nomes como o de Brücke, Du-bois Raymod, Helmholtz, Fechner, este texto pode revelar a presença de um campo que pode representar o conjunto de influências que o ensinou a apreciar as *Naturwissenschaften* em seu sentido mais estrito: determinista, reducionista, materialista e mecanicista.

Portanto, no geral, procuramos mostrar neste capítulo que a rede de influências de Freud teria sido diversificada, no sentido de que sua formação teria passado por mais de uma importante corrente teórica do século XIX. Por meio dessas influências, percebemos que Freud teria adquirido vários ingredientes conceituais e epistemológicos para que ele futuramente propusesse a psicanálise como uma disciplina científica. No entanto, como se pode perceber, deixamos alguns nomes importantes dessas influências para os próximos

⁴⁶“Um relato abrangente do desenvolvimento do pensamento de Freud deve considerar a influência que teve sua formação neurológica. Quando ele começou a fase psicanalítica de sua carreira, se se deseja separá-la da fase neurológica, ele tinha um esquema bem completo de como o sistema nervoso e seus concomitantes mentais funcionavam. Freud derivou o esquema de seus professores e reafirmou isso em seus próprios termos no "Projeto". Tem sido apontado que este esquema deu forma para as teorias que Freud manteve ao longo de sua carreira, como a teoria dos sonhos como processos de realização de desejo e a teoria da fonte de excitação na infância. É improvável que Freud foi influenciado pelas ideias de seus professores nessas teorias iniciais, mas cruciais, e não no desenvolvimento mais amplo da psicanálise” (AMACHER, 1965, p.84).

capítulos. Esta opção estrutural nos pareceu fazer sentido para que pudéssemos destacar a relação de Freud com nomes como o de Brücke, Meynert, Breuer e Charcot. Já para a avaliação destas relações, preferimos adotar uma metodologia diferenciada, na qual procuramos privilegiar uma leitura interna e cronológica dos textos de Freud. Por isso, entendemos as ideias expostas no presente capítulo como amplas, mais que já nos permitem constituir um critério de leitura que tomamos como guia na próxima etapa do trabalho.

Por fim, vale dizer que mesmo as influências trabalhadas aqui podem ser – e várias já foram – motivo de pesquisas extensas. Nestes casos, a natureza das possíveis influências é explorada de modo mais apropriado, buscando exaurir as ressonâncias e etiologias tanto conceituais quanto epistemológicas entre os autores trabalhados. Em nossa exposição, no entanto, essas questões foram desenroladas em nível de considerações panorâmicas, uma vez que pudemos apenas iluminar aquilo que consideramos como sendo aspectos pertinentes que contribuíram para o entendimento de Freud sobre a ciência.

CAPÍTULO 2

2.1 Primeiros contatos com a ciência: desafiando o “*Travailler sans raisonner*”⁴⁷

“Não vai se decepcionar se eu retirar o véu? Então, aí está: decidi-me tornar um cientista da natureza” (FREUD, 1990, p.238). É desse modo que, em uma carta de maio de 1873, Freud informou ao seu amigo de adolescência, Emil Fluss, que iria cursar medicina ao invés de direito, e que, por isso, iria se tornar um cientista da natureza. Iniciou ali sua jornada para tentar se estabelecer nos domínios do saber científico e para buscar o seu próprio entendimento sobre o que é a ciência.

Ainda no liceu, além de direcioná-lo ao laboratório para aprender manusear o microscópio, o professor Carl Brühl apresentou-lhe à famosa *Die Natur*⁴⁸, texto que, em sua autobiografia, Freud julga ter sido determinante para a sua opção pelo estudo da medicina (FREUD, 1925). Em 1873, já entusiasmado pelo estudo da natureza e com algumas habilidades em experimentação científica, iniciou o seu curso de medicina na Universidade de Viena (Ibid.). Nos primeiros anos, Carl Claus, um zoologista renomado, parece ter lhe influenciado. Foi Claus quem, sobretudo, o iniciou nos estudos sobre as teorias de Darwin, as quais estavam chegando ao continente para auxiliar na consolidação da ciência como vertente principal nas academias, isso ocorrendo em oposição à difusão do criacionismo. No mesmo ano em que Freud entrou na universidade, Claus havia chegado de Göttingen “para modernizar o departamento de zoologia, o que nessa época significava alinhá-lo como o novo paradigma que estava sendo estabelecido na biologia pelo trabalho de Darwin” (RITVO, 1990, p.149). Claus teria conhecido Darwin pessoalmente e, ao que parece, foi este fato que chamou o interesse de Freud para estudar em seu laboratório (Ibid.).

No entanto, apesar de se denominar um darwinista, Claus, segundo Ritvo (1990), teria entrado em embates teóricos com Haeckel, o mais conhecido divulgador de Darwin na Alemanha, o qual, conforme trouxemos no capítulo anterior, também era defensor da

⁴⁷“Trabalhar sem pensar”, esta frase de Voltaire era uma das inscrições que Freud pediu para a sua noiva Martha Bernays bordar para ele deixar em cima de sua escrivaninha quando trabalhava no hospital como médico (JONES, 1989, p.78).

⁴⁸Embora Freud aponte que o texto é de autoria de Goethe, Strachey o corrige em nota ao indicar o seu verdadeiro autor, o suíço Georg Tobler (FREUD, 1925). A título de ilustração, na seguinte passagem é possível observar uma concepção romântica e idealizada de natureza: “Natureza! Estamos rodeados e abraçados por ela: incapazes de nos separar dela e incapazes de penetrar além dela. Sem perguntar, ou avisar, ela arrebatou-nos em sua dança circular e nos rodopia até nos cansar, e nos deixa cair de seus braços”. (TOBLER *apud* CUTHBERTSON, 1784/2011).

doutrina do monismo. Haeckel acusava o professor de Freud de não assumir a teoria da evolução de modo consistente, chegando a classificá-lo como um herege desta teoria (Ibid., p.165). Aparentemente, como Darwin, Claus preferia adotar uma metodologia mais cuidadosa para defender a teoria da evolução, o que implicava em uma observação mais apurada dos fatos antes de ousar-se numa publicação⁴⁹. Esta preferência não estava de acordo com o modo incisivo e persuasivo com que Haeckel teria adotado para divulgar a teoria do evolucionista inglês. Ao se defender, Claus desaprovava o modo descomedido que Haeckel pesquisava e o modo persuasivo com que ele divulgava o evolucionismo, sendo que, para ele, Haeckel seria “o mais exagerado hiperdarwinista” (CLAUS *apud* RITVO, 1990, p.165).

A primeira experiência de Freud no âmbito acadêmico científico foi em Trieste sob a supervisão de Claus, sendo que a metodologia utilizada nesta pesquisa parece ter se encaixado no modelo cauteloso de seu professor⁵⁰. Um dos primeiros alunos a usufruir de uma bolsa para estudar na *Zoologische Station* fundada por Claus alguns anos antes, Freud foi à Itália com um desafio de encontrar uma estrutura gonádica nas enguias que era procurada desde a Grécia antiga: “Ninguém nunca encontrou um exemplar macho de enguia na maturidade – ninguém ainda viu os testículos da enguia, a despeito de inúmeros esforços ao longo dos séculos” (FREUD *apud* JONES, 1989, p.51). No entanto, após dissecar em torno de quatrocentas enguias, não chegou a conclusões que o satisfizesse, já que não encontrou a tal estrutura gonádica. Mas, aparentemente, a lição retirada desse episódio foi outra, pois essa grande quantidade de animais não teria sido dissecada de modo arbitrário, como se Freud esperasse encontrar resultados apenas por meio de uma observação não propositada. De fato, os indícios de que ele fora guiado por uma hipótese investigativa são claros, pois já eram de seu conhecimento as pesquisas do zoólogo polonês Szymon Syrski, cujo trabalho lhe permitiu que formulasse o seu próprio palpite sobre a possibilidade encontrar as procuradas enguias:

⁴⁹“Como Darwin, Claus reconhecia o grande volume de trabalho necessário para superar as limitações e dificuldades usuais da teoria e suas aplicações. Como Darwin, ele estava disposto a trabalhar primeiro no lento aumento das necessárias observações antes de publicar quaisquer asserções” (RITVO, 1990, p.163).

⁵⁰Para Ritvo (1990), embora flertasse com o modo entusiasmado que Haeckel entendia e divulgava a ciência, Freud “mais tarde aprendeu que avanços sólidos podiam ser realizados pelo estilo cauteloso de Claus” (p.164).

Há pouco tempo, um zoólogo de Trieste [Syrski], [...], encontrou os testículos e, com isso, os machos da enguia, mas, pelo que parece, como ele não sabe o que é um microscópio, não deu disso nenhuma descrição exata. Atormento-me agora, a mim e às enguias, para reencontrar os seus machos, mas em vão, todas as enguias que corto são do sexo fraco (FREUD, 1995, p.167, carta de abril de 1876)

Visto como seu raciocínio contava não somente com um horizonte – encontrar a estrutura gonádica –, mas também com uma suspeita que o direcionava na investigação – tal estrutura existe, mas não foi possível encontrá-la por falta de um instrumento adequado –, este primeiro episódio experimental pode revelar a inserção de Freud em um processo de aprimoramento metodológico. Neste, ele teria contato com a proposta científica de que as certezas não podem ser encontradas senão no exercício de tentativas e eliminação dos erros, uma metodologia que era defendida por seus professores, notadamente Claus e Brücke. E, embora Freud não tenha encontrado o que procurava nessa primeira busca, voltou para Viena com dados para publicar o seu primeiro artigo científico⁵¹, em 1877, em que se revelou minucioso, mas também apresentou um conteúdo, segundo Bernfeld (1949), “nem estimulante ou brilhante” (p.166)⁵².

Após os experimentos com as enguias, não foi de imediato que Freud abandonou o estudo dos animais, uma vez que a sua próxima pesquisa também envolvia uma criatura aquática, a *Amnocoetes Petromyzon*, mais conhecida como lampreia. Atraídos pela então recém-proposta teoria da evolução, alguns cientistas de Viena se perguntavam se e por que o sistema nervoso dos vertebrados superiores seria diferente do sistema dos vertebrados inferiores (BERNFELD, 1949). Tal questionamento teria implicações filosóficas na medida em que interrogava se a complexidade desses sistemas poderia responder perguntas sobre a natureza do homem, sobre a existência de Deus e sobre o objetivo da vida⁵³. Brücke seria mais um que partilhava desta intenção em suas pesquisas, as quais teriam instigado o interesse investigativo de Freud. Foi então que, entre 1876 e 1882, ele trabalhou no Instituto de Fisiologia do professor, local em que encontrou “tranquilidade e satisfação

⁵¹Intitulado: *Observações sobre a configuração e a estrutura delicada dos órgãos lobados descritos como testículos nas enguias [Beobachtungen über Gestaltung und feineren Bau der als Hoden beschriebenen Lappeorgane]*, sem tradução para o português.

⁵²“Este estudo é inconclusivo. Embora seja escrito em um estilo preciso e animado, sempre autoconfiante - em momentos, até mesmo arrogante - o seu conteúdo não é nem estimulante nem brilhante” (BERNFELD, 1949, p.166).

⁵³“Os cientistas estavam procurando respostas para tais perguntas com a esperança de que encontrariam decisões definitivas – de um modo ou de outro – sobre a natureza do homem, a existência de Deus e o objetivo da vida” (BERNFELD, 1949, p.176).

plena — e também homens que pude respeitar e tomar como meus modelos: o próprio grande Brücke e seus assistentes, Sigmund Exner e Ernst Fleischl von Marxow” (FREUD, 1925, p.9).

Como relembra o próprio Freud em sua autobiografia (Ibid.), o estudo com a lampreia configurou-se como um degrau posto pelo professor para seu posterior interesse pelo sistema nervoso⁵⁴. Já o interesse de Brücke por este animal se encontrava na ordem do dia. Ernst Reissner, um contemporâneo anatomista alemão, tinha descoberto uma grande célula na medula espinhal da lampreia que teria levado os pesquisadores a indagarem sobre suas origens e sobre suas implicações para o sistema nervoso. Pouco tempo depois desta descoberta, Brücke propôs a Freud a tarefa de um estudo histológico sobre a célula de Reissner. Segundo Bernfeld (1949), o aluno surpreendeu seus professores ao propor uma descrição segundo a qual dessas células se originavam as raízes dos nervos posteriores. Mesmo que não se tratasse de um avanço expressivo, pois não resolvia a questão da natureza de tais células, o fato ajudava a eliminar outras pesquisas concorrentes, o que já teria levado Brücke a pressionar seu aluno para publicação de um artigo sobre o assunto⁵⁵. Freud não teria ficado contente com esta proposta de publicação, ainda mais quando, pouco tempo depois, outro professor, Alfred Stieda, lhe informara que sua descoberta, na verdade, não fora original, pois um pesquisador russo, Karl Kutschin, tinha chegado aos mesmos resultados mais de uma década antes de sua pesquisa. Por meio do texto de Bernfeld é possível recuperarmos algumas palavras de Freud neste artigo, em que este reconhece a falta de originalidade de sua pesquisa e pede desculpas pela suposta reivindicação:

Devo me acusar por ter pensado falsamente que eu fui o primeiro a descrever – baseado em certas observações diretas – a origem das raízes dos nervos posteriores em determinadas células do *petromyzon*. Foi apenas pouco tempo depois da publicação do meu artigo que eu encontrei, em resumos da literatura russa do Stieda, um resumo de um artigo de Kutschin, que contém informações importantes sobre a origem da raiz posterior. Devido à cordialidade do professor

⁵⁴“Mas, em certo sentido, permaneci fiel à orientação do trabalho que primeiramente havia empreendido. Brücke havia me indicado como objeto de investigação a medula espinhal de uma das espécies inferiores (*Atnomocoetes Petrmoyzon*), e agora eu passava ao sistema nervoso central do ser humano, cuja complexa estrutura de fibras acabava de encontrar luz no descobrimento de Flechsig acerca da não simultaneidade na formação das bainhas medulares” (FREUD, 1925, p.10)

⁵⁵ “Depois de algumas semanas, Freud apareceu com a bastante inesperada descoberta de que as raízes dos nervos posteriores tinham suas origens em algumas dessas células de Reissner. Embora esta descoberta não explicasse a natureza das células, ela garantia uma solução simples e eliminava as várias hipóteses da literatura atual. Ao que parece, Brücke pensou que isso era bom o suficiente para um iniciante e o pressionou para publicação” (BERNFELD, 1949, p.177).

Stieda em Dorpat, que tinha me enviado o artigo russo, eu pude examinar as figuras feitas por Kutschin e me convencer de que Kutschin, em suas preparações de 1863, já tinha provas convincentes das origens das raízes posteriores nas células posteriores. A título de desculpas, eu só posso dizer que as afirmações de Kutschin – talvez porque suas figuras não estavam disponíveis para histologistas alemães – foram amplamente negligenciadas (FREUD *apud* BERNFELD, 1949, p.177-78)

Deste modo, assim como na pesquisa com as enguias, Freud mais uma vez se deparava com as dificuldades de obter prestígio científico. Mesmo assim, ter publicado um artigo que necessitava de pesquisa prévia na literatura da época, não parece ter sido algo que diminuiria sua vontade de obter esse prestígio. Freud parece ter identificado em Brücke respaldo para atribuir peso à palavra ciência, sendo que nesta seria possível encontrar respostas que a sua educação religiosa não poderia dar (GAY, 1989). O professor preenchia de maneira satisfatória o papel de guia para esse novo universo, pois é notório o entusiasmo dele em relação a esse tipo de saber. Conforme mencionamos no capítulo anterior, Brücke, Du-bois Raymond e Helmholtz foram opositores do vitalismo, isso devido às suas adesões à ideia de levar o fisicalismo, próprio das *Naturwissenschaften*, às últimas consequências. Reducionistas por excelência, os membros da *Helmholtz school* acreditaram que tudo no organismo poderia ser explicado de modo seguro se fosse possível ser reduzido aos processos físicos e químicos. Tamanho sucesso no empreendimento fez com que, em 1845, eles ampliassem esta escola na formalização de um grupo que se tornaria mais conhecido, o *Berliner Physikalische Gesellschaft* (BERNFELD, 1949).

Ao considerarmos que nessa época Freud estava se iniciando cientificamente e, portanto, começando a elaborar uma concepção de ciência, talvez possamos dizer que o sentido para essa palavra foi construído gradativamente não somente pela influência da experiência de elaboração de uma metodologia de pesquisa, mas também pela experiência num laboratório conduzido por um professor que pesquisava de um modo que ele encontraria segurança. Assim, seus momentos iniciais no âmbito acadêmico científico foram marcados pela apropriação de um modo de pensar que se alinhava com certa postura confiante de sua época, que criava uma identidade cada vez mais sólida para as *Naturwissenschaften*, separando-as da *Naturphilosophie*. Nesse sentido, como procuramos expor no capítulo anterior, alguns contornos do conceito de ciência que Freud teve contato em seus primeiros momentos no cenário acadêmico são possíveis de destacar: a ascensão do racionalismo, empirismo, mecanicismo e organicismo.

Dentro desses contornos, à primeira vista, nos parece que o trabalho no laboratório de Brücke não permitia reflexões apuradas sobre os significados da ciência, sendo que o tempo e o espaço da pesquisa eram preenchidos por uma característica típica das ciências experimentais: o exercício da técnica. Suas pesquisas com os animais podem não somente ilustrar a familiaridade de Freud com as técnicas das disciplinas estudadas (neurologia, fisiologia e anatomia), mas também como ele teria tido a oportunidade de aprimorá-las.

Em 1877, por exemplo, ele modificou um método de preparação de tecido para exame microscópico ao alterar a fórmula de Reichert:

Eu utilizo a mistura de Reichert e a modifiquei com o objetivo de preparar, de forma garantida e fácil, o sistema nervoso central e periférico dos vertebrados superiores (ratos, coelhos, gado) (...) Eu experimentei o método com os nervos cerebrais de crianças – isso com a participação gentil do Professor Dr. E. Zuerkandl. Descobrimos que isso facilita consideravelmente a preparação dos nervos situado nos canais de ossos e para a preparação e desemaranhamento da anastomose e das redes nervosas (...) Além disso, eu obtive sucesso em utilizá-lo para a preparação de glândulas de catarro e transpiração, corpúsculos de Paccini, raízes de cabelo, etc.” (FREUD *apud* BERNFELD, 1949, p.181)

Apesar do entusiasmo de Freud com a proposta⁵⁶, sua técnica parece não ter adquirido reconhecimento fora do laboratório de Brücke (Ibid.). Porém, em 1883, um ano após sua saída deste laboratório, mas ainda contando com o apoio deste professor, Freud propôs outra modificação em uma técnica, agora para estudos neuroanatômicos, que pode ter encontrado um impacto maior nas pesquisas da época. Nesta, sua ideia era a de manchar fibras nervosas com cloreto de ouro para encontrar as conexões entre a medula e o cerebelo. Sua preparação laboratorial foi utilizada em outros experimentos da época e lhe rendeu três publicações, sendo a terceira em inglês, na mundialmente conhecida revista *Brain*⁵⁷.

Propomo-nos então o exercício de argumentar em favor da ideia de que a importância que Freud conferia à técnica parece advir dos fatos conjugados de ele valorizar a ciência e de identificar ciência com técnica. Isso nos leva a propor que, se esta importância é reconhecida na formação de sua concepção de ciência, torna-se menos surpreendente o papel determinante que a técnica exerceu para que Freud se aproximasse

⁵⁶A proposta era a de misturar “uma parte de ácido nítrico concentrado, três partes de água e uma parte de glicerina concentrada” (BERNFELD, 1949, p.181). O artigo que Freud escreveu sobre o assunto foi publicado em 1879 com o título *Notas sobre um método de preparação anatômica do sistema nervoso central* [Notiz über eine Methode zur Anatomischen Praeparation des Nervensystems].

⁵⁷Publicado em 1884 com o título: *Um novo método para o estudo histológico de vias nervosas do cérebro e da medula espinal* [A new histological method for the study of nerve-tracts in the brain and spinal chord].

do campo da psicologia. Talvez o que melhor exemplifica tal determinação seja a função que a hipnose – uma técnica – exerceu para que ele mudasse a sua perspectiva em relação à etiologia da histeria e, conseqüentemente, pudesse propor novas explicações para essa doença. Mas antes de falarmos sobre Charcot, outro episódio faz jus a ser lembrado tanto para destacar os seus esforços para obter reconhecimento científico como para valorizar o papel do operar técnico na sua visão de ciência: trata-se da afamada passagem de experimentos com a cocaína, a qual, embora polêmica, não deixa de revelar a disposição de Freud para se integrar ao universo científico.

Uma história comumente articulada pelos biógrafos, comentadores e pelo próprio Freud em sua autobiografia (1925) é aquela de que a sua jornada no Instituto de Fisiologia chegou ao fim porque a sua situação financeira na vida acadêmica não era favorável para se casar com Martha Bernays e, por isso, precisou seguir o conselho de Brücke, começando a trabalhar no hospital (GAY, 1989). Fato é que ganhou algum dinheiro na nova profissão, mas seu maior ganho pode ter vindo por meio do processo de se distinguir de seus professores ao buscar autonomia como um pesquisador. Por isso que, como indica Assoun (1983), os experimentos com a cocaína têm um significado expressivo, porque nesse caso Freud conduz um projeto independente e não patrocinado, no qual ele pensou que iria encontrar a sua desejada fama como cientista.

O início de seu interesse por esse assunto ocorreu por meio da observação dos efeitos dessa droga em um evento casual, em que:

Freud se encontrava em companhia de um grupo de colegas médicos quando um deles, um interno do hospital, se queixou de fortes dores intestinais. Freud então disse que achava que poderia aliviar essas dores com um medicamento que tinha em seu quarto. Foram todos para lá, onde, inclusive Köller, que era interno da oftalmologia, viram Freud aplicar via oral no colega queixoso umas gotas do tal medicamento, a cocaína. Para espanto da plateia, o efeito foi imediato, com alívio completo das dores (FRANÇA, 2010, p.133-34)

Assim, passou a acreditar que teria encontrado uma “substância mágica” e que, ao utilizá-la, seria possível salvar tanto seus pacientes quanto ajudar amigos e familiares (FRANÇA, 2010). Tamanha era a confiança que se autodenominou cobaia para testar os efeitos desse medicamento, sendo que esse entusiasmo pode ser visto quando, em 21 de abril de 1884, escreveu para a noiva:

É possível que haja outras pessoas que já tenham iniciado seus experimentos com esta substância; é possível que não dê certo. Mas vou prová-lo e, como você sabe muito bem, se alguém prova algo com suficiente frequência e se mantém empenhado, um dia pode chegar a triunfar. Bastaria um golpe de sorte assim para começarmos a pensar em nos instalarmos juntos. Mas, minha pequena querida, tampouco vá pensando com tanta certeza que desta vez dará certo. Como sabe, o temperamento do explorador deve ter duas qualidades básicas: otimismo no momento de fazer o intencionado, e habilidades críticas enquanto trabalha (FREUD, 1980, p.82, carta de 1884)

Freud aparentemente tentou exercer essas duas “qualidades básicas” nessa empreitada, pelo menos até descobrir os efeitos maléficos de seu objeto de estudo. Atuou na pesquisa de um modo que poderíamos considerar como “tipicamente científico”: fez um amplo levantamento histórico e bibliográfico sobre o assunto, realizou experimentos com animais e depois com pacientes, detalhou os diversos possíveis usos da cocaína para fins terapêuticos (transtornos digestivos do estômago, caquexia, tratamento da morfinomania, do alcoolismo e asma), e, ao final, descreveu sua pesquisa em um artigo de revisão, *Sobre a coca Coca* (FREUD, 1884/1980). Neste, apresentou os seus resultados de modo organizado e, item a item, tentou mostrar que não haveria razões para desconfiar de um produto tão eficaz. No artigo, ele descreve os benefícios da cocaína do seguinte modo:

(...) alegria e euforia duradoura que não se diferencia em nada da euforia normal que sente a pessoa sã... Percebe-se um aumento do autocontrole, e se adquire maior vitalidade e capacidade de trabalho... Em outras palavras: a pessoa se sente simplesmente como quando está normal; e logo é difícil acreditar que se está sob influência de uma droga... Pode-se realizar qualquer tipo de trabalho mental ou físico, por intenso ou prolongado que seja, sem sentir fadiga... Se se deseja, pode-se comer bem e sem asco, notando ainda claramente a impressão de não necessitar de comida... Este efeito de fortalecer a pessoa que toma a droga para o trabalho..., goza-se sem nenhuma das desagradáveis ressacas que acompanham a alegria conseguida por intermédio das bebidas alcoólicas. E esta admirável droga não cria hábito. Depois de tomar a droga pela primeira vez, e mesmo quando tomada repetidas vezes, não se sente nenhuma ânsia em seguir tomando-a, o que se sente é, antes disso, certa aversão imotivada de continuar ingerindo-a (FREUD, 1980, p.313)

Depois que a comunidade científica europeia foi paulatinamente percebendo os efeitos prejudiciais da droga, uma vez que se revelaria o equívoco de pensar que a “droga não cria hábito”, pois até mesmo um amigo de Freud teria adquirido um vício⁵⁸, Freud logo

⁵⁸Além de ter indicado a cocaína para sua então futura esposa e outros familiares, sugeriu a Fleischl – seu antigo assistente de trabalho no Instituto de Brücke – que tentasse resolver o seu vício de morfina por meio do uso daquele alcalóide. Os resultados finais não saíram como esperado, pois, em pouco tempo, seu amigo não se livrou do vício em morfina e adquiriu mais um, em cocaína (JONES, 1989).

largou o projeto, mas não saiu ileso por ter defendido seus benefícios, recebendo inúmeras críticas:

Três anos depois de haver provado pela primeira vez, Freud, o homem que voltou a descobrir a cocaína, se viu convertido em um alvo de acusações mais ou menos veladas, em que ele foi culpado por tê-la adicionado à morfina e ao álcool, “o terceiro flagelo da humanidade” (BERNFELD *apud* FREUD, 1980, p.339)

Sendo ou não um experimento de insucesso, a importância da menção dessa passagem em sua biografia como cientista parece ser sustentada por revelar algumas de suas características que ele não abandonaria após iniciar a psicanálise. Além de adquirir certa independência em relação aos professores, outra questão nos chama a atenção: o modo pelo qual revelava sua característica de se misturar com o seu objeto de pesquisa e tentar obter resultados a partir dessa fusão, o que, posteriormente, pode ser visto no modo em que englobaria a sua *autoanálise* na construção de seus conceitos psicanalíticos. Pelo menos em alguns aspectos, talvez isso possa ser entendido como um sinal de descarrilamento metodológico por parte de Freud, isso na medida em que a metodologia adotada para estudar a cocaína questionaria a cisão entre sujeito e objeto, cisão esta que aparentemente estaria consolidada nas pesquisas do laboratório de Brücke. O episódio da cocaína, nesse sentido, parece revelar o incômodo de Freud com uma rotina restritiva, na qual, até então, a sua configuração era de um aluno disposto a servir ao conhecimento encontrando verdades científicas apenas pelo uso de instrumentos técnicos. Com o fracasso do projeto, ele mais uma vez reencontraria as dificuldades de se obter o desejado prestígio científico, mas, como aponta Sulloway (1992), com toda a experiência, talvez tenha adquirido elementos para seu “espírito de defesa”, uma ferramenta que ele logo precisaria aprimorar para defender a cientificidade da psicanálise:

Todo o episódio da cocaína permanece sendo irônico na vida de Freud. O episódio o levou à beira da fama mundial com a jovem idade de vinte e oito anos e, em seguida, deixou-lhe, além de todos seus problemas, com uma reputação médica manchada. Ao mesmo tempo, o episódio revela o primeiro sinal distinto do **espírito de defesa** que Freud logo levaria ao seu desenvolvimento da teoria psicanalítica (SULLOWAY, 1992, p.28, grifos nossos)

2.2. Atestado de cientificidade para a histeria e hipnose

Como se tornar médico clínico não teria sido a sua pretensão inicial, ao se estabelecer no hospital, Freud tentou permanecer vinculado às pesquisas de laboratório por meio de uma aproximação com o famoso neurologista Theodor Meynert. Em particular, este neurologista era um dos representantes do então recente movimento na Alemanha e na Áustria de aproximação dos médicos das universidades aos hospitais. Conforme Levin (1980), teria sido na metade do século XIX que os professores universitários alemães e austríacos começaram a liderar as pesquisas em psiquiatria e neuroanatomia. Wilhelm Griesinger é tido como um dos maiores responsáveis para que isso ocorresse, pois, ao ocupar o cargo da primeira cátedra de psiquiatria da Alemanha, ele instaurava uma formação de psiquiatras pautada, sobretudo, em uma orientação patológico-anatômica⁵⁹. Orientação esta que tinha como pressuposto a modificação anatômica no cérebro como causa de determinadas doenças mentais, o que talvez tornasse a busca microscópica em exame *post-mortem* no maior ofício do novo psiquiatra universitário alemão (Ibid.).

Meynert, que recebeu sua educação em Viena sob orientação de Carl Rokitansky, um dos fundadores da “nova escola de Viena”⁶⁰, foi, junto a este professor, um grande defensor da orientação patológico-anatômica. E, ao se tornar, com ajuda de Rokitansky, diretor da clínica escolar de psiquiatria do Hospital Geral de Viena, ele se recusava a trabalhar com hipóteses diferentes daquelas previstas nessa orientação. O próprio Griesinger, por exemplo, não teria sido tão proibitivo quanto Meynert, pois, nos casos em que não seria possível encontrar tais modificações anatômicas para dada doença, Griesinger aceitava que poderia haver causas de ordem psicológica, sendo que, para explicar essas doenças, ele, inclusive, recorreria à psicologia de Herbart. Meynert, no entanto, não abriria exceções. Ele até teria considerado as teorias psicológicas de Herbart, mas as interpretava

⁵⁹“Antes de aceitar o cargo na Universidade de Berlim, Griesinger insistiu em que a cátedra incluísse o controle de uma clínica escolar neurológica e psiquiátrica. Assim foi que ele iniciou a transferência do ensino de Psiquiatria dos manicômios para clínicas universitárias. Com essa mudança, a liderança da Psiquiatria alemã passou das mãos dos diretores de manicômios, com suas preocupações administrativas e ênfase sobre a administração dos pacientes, para os professores universitários, cuja orientação era mais teórica e estavam mais preocupados com os modelos etiológicos e patológicos” (LEVIN, 1980, p.26).

⁶⁰“Num período em que a Medicina alemã estava largamente dominada por fisiologistas – com destaque para Johannes Müller e seus discípulos – Rokitansky, um patologista, fundou com Josef Skoda a “nova escola de Viena”” (LEVIN, 1980, p.30).

por meio de um viés anatômico⁶¹. Logo, para as doenças que não fossem encontradas modificações anatômicas nos exames, Meynert apoiava-se na sua concepção de que teriam ocorrido perturbações vasculares, em que, por exemplo, uma isquemia cerebral poderia ser a responsável para causar certa doença mental. Para ele, seria sempre na anatomia que se encontraria a chave para decifrar as patologias psiquiátricas (Ibid.).

Quando Freud começou a trabalhar sob a supervisão de Meynert, este logo lhe solicitou pesquisas neuroanatômicas para serem executadas baseando-se na orientação patológico-anatômica. Meynert tinha um interesse específico por entender as relações entre o funcionamento mental e o funcionamento do cérebro, o que teria permitido Freud a passar dos estudos histológicos animais para algo superior na escala da evolução, no caso, a *Medulla Oblongata* (AMACHER, 1965). Assim como Brücke, Meynert também trabalhava com a hipótese de que haveria um tipo de excitação que seria transmitida no sistema nervoso e que poderia variar quantitativamente (Ibid.). Esta excitação comandaria os processos nervosos e, no seu entendimento, permitiria que fossem explicados os processos psicológicos, mas, para tanto, seria preciso um diálogo com uma psicologia que não desvalidasse seus pressupostos.

Amacher (1965), Levin (1980) e Honda (2002) observam que além de Herbart, Meynert também teria sido influenciado pela psicologia dos filósofos britânicos, só que esta apropriação ocorreria no plano de uma concepção primordialmente anatômica⁶². Dessa forma, ele adotaria o associacionismo, porém, diferentemente dos britânicos, como James e Stuart Mill, o pesquisaria a partir do pressuposto de que as associações seriam possíveis em decorrência de características do cérebro. Como faz Honda (2002), podemos citar o exemplo de que Meynert pensava que as fibras nervosas seriam as responsáveis por

⁶¹Recuperamos em Levin (1980) uma passagem de Meynert em que este mostra como o seu interesse na psicologia de Herbart seria a partir de uma concepção anatômica: “O rígido envoltório do cérebro somente permite... uma limitada expansão espacial, de modo que, sob as taxas de pressão que parecem ser consistentes com o desdobramento de um processo consciente, a expansão espacial de uma parte do cérebro – estabelecida através da ingurgitação vascular local – deve tornar mais difícil uma expansão espacial semelhante numa outra parte do cérebro. A expressão de Herbart, “As ideias esforçam-se por se reprimir umas às outras da consciência”, pode ser assim parafraseada por uma apreciação da relativa nutrição das partes do cérebro” (MEYNERT *apud* LEVIN, 1980, p.34).

⁶²Isto pode ser visto na seguinte fala de Meynert que é recuperada no texto de Honda (2002): “Nós retiramos de Stuart Mill um exemplo para a medida do desempenho do cérebro, a partir do qual pode-se esperar nos hemisférios cerebrais mecanismos enriquecidos por sistemas de associa-lo. Um homem chega a uma ilha e encontra aí um relógio. Imediatamente infere ele que a ilha não deve estar povoada unicamente por uma flora e uma fauna, senão que pelo menos um homem andou sobre ela. A efetividade dessa inferência tem a ver com a natureza do mecanismo cerebral” (MEYNERT *apud* HONDA, 2002, p.106).

interligar as diferentes regiões cerebrais⁶³. A partir disso, o seu propósito seria o de integrar a psicologia à anatomia, consolidando sua tentativa de arquitetar uma psiquiatria patológico-anatômica, empreendimento no qual ele acabaria obtendo reconhecimento. De fato, segundo Levin (1980), logo Meynert se tornaria “o líder reconhecido desse tipo de Psiquiatria e estabeleceu Viena como seu principal centro” (p.34).

Tal centro, naquela época, compunha a esteira científica que carregava Freud, mas logo ocorreram algumas questões que o levaram à situação de repensá-la, pois logo o estudo voltado primordialmente aos tecidos anatômicos seria reavaliado a partir de uma concepção funcional do sistema nervoso. De certo modo, Freud encontrou uma importante via de acesso aos domínios da psicologia quando se envolveu com as ideias dos neurologistas franceses, as quais se diferenciavam daquelas dos neurologistas alemães e austríacos (FREUD, 1886). Foi ao receber uma bolsa de estudos para estudar no Hospital da Salpêtrière com Charcot que ele descobriu que haveria outras possibilidades de investigação para estudar o cérebro e as psicopatologias além da busca por modificações anatômicas. No relatório que escreveu sobre sua visita, publicado em 1886, Freud relatou as razões pelas quais teria decidido aceitar a bolsa para passar cerca de um ano na França. Entre essas razões, ele considerava que não haveria nada de novo em termos de neuroanatomia que ele pudesse aprender em uma universidade alemã ou austríaca⁶⁴. Curiosamente, este seu posicionamento seria motivado pela sua pressuposição de que na França ele encontraria inovações que não seriam bem aceitas em seu próprio país. No seu entendimento, ocorria uma falta de diálogo entre médicos franceses e alemães, o que, segundo ele, impedia que os médicos de seu país reconhecessem as novidades tanto dos estudos sobre a histeria como sobre a hipnose⁶⁵. Sendo assim, ao aprovar as pesquisas de

⁶³“Para Meynert, o que caracterizaria a essência do funcionamento do cérebro seria sua capacidade de formar processos de inferência [Schlüsseprozesse], de tal modo que poder-se-ia mesmo denominá-lo um aparelho inferencial” (HONDA, 2002, p.107)

⁶⁴“Vários fatores contribuíram para esta escolha [aceitar a bolsa e ir à França]. Em primeiro lugar, a certeza de que na Salpêtrière haveria um grande acervo de material de pacientes, o que, em Viena, só se encontrava dispersado e, portanto, de difícil acesso. Além disso, o grande nome de J-M Charcot, que já tinha dezessete anos de trabalho e ensino naquele sanatório. Por último, o fato de que eu já não podia esperar aprender algo essencialmente novo em uma universidade alemã depois de ter desfrutado, em Viena, dos ensinamentos indiretos e diretos dos professores T. Meynert e FI. Nothnagel” (FREUD, 1886, p.5).

⁶⁵“Por outro lado, parecia-me que a escola francesa de neuropatologia oferecia algo de muito novo e singular em sua modalidade de trabalho, e também havia abordado novos âmbitos da neuropatologia, aos que o trabalho científico alemão e austríaco não havia se estendido de modo parecido. Como consequência da escassez do trato pessoal entre médicos franceses e alemães, as descobertas da escola francesa, em partes,

Charcot, Freud encontrar-se-ia com um caminho teoricamente e experimentalmente diferente daquele que a maioria dos seus conterrâneos percorria, o que o convocava a começar a articular argumentos para defender o porquê aquilo que ele importaria dos médicos franceses ainda estaria nos domínios da ciência.

Segundo Freud, Charcot tinha chegado à conclusão de que “a anatomia, em linhas gerais, estava terminada em sua obra, e a doutrina das afecções orgânicas do sistema nervoso estava, por assim dizer, acabada; e que agora era a vez das neuroses” (FREUD, 1886, p.10). Mesmo sendo uma posição teórica diferente da adotada pela maioria dos médicos de Viena (LEVIN, 1980, TRILLAT, 1991), esta conclusão do professor francês certamente causou impacto na visão de mundo do então aluno, visto que, dali em diante, ele não mais abandonaria o estudo dessa patologia. Este impacto também se desdobraria à técnica, pois não era o microscópio que o neurologista francês utilizava para estudar as neuroses, já que estudava as neuroses por meio de seus efeitos, mas nem por isso Freud desqualificava a ciência de seu professor⁶⁶.

Charcot realizava aulas que pareciam teatros, em que hipnotizava as histéricas na frente de seus alunos, mostrando-lhes aquilo que considerava como a parte prática de suas teorias. Quando Freud se deparou com este modo diferente de pesquisar, parece ter lhe ocorrido certo estranhamento, mas, depois de algum tempo, concluiu que o observado ainda obedecia às regras daquilo que ele entendia como *Naturwissenschaften*:

Para minha surpresa, descobri que se tratava de coisas de considerável registro sensorial, de modo algum susceptível de dúvida, se bem é certo que eram bastante estranhas para que ninguém lhes desse crédito se não as percebesse por si mesmo. Contudo, não achei que Charcot tivera particular predileção pelo raro ou tentara destruí-lo em benefício de tendências místicas. O hipnotismo era para ele, ao contrário, um campo de fenômenos que submeteu à descrição com arranjo à ciência natural [*Naturwissenschaften*], como fizera anos antes com a esclerose múltipla ou com a atrofia muscular progressiva (FREUD, 1886, p.13)

extremamente surpreendentes (hipnotismo), em outras partes, de importância prática (histeria), encontraram em nosso país mais incredulidade do que reconhecimento e crença, e os investigadores franceses, principalmente Charcot, muitas vezes tiveram que suportar a acusação de falta de juízo crítico ou, ao menos, de tender a estudar o raro e dá-lo uma apresentação enigmática” (Ibid., p.5-6).

⁶⁶Isso pode ser observado na maneira que ele descrevia o *modus operandi* de Charcot: “Alguém o veria [Charcot] primeiro perplexo ante novos fenômenos de difícil interpretação; poderia seguir os caminhos pelos quais buscava avançar para a inteligência desses fenômenos, estudar o modo pelos qual comprovava e superava dificuldades, e notar, com surpresa, que não se cansava nunca de considerar um mesmo fenômeno até obter sua concepção correta mediante este trabalho de seus sentidos, que uma e outra vez empreendia e sempre sem preconceitos” (Ibid., p.10).

Assim, concepções que poderiam ser interpretadas no meio austríaco e alemão como “bastante estranhas” começavam a ser defendidas por Freud em seus textos. Ao argumentar que ninguém lhes daria crédito “se não as percebessem por si mesmo” e que o hipnotismo era para ele um campo de fenômenos que fora submetido “à descrição com arranjo à ciência natural”, defendeu que uma técnica não praticada, ou pouco praticada, no meio austríaco e alemão, poderia ser considerada científica sem perder sua credibilidade. Lembremos que no episódio da cocaína Freud se mostrou disposto a realizar pesquisas sem o suporte de seus professores, o que também convocava este “espírito de defesa” em relação a suas ideias. Mas no caso daquela pesquisa ainda havia a ressalva de esta ser sobre um objeto de estudo palpável, em que ele até se arriscou a mensurar os efeitos por meio do uso de um dinamômetro⁶⁷. A estranheza em relação à hipnose, nesse sentido, talvez possa ser compreendida porque era uma proposta técnica praticada em cima de fenômenos de características questionáveis e imensuráveis, mas que nem por isso deixaria de ser considerado como algo científico no meio francês em que se encontrava.

Tanto a histeria quanto a hipnose não eram novidades daquela época, sendo que a primeira vinha de tradições milenares e a segunda já começara a encontrar espaço nas universidades durante o século XIX⁶⁸. A patologia carregava um tom de doença misteriosa, enquanto a técnica, uma tradição questionável, era muitas vezes associada ao charlatanismo (RODRIGUÉ, 1995). Freud parecia superar este incômodo ao se concentrar naquilo que ele acreditava ser uma abordagem científica para estudá-las, isto é, as pesquisas de Charcot, que, segundo ele, tinham conseguido eliminar a “*bête noire* da medicina” com observações clínicas, intervenções terapêuticas⁶⁹. Além disso, conforme destaca Honda (2002, 2010),

⁶⁷“Freud queria saber objetivamente por meio de um dinamômetro se a sensação de aumento aparente da força muscular após ingestão da coca era mesmo real” (FRANÇA, 2010, p. 135).

⁶⁸Segundo Trillat (1991), os estudos sobre a histeria remontam até Hipócrates no século IV a.C. Já a hipnose, aproxima-se do reconhecimento científico com o neurologista britânico James Braid. Este, após se opor ao magnetismo animal praticado por Franz Mesmer e seus seguidores (por exemplo, Puységur e Lafontaine), começa, muito tempo antes de Charcot, a aproximar a histeria da hipnose: “Em 1843, Braid publica, em meio a indiferença geral, um trabalho onde expõe suas experiências, em particular terapêuticas. A palavra “hipnose”, que ele inventa, substituirá, daí em diante, a de magnetismo animal. Ele observa que a hipnose permite reproduzir no homem são, os sintomas próprios à doença histérica (anestesia, hiperestesia, catalepsia)” (TRILLAT, 1991, p.125).

⁶⁹“Sua apreciação e sua melhor compreensão [da histeria] só se iniciaram com os trabalhos de Charcot e da escola da Salpêtrière, inspirada por ele. Até então, a histeria era a *bête noire* da medicina. As pobres histéricas, que em séculos anteriores, como possessas, tinham sido queimadas na fogueira e exorcizadas. Na época moderna e esclarecida, já não receberam mais que o anátema de ridículas. Seus estados eram

um método de pesquisa específico também contribuiria para o empreendimento. Este método era o dos tipos, em que Charcot buscava um caso característico que apresentasse os fenômenos mais típicos da doença para, a partir dele, estender inferências que pudessem explicar outros casos⁷⁰. Quando, entre 1892 e 1894, Freud escreveu um prefácio para o livro de Charcot, *Leçons du mardi de la Salpêtrière*, ressaltou o método como uma forma de encontrar o centro da série de fenômenos apresentada pelo caso clínico:

O quadro clínico, a “*entité morbide*”, segue sendo a base de toda a abordagem [francesa]. Mas o quadro clínico consiste de uma série de fenômenos, amiúde uma série que se ramifica em múltiplas direções. A apreciação clínica do caso consiste em assinalar seu lugar dentro da série. No centro da série se encontra o “*type*”, a forma extrema do quadro clínico, esquematizada de maneira consciente e deliberada; ou então se pode estabelecer vários desses tipos, conectados entre si por formas de transição (FREUD, 1892, p.168)

De fato, ao longo desse texto Freud parece ter reconhecido no método dos tipos uma forma científica de pesquisar, mas reconheceu também que este não seria o mesmo método de pesquisa dos alemães. Segundo ele, os alemães buscavam o nexos entre os sintomas fisiológicos, enquanto os franceses privilegiavam o tipo. Inclinando-se para a concepção francesa, Freud defendia que os franceses não abririam mão da fisiologia, porém, ao colocarem os “pontos de vistas” fisiológicos em segundo plano, eles ganhariam autonomia. Aliás, para ele, isso poderia explicar a “impressão estranha” que causava o modo clínico de pesquisar dos franceses:

considerados meras simulações e exageros, e, por conseguinte, indignos de observação clínica” (FREUD, 1888, p.45)

⁷⁰Para Honda (2010), Freud teria adotado o método dos tipos e o levado adiante em suas pesquisas na psicanálise. Porém, diferente de Charcot, Freud assumiria “o papel ativo das hipóteses e conceitos iniciais do trabalho de descrição e classificação do material clínico” (p.366). Honda (2010) aponta também que a apropriação do método dos tipos por Freud pode ter ocorrido a partir de outras duas influências, de suas leituras dos ingleses Hughlings Jackson e Stuart Mill: “Jackson, assim como Charcot, pensa o método dos tipos em dois momentos separados: 1) um primeiro momento de arranjo empírico dos casos de distúrbios nervosos, guiados pelos signos ou sintomas mais visíveis, cujo propósito prático principal seria alcançar um diagnóstico; e 2) um momento posterior, em que se busca estabelecer os princípios explicativos, com propósitos científicos, isto é com vistas ao incremento do conhecimento” (p.366); já Stuart Mill, que, como aponta Honda (2002), escreveu sobre o assunto antes de Charcot e Jackson, pensaria o método dos tipos a partir de sua teoria da classificação. Nesta, se opo a uma perspectiva idealista, ele entenderia que “todo o conhecimento possível sobre uma determinada classe de fenômenos deve provir inteiramente da observação desses próprios fenômenos” (Ibid., p.368). E para que essa classificação fosse arranjada, Mill orientava que primeiro se deveria reunir tudo o que fosse possível sobre dado fenômeno em uma única classe, depois, o que foi recolhido nessa classe seria ordenado em uma série, do mais ao que menos poderia exibir as suas características. Dessa série poder-se-ia se identificar o tipo: “Segundo Mill, para o estabelecimento de uma classificação desse gênero, a admissão de uma espécie-tipo é indispensável, uma vez que o tipo apresentaria o mais alto grau de suas propriedades constitutivas” (Ibid.).

Eu destaquei aqui os conceitos de *entité morbide*, de série, de tipo e de *formes frustes* porque em seu emprego reside um traço fundamental da maneira francesa de se fazer clínica. A maneira alemã é, de fato, alheia a essa abordagem. Nesta, o quadro clínico, o tipo, não desempenha nenhum papel dirigente, e, ao invés, destaca-se outro traço que tem sua explicação na história da medicina alemã: a tendência a interpretar fisiologicamente o estado patológico e o nexos entre os sintomas. É indubitável que, ao empurrar a um segundo plano os pontos de vistas fisiológicos, a observação clínica dos franceses ganha em autonomia. Agora, talvez se deva essencialmente a esta ausência de considerações fisiológica a impressão estranha que a clínica francesa produz ao iniciado. Ademais, ela não faz uma omissão, senão uma exclusão deliberada, que se julga conveniente (FREUD, 1892, p.168-69)

Somando razões epistemológicas e teóricas, Freud parecia sentir segurança ao repassar o aprendizado com Charcot e os franceses da Salpêtrière. Nessa perspectiva, entendia, acima de tudo, que a histeria era uma neurose porque seus pacientes não apresentavam “alterações anatômicas perceptíveis do sistema nervoso, e, ademais, nem se cabe esperar que algum refinamento futuro das técnicas anatômicas poderá comprová-las” (FREUD, 1888, p.45). Assim, entendia que, abrindo-se mão das expectativas de que a neuroanatomia pudesse preencher as lacunas, não havia solução para a ciência senão a de procurar outras formas de investigação. Isso de fato abria espaço para uma técnica da qual a cientificidade ainda era questionada, a hipnose.

Ocorreu que, apesar de Charcot e os médicos da Salpêtrière liderarem as pesquisas nessa área, eles não eram os únicos franceses que estudavam a histeria utilizando a hipnose com pretensões de reconhecimento científico. Hippolyte Bernheim, por exemplo, foi um clínico geral da escola de Nancy que se interessou pelo assunto ao conhecer o modo como outro médico desta comuna, Ambroise-Auguste Liébeault, tratava seus pacientes. Conforme Trillat (1991), Liébeault não se preocupava com estudos clínicos ou nosográficos, interessando-se apenas pela cura do sofrimento de seus pacientes. Fazia isso principalmente ao buscar a atenção⁷¹ do doente por meio da hipnose, o que o permitiria erradicar as doenças tão só por meio de um ultimato verbal⁷². Ao conhecer e reconhecer o

⁷¹Segundo Trillat (1991), Liébeault não falava em sugestão, mas em atenção. Para ele: “toda a vida psíquica é comandada pela “atenção”, verdadeira “criadora”, força nervosa, princípio vital. É a atenção que dá vida aos materiais vindos dos sentidos; é ela que permite aos objetos disporem-se na memória e nela tomarem uma realidade. A atenção é o propulsor, o agente dinâmico, é ela que faz como que o olho veja, que o ouvido escute, que o músculo se contraia etc.” (TRILLAT, 1991, p.177).

⁷²“Qualquer que seja a patologia, ele [Liébeault] aplica a mesma terapêutica: a hipnose, pedindo ao doente que o fixe nos olhos. Logo que o doente está ligeiramente adormecido, ele lhe afirma que seu mal desapareceu” (Ibid., p.176).

modo que Liébeault praticava a hipnose, Bernheim passou a defender que a chave para se entender tanto a hipnose como a histeria seria a sugestão. Ele utilizava este termo para substituir a atenção de Liébeault, porém mantinha seu procedimento de influenciar verbalmente o sintoma do paciente hipnotizado: “O que é a sugestão? “É o ato, diz Bernheim, pelo qual uma ideia é introduzida no cérebro e por ele aceita”. Seja a ideia introduzida por um terceiro ou pelo próprio sujeito, ela é antes de tudo uma sugestão (TRILLAT, 1991, p.182). Então, Bernheim trabalhava com a hipótese de que tanto a histeria como a hipnose eram artificiais, o que significava que seriam fabricadas por fatores psicológicos subentendidos na ideia, na sugestão. Isso questionaria as bases naturais ou fisiológicas que Charcot defendia em suas pesquisas, posicionando Bernheim e seus seguidores de Nancy em uma situação teoricamente oposta, sendo que Bernheim não poupava suas críticas aos parisienses⁷³.

Nesse cenário, além de as histórias sobre a hipnose e a histeria terem sido repletas de controvérsias, os entendimentos sobre elas também não encontraram tranquilidade quando pesquisadas no espaço acadêmico-científico, uma vez que tais controvérsias intensificavam os debates teóricos que visavam estabelecer qual seria a melhor forma de decifrá-las. Freud foi um que teve acesso a, ao menos, dois lados desses debates, já que, dois anos após seu retorno a Viena, em 1888, mostrou que além das teorias de Charcot, ele também estava a par das pesquisas de Bernheim. Demonstrou isso ao traduzir um dos livros de Bernheim para o alemão, escrevendo, inclusive, o seu prefácio. Neste, Freud mostrou o que sabia das pesquisas de Nancy e, novamente, manifestou seu “espírito defensivo” ao tomar partido de Charcot, mas sem necessariamente recusar as ideias de Bernheim. Por um lado, Freud parecia convencido de que a histeria não seria uma doença “desprovida de leis” (FREUD, 1888, p.46), uma vez que suas leis poderiam ser dispostas pela sintomatologia, cabendo aos cientistas organizá-las, como quisera o grupo de Charcot. A questão é que, por outro lado, ele também reconhecia o quanto este projeto ainda não esgotava as explicações para suas qualidades incompreensíveis, o que fazia das possibilidades teóricas de Bernheim

⁷³“A parte mais clara e convincente da obra de Bernheim é incontestavelmente a crítica dirigida contra tudo que tinham de artificial e de fabricado, as concepções de Charcot e da escola de Salpêtrière sobre a histeria. Nesse campo, Bernheim realizou uma obra de saneamento público, denunciando a miragem, a ilusão coletiva da qual foram vítimas Charcot e seus alunos. E era preciso uma certa coragem para afrontar o “Príncipe da ciência”, o “Napoleão da neurose”. Mas a crítica parece ter ultrapassado seu alvo. Ao atacar a “histeria de Charcot”, Bernheim não percebeu que atacava a histeria em geral, como se uma fosse idêntica à outra” (Ibid., p.186).

algo a não ser descartado. Isto, aparentemente, o colocava em uma situação conflituosa, entre assumir explicações fisiológicas ou explicações psicológicas para os fenômenos hipnóticos e histéricos. Em resposta a esse conflito, sua posição parece ter sido a de sustentar que o *gap* entre fisiologia e psicologia, revelado na dificuldade dos cientistas de entender a histeria e a hipnose, de longe estaria solucionado, o que não o permitiria descartar nenhuma das duas possibilidades:

No entanto, não podemos deixar de admitir, com Bernheim, que a divisão dos fenômenos hipnóticos em fisiológicos e psíquicos deixa uma impressão insatisfatória em todos os sentidos: precisamos urgentemente de uma ligação entre as duas séries. A hipnose, seja ela produzida de uma forma ou de outra, é sempre a mesma e mostra fenômenos idênticos. A sintomatologia histérica aponta, sob muitos aspectos, a um mecanismo psíquico, embora este não precise ser o da sugestão. Por último, a causa da sugestão leva muita vantagem à causa dos nexos fisiológicos, na medida em que a eficácia da primeira é indubitável e comparativamente transparente, isso enquanto não temos mais notícias das influências mútuas da excitabilidade nervosa, às quais é preciso reconduzir os fenômenos fisiológicos (FREUD, 1888b, p.80)

Logo, a psicologia, que esteve presente nos seus primeiros anos de formação, retornava progressivamente ao seu itinerário acadêmico, inclusive com o entendimento de que o seu eixo teórico precisaria “urgentemente” se ligar ao da fisiologia para que fosse possível explicar a histeria e a hipnose. Tratando-se de um assunto urgente, não nos surpreende que a relação entre essas disciplinas passasse a ser um objeto de investigação frequente em suas publicações daquele período. Por exemplo, no verbete *Histeria* (1888), um de seus quatro verbetes escritos para a enciclopédia de Villaret, Freud desdobrou a ideia de que os fenômenos histéricos e da hipnose seriam pensados como de duas ordens, fisiológicos e psicológicos⁷⁴. Em termos fisiológicos, suas ligações teóricas com Charcot neste texto apareceram claras, principalmente ao [ainda] defender a teoria do francês sobre a presença da hereditariedade como fator etiológico⁷⁵, mas também por recusar que as causas da histeria poderiam ser meramente orgânicas⁷⁶. Neste caminho, a fisiologia poderia

⁷⁴“Em suma, costurando a polêmica entre Bernheim e Charcot, [Freud] concebeu tanto a hipnose como a histeria como um fenômeno das duas ordens, produzidas por sugestões e por estímulos físicos, respectivamente” (BOCCA, 2011, p.884).

⁷⁵“A etiologia do *status hystericus* deve ser buscada inteiramente na herança: os histéricos sempre têm uma disposição por herança para perturbações de atividade nervosa, e entre seus parentes se encontram epiléticos, doentes mentais, tabéticos etc.” (FREUD, 1888, p.55).

⁷⁶“Como é sabido, os sintomas de afecções orgânicas refletem a anatomia do órgão central e são as fontes mais confiáveis para nossas informações sobre este último. Por isso se deve rechaçar a ideia de que haveria na base da histeria uma possível perturbação orgânica, e, tampouco, é lícito invocar algumas influências

ser um recurso porque, por meio dela, poder-se-ia estudar a hipótese sobre a histeria – aparentemente mais aceita naquele momento –, *i.e.*, a de que nesta doença ocorreria um aumento de “excitabilidade nervosa”.

Na ordem dos fenômenos psicológicos, essa hipótese também se permitia ser abarcada, já que esses fenômenos seriam identificados nas “perturbações psíquicas” expostas na sintomatologia da histeria. A proposta de Freud era a de que essas perturbações também estariam envolvidas com o aumento de excitabilidade nervosa, refletindo assim a sua suposição de que o psíquico poderia interferir no funcionamento mental, mesmo que em sua opinião a psicologia ainda estivesse apenas começando a abordar o campo desses fenômenos:

Junto aos sintomas físicos da histeria, pode-se registrar uma série de perturbações psíquicas, nas quais certamente algum dia serão descobertas as alterações características desta enfermidade, mas cuja análise mal foi abordada até agora. Trata-se de alterações no decurso e na associação de representações, de inibições da atividade voluntária, de acentuação e sufocação de sentimentos etc., que se resumem, em geral, como *modificações na distribuição normal, no sistema nervoso, das magnitudes de excitações estáveis* (FREUD, 1888, p. 54, itálicos do autor)

Assim, parecia se tornar cada vez mais claro para Freud que o tratamento da histeria conferia uma franquia a estudos interdisciplinares. Por um lado, à fisiologia incumbiria seu aspecto somático, na procura por explicações acerca dessas alterações de excitações nervosas⁷⁷. Por outro lado, à psicologia pertenceria o domínio das influências do psíquico no sistema nervoso, sendo que o seu campo de possibilidades teórico-explicativas ainda eram reconhecidas por Freud como em processo de compreensão, mas que no supracitado já podemos ver algumas expressões [como “associação de representações” e “sufocação de sentimentos”] que, na década seguinte, constituiriam conceitos importantes de sua metapsicologia para explicá-las. De todo modo, o seu entendimento sobre a relação entre essas disciplinas estaria no centro de sua argumentação em favor da proposição de que tudo aquilo que tivesse êxito na modificação da excitação do sistema nervoso poderia estar

vasomotoras (espasmos vasculares) como causa das perturbações histéricas. Um espasmo vascular é uma alteração essencialmente orgânica cujo efeito é comandado por algumas constelações anatômicas, e se distingue de uma embolia, por exemplo, apenas por gerar uma alteração *permanente*” (FREUD, 1888, p.53-53, itálico do autor).

⁷⁷Um exemplo seria a proposta de Charcot sobre a histeria traumática, na qual se entendia que um evento traumático, como um acidente ferroviário, poderia ter sido o responsável pela alteração do curso normal da excitabilidade nervosa (TRILLAT, 1991).

agindo a favor da cura da histeria. No final do verbete *Histeria* (1888), quando resume sua concepção sobre a doença e sobre a razão pela qual esta seria decisivamente tratável, Freud apresenta essa ideia de modo claro:

A título de síntese, pode-se dizer: a histeria é uma anomalia do sistema nervoso que se fundamenta em uma distribuição diferente das excitações, provavelmente com formação de um excedente de estímulo dentro do órgão anímico. Sua sintomatologia mostra que este excedente de estímulos é distribuído por representações conscientes e inconscientes. Tudo o que faz variar a distribuição das excitações dentro do sistema nervoso é capaz de curar perturbações histéricas. Tais intervenções são, em parte, de natureza física, em parte, diretamente psíquica (FREUD, 1888, p.62-63)

Nesse final de década de 1880, Freud compreendia que a hipnose era sem dúvida a intervenção mais eficaz para atingir os propósitos prescritos na passagem acima. No verbete *Histeria* (1888) ele até incluiria uma menção entusiasmada ao método de Breuer, que fora recentemente proposto. No entanto, tal método de fato ainda estava no domínio da hipnose, sendo que com ele se poderia potencializar a técnica ao “reconduzir” o enfermo à “pré-história” de seu problema⁷⁸. Entretanto, apesar de todo seu entusiasmo com a hipnose e com os métodos nela empregados, seria essa técnica que, no nosso entender, exigiria o lado mais aguçado de seu “espírito de defesa” pelas dificuldades de sua admissão no ambiente científico alemão. Meynert, por exemplo, desqualificava a técnica ao classificá-la como um “ralo de absurdidade” (FREUD, 1888b, p.81). Sobretudo o posicionamento deste professor levaria Freud a se posicionar publicamente a favor da hipnose, defendendo que os médicos de sua época não poderiam negligenciar a técnica apenas por considerarem os argumentos das autoridades da época, como os de Meynert. No prefácio para o livro de Bernheim ele já argumentara:

A causa do hipnotismo tem tido uma recepção muito desfavorável entre os homens expoentes da ciência médica alemã (prescindindo algumas poucas autoridades como Krafft-Ebing, Forel e outros). Não obstante, é lícito formular o desejo de que os médicos alemães se ocupem do problema e do procedimento terapêutico, recordando o apotegma que nas ciências naturais a decisão última sobre a aceitação e desaprovação corresponde sempre e unicamente à experiência, e nunca à autoridade sem uma experiência mediadora (FREUD, 1888b, p.82)

⁷⁸“Mais eficaz, todavia, é um método que Josef Breuer foi o primeiro a praticar em Viena. Consiste em reconduzir o enfermo, hipnotizado, a pré-história psíquica da doença, compelindo-o a confessar [*bekennen*] a ocasião psíquica em razão da qual se gerou a perturbação correspondente. Este método de tratamento é recente, mas permite êxitos terapêuticos que, de outros modos, não se alcançam. É o mais adequado à histeria porque imita fielmente o mecanismo segundo o qual se geraram e se dissiparam essas perturbações” (FREUD, 1888, p.62, esclarecimento em alemão do tradutor).

Freud deixava clara assim a sua opinião de que aquela técnica teria espaço no estudo científico, ainda que não estivesse de acordo com as práticas já consagradas. Deixava claro também que os cientistas não poderiam rechaçar o estudo de novas técnicas sem testá-las, julgando que preconceitos científicos barravam a possibilidade de enxergarem novos alcances para a medicina. A defesa desse seu posicionamento parece se manifestar sobremaneira quando escreveu uma resenha para o livro de Auguste Forel, no qual se dirige aos médicos alemães e austríacos acusando-os de rechaçar a hipnose de antemão:

É que são numerosos os oponentes da hipnose que formaram suas opiniões sobre ela por meio de um caminho cômodo. Não submeteram o novo método terapêutico a exame, não o empregaram com espírito imparcial e rigoroso, como se faria, por exemplo, com um medicamento de recomendação recente, mas descartaram a hipnose de antemão; e nenhuma notícia sobre os inestimáveis efeitos curativos deste método os impede de expressarem, de maneira cada vez mais incisiva e injustificada, suas aversões por ele, não importando em que pretendem fundamentá-las (FREUD, 1889, p.100)

Tratava-se, portanto, de defender que a vertente utilitária desta técnica não poderia deixar de ser examinada apenas por causa de contra argumentações de autoridade ou por ser, em muitos aspectos, diferente do padrão praticado. Nesse sentido, Freud procurava sustentar que se fosse preciso descaracterizar a cientificidade de algo, como uma técnica diferente, isto não poderia ser baseado em preconceitos ou modismos (Ibid.). Este posicionamento o levou, no final da década de 1880, a aliar-se ao “movimento” que pretendia aumentar o “arsenal de procedimentos da medicina” com técnicas que, embora fosse de difícil manuseio⁷⁹, poderiam apresentar bons resultados terapêuticos:

Tal como este que lhes escreve, quem formou uma opinião própria em matéria de hipnose vai se consolar que o dano assim inferido ao prestígio da hipnose não pode ser senão limitado no tempo e no espaço. O movimento que se propõe a introduzir a terapia sugestiva dentro do arsenal de procedimentos da medicina tem triunfado em outros lugares e terminará por fazê-lo na Alemanha, e por certo que em Viena também (FREUD, 1889, p.101)

⁷⁹“A técnica de hipnotizar não é tão fácil como faziam crer as conhecidas objeções da primeira discussão de Berlim (onde se disse que hipnotizar não seria nenhuma arte médica, posto que todo pastor de ovelhas a pratica). É preciso ter entusiasmo, paciência, grande segurança e riqueza de artifícios e ocorrências. Aquele que pretende hipnotizar seguindo o esquema dado, que teme a desconfiança ou a risada de seu paciente, ou que já começa com espírito covarde, pouco alcançará” (FREUD, 1889, p.108).

Pois bem, esta breve exposição naturalmente não esgota a pluralidade de acontecimentos e influências teóricas que Freud sofreu no período aqui avaliado, do começo da década de 1870 ao final da década de 1880. Mesmo assim, parece-nos que as observações precedentes nos fornecem considerações relevantes para avançarmos essa pesquisa ao próximo capítulo. Se Freud terminara a década de 1880 defendendo que seria possível estudar cientificamente a histeria e a hipnose, na década seguinte, como tentaremos expor, a sua compreensão acerca da ciência seria consideravelmente mais desafiada. Pois não só apareceriam outros objetos de estudo que ele argumentaria a favor da cientificidade, como também ele teria de mostrar uma concepção de ciência que fosse compatível com suas novas propostas, sobretudo com o constructo teórico do inconsciente.

CAPÍTULO 3

3.1 Ciência da palavra: o “terreno da psicologia”

Em *Tratamento psíquico (tratamento da alma)* (1890)⁸⁰, passar para o domínio da psicologia parecia ser uma tarefa que, no entender de Freud, deveria ser justificada, o que revelava que a comunidade científica de sua época poderia não ser amistosa com explicações que não apresentassem evidências orgânicas. Isso fica evidente já na primeira reflexão do texto, na argumentação que faz a favor do *poder das palavras*, momento no qual ele aponta que, embora os médicos de sua época não considerassem, as palavras poderiam servir como instrumentos científicos para o tratamento psíquico:

O leigo achará difícil conceber que algumas perturbações patológicas do corpo e da alma podem ser eliminadas mediante “meras” palavras do médico. Pensará que está sendo encorajado a acreditar em feitiços, e não estará tão equivocado; as palavras de nosso falar cotidiano não são outra coisa senão feitiço atenuado. Porém, será preciso um grande esforço para fazer compreensível o modo pelo qual a ciência consegue devolver à palavra uma parte, sequer, de seu antigo poder mágico (FREUD, 1890, p.115)

Assim, para Freud, devolver a “magia” às palavras era uma atividade para a agenda da ciência porque nelas seria possível encontrar a chave para o tratamento anímico. Ele pensava que a medicina ainda não teria compreendido o valor das palavras porque teria passado por um “período bastante infecundo em que dependia da chamada “filosofia da natureza” [*Naturphilosophie*]” (Ibid.). Confiava ainda que se a medicina passasse a se desenvolver sob a influência das *Naturwissenschaften*, a alma deixaria de ser objeto de estudo dos filósofos e poderia ser estudada em “seus máximos progressos como ciência e como arte” (Ibid.). A questão central para que isso ocorresse giraria em torno da relação corpo e alma [*Seele*], em que as influências recíprocas deveriam ser estudadas por meio do “método científico”, sobretudo com o objetivo de buscar explicações para as causas de determinadas doenças. Tendo sido a histeria o enigma adquirido na década anterior, o objetivo de Freud nesse texto foi o de defender junto aos colegas médicos que seria cientificamente admissível estudar as causas da doença por meio da hipnose, uma vez que esta operava em meio às palavras. Na seguinte passagem, é interessante notarmos como o seu espírito de defesa é acionado em favor da ideia de que os médicos de sua época temiam acolher a alma “no terreno seguro da ciência”:

⁸⁰Daqui em diante: *Tratamento psíquico...* (1890).

A relação entre o corporal e o anímico (tanto no animal, como no homem) é de ação recíproca, mas, no passado, o outro lado desta relação, a ação do anímico sobre o corpo, encontrou pouca aceitação aos olhos dos médicos. Pareciam temer que se concedessem certa autonomia à vida anímica, **deixariam de pisar no terreno seguro da ciência** (FREUD, 1890, p.116, grifos nossos)

A maneira pela qual Freud almejava realizar seus objetivos não parecia apontar para um modelo de ciência muito diferente daquele que apreendeu de seus professores da escola de Helmholtz, já que parecia ter claro que, embora fosse uma busca por causas psicológicas, estas não seriam independentes do trabalho cerebral do paciente. Esta dependência era algo que pesava como certo para Freud por consequência das então recentes descobertas das ciências da natureza, principalmente aquelas provindas da física e química, que revelaram a existência de componentes microrgânicos e micro celulares (Ibid.). Mas, se as palavras poderiam substituir microscópios e outros aparatos dessa ordem, o que, a seu ver, justificaria que tais explicações psicológicas não extrapolariam o domínio do saber científico? Ora, parece que no texto em questão Freud tinha uma determinada visão sobre os médicos e, além disso, pensava como um deles, pois parecia manifestar que, acima de qualquer outra exigência teórica, era preciso buscar explicações fisicobiológicas para o mal orgânico. Por esta perspectiva, à ciência não restaria alternativas senão a de conceber explicações que sustentassem tratamentos eficazes, mesmo que isso não fosse feito exclusivamente por meio de investigações anatômicas.

Nesse sentido, a histeria o guiava para uma psicologia que ele nomearia científica porque se tratava de uma doença que, além de não apresentar modificações visíveis no organismo, era de grande incidência e demandava tratamentos definitivos. Mas neste texto Freud se preocupava – como fazia em alguns textos da década anteriores, principalmente no verbete *Histeria* (1888) – em deixar claro que seu olhar investigativo, ao invés de procurar causas anatômicas para explicar os sintomas histéricos, propunha-se a compreender que as causas poderiam ser de ordem funcional: “Tais estados têm recebido o nome de nervosidade (neurastenia, histeria), e são definidos como enfermidades meramente “funcionais” do sistema nervoso”. (FREUD, 1890, p.117). As implicações dessa hipótese são até amplamente estudadas, pois nela se reconhece a entrada de Freud em uma discussão teórica de participantes expressivos, em que ele se oporia à *mainstream* da neurologia da época que tinha como norte o conhecido *localizacionismo anatômico*, por meio do qual, as

causas das doenças neurológicas teriam sempre uma lesão correspondente no cérebro anatômico, o que significaria que seria possível encontrar ponto a ponto as fontes materiais das patologias (GABBI, JR., 1990). Já a hipótese de Freud, ao contrário, não descartando que haveria influências corpóreas nas doenças, pressupunha que as lesões não seriam necessariamente na anatomia, mas na psicofisiologia.

Entretanto, em *Tratamento psíquico...* (1890) o objetivo de Freud não parecia ser tão somente o de apresentar um modelo teórico-conceitual para fundamentar suas novas proposições. Antes disso, parecia continuar a sua arguição em favor da inserção da técnica terapêutica da hipnose no tratamento da histeria, e, para isso, agora se baseava na ideia de que as influências da alma no corpo não seriam de difícil observação, principalmente quando se atentasse para a “expressão das emoções”. Revelava, portanto, um de seus primeiros argumentos a favor do estudo científico de sintomas psicológicos, o qual se centrava na ideia de que seria possível apreender as emoções observando suas manifestações resultantes no corpo. Assim, denominou de “afetos” os estados anímicos que tornariam visíveis as modificações nos processos corpóreos e partiu para a exposição de situações em que as emoções afetivas poderiam ser percebidas como influenciando o externo⁸¹.

Por meio de diversos exemplos, Freud parecia conduzir seu texto com a intenção de não deixar dúvidas sobre a sua hipótese de que as consequências patológicas da relação entre alma e corpo eram a maior evidência de que a ciência não mais poderia fechar suas portas para estudos dessa ordem. Parece que a seu ver era como se um extenso campo fosse aberto à medicina por meio do novo olhar para a histeria. De agora em diante, a *dor* causada pelos conflitos anímicos não mais seria objeto de dúvida e receio de estudo, o que tornava a psicologia um caminho promissor para o estudo científico. Para ele, não passariam de leigos todos os que reduzissem a dor e todas as influências psíquicas ao simples nome de “imaginação” dos pacientes, algo que não parecia ser incomum:

Em geral, quando se formula um juízo sobre dores que, no demais, se incluem entre os fenômenos corporais, é preciso levar em consideração sua incontestável dependência das condições anímicas. Os leigos, que de bom grado resumem tais influências anímicas sob o nome de “imaginação”, a diferencia das dores

⁸¹“Quase todos os estados anímicos que pode ter um homem exteriorizam-se na tensão e relaxamento de seus músculos faciais, na atitude de seus olhos, no afluir sanguíneo em sua pele, no modo que emprega seu aparelho vocal, e nas posturas de seus membros, sobretudo as mãos” (Ibid., p.118).

provocadas por uma ferida, uma enfermidade ou uma inflamação, mas trata-se de uma evidente injustiça. Qualquer que seja sua causa, mesmo que seja imaginação, as dores não deixam de ser menos reais nem menos fortes (Ibid., p.120)

Mas quais eram os indícios de que as dores causadas pela alma seriam tratáveis? Além da eficácia da hipnose – que para ele, como vimos, poderia ser científica –, a cultura também ofereceria exemplos de tratamentos que, mesmo sendo comumente falaciosos, não deixavam de sugerir seus intrigantes resultados à investigação científica. Entre esses tratamentos, as “curas milagrosas”, observadas em todas as épocas nas religiões, apareceriam como bons exemplos, pois nestas era possível observar como suas ações na alma eram capazes de manejar a dor física. Na visão de Freud, no entanto, não haveria nada de milagroso, uma vez que seus resultados terapêuticos poderiam ser compreendidos, por exemplo, por meio da “expectativa esperançosa” que o doente depositaria em suas atividades místicas. Entretanto, ressaltava ele, ao invés de os médicos buscarem abarcar tais mecanismos anímicos por meios científicos, indeferiam esses estudos, contribuindo assim para uma “insatisfação” com relação à ajuda médica e, do mesmo modo, para a proliferação de soluções de “artes de charlatanismo e curandeiros”, nas quais “o recurso empregado não foi submetido à comprovação exata” (Ibid., p.122). Assim, o posicionamento de Freud era o de que o domínio do estudo anímico seria, por fim, delegado à ciência, caso a figura do sacerdote e de qualquer outro líder místico pudesse ser substituída pela figura do médico.

Por essas razões, *Tratamento psíquico...* (1890) talvez possa ser percebido como uma espécie de texto de justificação, que se propunha a mostrar com acuidade, mas sem explanação conceitual complexa, que a alma deveria ser objeto de estudo da ciência. Observamos, nesse sentido, um momento em que Freud se alocava teoricamente nas fronteiras entre alma e corpo de um modo mais incisivo e mais público – o que, conseqüentemente, o levava mais próximo à necessidade de sustentar uma concepção sobre ciência que não mais se ampararia exclusivamente no solo neurológico.

Agora, se nesse texto não percebemos uma tentativa de explanação conceitual, no ano seguinte, em 1891, ele certamente se posicionou teoricamente quando publicou seu famoso estudo *Sobre as afasias...* (1891). Embora não seja possível encontrar reflexões explícitas sobre concepção de ciência do autor neste texto, o seu valor epistêmico deve-se ao fato de se tratar de um momento de expressiva guinada teórica, em que a futura

metapsicologia começava a ganhar contornos na medida em que nele Freud iniciava a refutação de algumas das maiores concepções neurológicas daquela época.

Como defende Gabbi Jr. (1990), tratava-se de uma manobra “surpreendente”⁸², pois ali Freud se arriscava a refutar não só Wernicke, mas também Broca, Lichtheim, Grashey, Meynert, entre outros renomados neurologistas das tradições alemã e austríaca. Por que faria isso? Sendo ainda um jovem médico e pesquisador, por que provocaria uma briga que provavelmente perderia, já que era clara a sua desvantagem em termos de reconhecimento? No nosso ponto de vista, uma parte dessas respostas aponta para uma direção que pudesse levá-lo a resolver os enigmas apresentados por suas pacientes. Era como se, ao observar que as teorias vigentes não davam conta daquilo que sua mente investigativa observava, precisasse buscar algo diferente, o que implicou em repensar toda uma teoria sobre o funcionamento do cérebro (SCHOENWALD, 1954).

Não é difícil perceber como o localizacionismo anatômico pode ser uma teoria atraente para os interesses daqueles que partilhavam a orientação patológico-anatômica, visto que: 1) explicava as doenças revelando o correlato material danificado, atendendo assim os quesitos de precisão e de suporte material (materialismo); 2) permitia um enlace maior com as *hard sciences*, ao abrir caminhos para experimentações com compostos químicos, mensurações quantitativas etc.; e, acima de tudo, 3) proporcionava um enfrentamento da relação aporética mente-corpo, uma vez que, por esse viés, a alma poderia ser controlada e compreendida via corpo. A despeito desse ganho alto para ciência, Freud via inconsistências no modo como Wernicke propunha que as afasias fossem explicadas, de modo que, no seu ponto de vista, uma contestação devia ser arquitetada.

Para Wernicke, as diversas afasias surgiam quando determinadas localizações da *área da linguagem* eram lesionadas – área esta que ele demarcou a partir de teorias de Meynert e Broca (CAROPRESO, 2008; GABBI, JR., 1990). Em toda sua complexidade, essa visão insinuava não apenas uma concepção sobre o funcionamento cerebral mas também uma concepção acerca da relação mente e corpo, na qual “os fenômenos psíquicos eram os correlatos dos fenômenos neurológicos, embora, na maior parte das vezes,

⁸²“O tom com que Freud abre o seu estudo sobre a afasia é, no mínimo, surpreendente. Ele pretende, sem oferecer nenhuma pesquisa própria, modificar de forma radical o próprio entendimento que se tem sobre a afasia. Trata-se de lançar uma suspeita sobre as duas principais teses da concepção de Wernicke, considerada naquele momento, 1891, por quase todos estudiosos da área, como a base segura da qual se deve partir” (GABBI, JR., 1990, p.131)

falassem [Meynert e Wernicke] desses dois tipos como se fossem idênticos” (CAROPRESO, 2008, p.34). A estratégia de Freud foi marcada por um caráter epistemológico consistindo em mostrar que as conclusões de Wernicke não estavam de acordo com aquilo observado na clínica e que, por isso, aquela “teoria não seria passível de verificação empírica” (Ibid., p.37). Para tanto, buscou argumentos a partir de alguns casos clínicos de outros médicos como, por exemplo, Giraudeau, Heubner, Grashey, etc., passando a refutar as hipóteses de Wernicke, uma por uma, até poder propor a sua própria, na qual as causas das afasias eram compreendidas por meio das “perturbações funcionais” (FREUD, 1891).

Os adeptos da teoria do localizacionismo acreditavam que o cérebro podia ser dividido em regiões, sendo que cada uma delas operava a sua própria função específica, independentemente das demais. Na visão de Freud, ao contrário, as diversas regiões comunicavam-se mais dinamicamente e globalmente e uma determinada lesão anatômica encontrada não podia explicar uma dada patologia porque esta possivelmente não seria apenas efeito de uma única função cerebral (GABBI, JR., 1990). A linguagem que, segundo o localizacionismo era produto de uma região específica, ganhava então uma nova dimensão teórica uma vez que Freud passou a entendê-la como consequência de ações cerebrais globais.

Entretanto, é sabido que Freud não estava sozinho na edificação de uma oposição, já que se ancorava nas ideias do médico inglês Hughlings Jackson, o qual tinha arquitetado uma explicação para relação mente e corpo que não se fundamentava na ideia de causalidade. De fato, Jackson chamou de *concomitante dependente* o modo pelo qual os processos psicológicos se relacionariam com os neurológicos, o que denotava que ao invés de um processo ser a causa do outro, ambos ocorriam simultaneamente. Mas isto também não queria dizer que mente e corpo eram análogos, uma vez que, por esta concepção, a vida anímica tinha regras próprias e diferentes daquelas neurológicas (CAROPRESO, 2008). Assim, a psicologia não era independente da neurologia, pois seus processos estavam em um contínuo paralelismo. Por outro lado, os processos psíquicos, entendidos como sendo conscientes, não seriam mais concebidos como apenas epifenômenos dos neurológicos (Ibid.).

Ao se apropriar do conceito de Jackson, Freud parecia ter se apoderado de uma “garantia” para mapear o universo psicológico como um domínio próprio e repleto de fenômenos a ser desvendados, de modo que, como na anatomia ele não encontrava mais respostas para compreender a etiologia da histeria, a psicologia lhe parecia se tornar cada vez mais um legítimo campo de pesquisa científica. A partir dali os passos para fora de um solo exclusivamente neurológico se tornavam mais expressivos, pois, a noção de *concomitante dependente* lhe deixava seguro para entender a relação mente-corpo de um modo que não desconfiasse da cientificidade dos estudos psicológicos, uma vez que ele entendia que por detrás destes haveria sempre um correlato anatômico-fisiológico ocorrendo paralelamente⁸³. Parece-nos coerente o argumento de Schoenwald (1954) ao dizer que, se não fosse assim, a psicologia seria apenas algo “simples”, pois seus processos seriam apenas subordinados aos mecanismos neurofisiológicos. Como não era isso que a evidência clínica lhe mostrava, e como o localizacionismo não se sustentava, a opção mais plausível era a de pensar que a ciência explicava de modo equivocado a relação mente-corpo⁸⁴.

Vale lembrar que, mesmo inclinando à psicologia, a neurologia não seria extinta do roteiro teórico de Freud, ao contrário, ela estaria continuamente presente, mas é como se, daquele ponto em diante, ela pudesse ser compreendida como um substrato destinado para estudos futuros e interdisciplinares (principalmente físico-químicos). A despeito disso, parece que a sua nova visão insinuava que suas pesquisas não seriam menos objetivas, visto que a concepção jacksoniana o permitiria pensar a *linguagem* como um caminho para defender sua objetividade, sendo esta entendida como concomitante aos processos fisiológicos. Na nova perspectiva, as representações compunham inclusive a consciência e, conseqüentemente, faziam do universo psicológico um campo com acesso seguro para ser estudado, inclusive representando um encaixe apropriado, pois agora aquilo que Freud observava nas histéricas ganhava uma explicação contundente e científica, em que as lesões

⁸³“O médico que defendia esse esquema poderia tratar os distúrbios psíquicos e ainda sentir o apoio confortável de uma base “científica” sólida” (SCHOENWALD, 1954, p.125-26).

⁸⁴“Quando escreveu este livro, parece ser provável que Freud estava determinado a expressar, tanto quanto poderia, aquilo que ele sentia por algum tempo de maneira fragmentada. Se toda função psíquica pudesse ser rastreada infalivelmente a uma determinada parte do córtex, então a psicologia seria um assunto simples. Ela não teria lugar na ordem científica e nenhum direito para reivindicar a atenção de um médico clínico. Tratando das afasias, no entanto, Freud teria sido atraído pela evidência clínica, somada às descobertas anatômicas, a concluir que o conceito de localização precisa não daria conta de explicar todos os eventos psíquicos” (SCHOENWALD, 1954, p.125).

não eram mais entendidas como sendo anatômicas, e sim *dinâmicas*, isto é, ocorriam no entremeio das associações das representações⁸⁵.

Portanto, de modo panorâmico, entendemos que *Sobre as afasias...* (1891) marcava seu distanciamento tanto da *mainstream* da neurologia, embora seu conteúdo fosse antes de tudo neurológico, como do anatomismo, sem deixar o fisiologismo, sendo que a tarefa agora era entender o *funcionamento dos processos*. Em segundo lugar, este texto o aproximou tanto da psicologia, na medida em que adotava uma nova concepção acerca da relação mente-corpo (de Jackson), como do que veio a ser a psicanálise, pois ali emergia o estatuto de seu conceito de representação, embora esta não fosse ainda concebida como tratando de processos inconscientes. Em terceiro lugar, o texto permitia explicar a histeria de um modo em que a linguagem substituíra as dissecações *localizacionistas*, o que, conseqüentemente, preenchia uma lacuna para responder a equação teórica que somava seus aprendizados com Charcot e Breuer. Enfim, no texto inaugural de sua metapsicologia (CAROPRESO, 2008; SIMANKE, 2007), ele começava a sinalizar para uma emergente comunidade científica que seu caminho começava a tender para a psicologia.

Fato é que com *Sobre as afasias...* (1891) Freud conseguiu elementos para dar seus próximos passos em seu itinerário de pretensões científicas, uma vez que a palavra, que se em *Tratamento psíquico...* (1890) era delegada para explicar cientificamente a alma, agora era apresentada como possuidora de um denso significado, e passaria a ser entendida como “a unidade da função de linguagem”, o que, conseqüentemente, abria um caminho extenso para ele teorizar sobre a etiologia das patologias:

Para a psicologia, a unidade da função da linguagem é a “palavra”, {ou seja} uma representação [Vorstellung] complexa que se mostra composta de elementos auditivos, visuais e cinestésicos. [...] Nós estaremos então preparados para o caso em que a supressão [Wegfall] de um desses elementos da representação-palavra [Wortvorstellung] vir a se mostrar como a marca distintiva mais essencial, que nos permite concluir sobre a localização da enfermidade. (FREUD, 1891, p.75, esclarecimentos entre colchetes do tradutor)

⁸⁵“Por conseguinte, Freud troca a anatomia pela linguagem enquanto universal para sua teoria sobre a histeria. A ausência de lesões anatômicas não significa que o fenômeno histérico não seja objetivo, capaz de ser investigado cientificamente. Sua objetividade está dada pelas lesões dinâmicas cujas perturbações são fixadas pela linguagem natural. O sintoma histérico é entendido agora como uma forma de afasia, a afasia assimbólica” (GABBI, JR., 1990, p.141).

Talvez seja possível dizer que, além de conceituar a palavra, em *Sobre as afasias...* (1891), Freud também fazia aparecer algo que supomos ser uma espécie de embrião do que logo, ainda na década de 1890, se tornaria o alicerce teórico da técnica psicanalítica⁸⁶, uma vez que “concluir a localização da enfermidade” tornava-se seu ofício tanto na clínica quanto em suas pesquisas, sendo que ambas se misturavam nesse período. Talvez isso nos permita pensar que o choque teórico que havia ocorrido em sua visita à França, quando aprendera de Charcot que não seriam nas lesões orgânicas que encontraria a solução para o problema das neuroses, começava agora a ser compreendido de um modo mais contundente, fazendo da sua passagem para a psicologia algo inadiável.

Na verdade, é sabido que, pouco antes de voltar para Viena, em fevereiro de 1886, Freud já tinha começado a escrever um texto sobre seus aprendizados com Charcot, que, inclusive, foi quem teria lhe sugerido essa tarefa (STRACHEY *apud* FREUD, 1893a). Mas, esse trabalho, iniciado na década de 1880, só foi concluído após a escrita do texto das afasias, talvez porque só então teria clara a razão pela qual as respostas para os enigmas aprendidos na França não estariam na anatomia (Ibid.). Logo, em *Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques* (1893b)⁸⁷ tinha argumentos para defender que a natureza da lesão histérica seria funcional, e não orgânica. Para tanto, concentrava-se na investigação dos sintomas histéricos, os quais, segundo ele, permitiam pensar que a lógica anatômica era ignorada na histeria:

Eu afirmo, pelo contrário, que a lesão das paralisias histéricas deve ser completamente independente do sistema nervoso, posto que *a histeria se comporta, em suas paralisias e em outras manifestações, como se a anatomia não existisse, ou como se ela não tivesse conhecimento algum sobre ela* (FREUD, 1893b, p.51, itálicos do autor)

Por conseguinte, essa hipótese parecia tornar Freud numa espécie de delator dos limites da ciência neurológica de sua época, na medida em que ele evidenciava que as previsões teóricas acerca das paralisias não eram confirmadas com suas observações clínicas. Isso pode ser visto no texto quando ele procurou diferenciar uma monoplegia⁸⁸

⁸⁶Referimo-nos a passagem do capítulo VII da *A interpretação...* (1900), em que Freud resume os dois pilares da técnica psicanalítica (p.525).

⁸⁷Daqui em diante: *Quelques considerations...* (1893b).

⁸⁸Diferente da hemiplegia, em que haveria uma “paralisia dos membros superiores e inferiores e da parte inferior da face” (Ibid., p.44), a monoplegia era caracterizada pela dissociação da paralisia se concentrado em apenas um dos membros, como nas pernas e nos braços (Ibid.).

orgânica de uma monoplegia histérica. Enquanto a orgânica seria mais fácil de distinguir porque seus sintomas estavam menos dissociados do resto do corpo, podendo, inclusive, tornar-se uma hemiplegia, na histérica acontecia algo diferente:

Isso que, pelo contrário, pode realizar com facilidade uma paralisia histérica, como a clínica mostra todos os dias. Por exemplo, ela afeta o braço de um modo exclusivo, sem que possamos encontrar algum traço seu na perna ou na face. Ademais, no nível do braço, a paralisia histérica é tão forte como uma paralisia pode ser, e nisso vemos uma diferença notável em relação a uma paralisia orgânica – diferença que nos oferece grandes motivos para reflexão (FREUD, 1893b, p.46)

A partir dessa constatação Freud defendeu que no caso das paralisias histéricas, a lesão poderia residir nos eventos psíquicos, entre uma e outra “impressão psíquica”. Esta impressão, por sua vez, era apresentada como “carregada de um certo valor afetivo (Affektbetrag), do qual o eu se livra pela via de uma reação motriz ou por um trabalho psíquico associativo” (FREUD, 1893b, p.54, esclarecimento em alemão do autor). Freud expressava então os princípios de um conceito importante, o *trauma*, que, se com Charcot era entendido como um ataque no sistema nervoso causado por uma predisposição hereditária, agora começava a ser compreendido como a carga de afeto não liberada e que permanecia na memória do paciente, originando os sintomas histéricos (Ibid.). Ora, esse modo de pensar o fazia evocar a psicologia na medida em que insinuava que as causas poderiam ser de natureza psíquica. Nesta conhecida passagem, além de anunciar sua proposta então inovadora sobre a histeria, foi explícito ao pedir permissão para passar ao outro “terreno”:

Tentarei mostrar que é possível haver alteração funcional sem lesão orgânica concomitante, sem, pelo menos, lesão grosseiramente palpável, mesmo através de uma análise mais minuciosa. Em outros termos, darei um exemplo apropriado de uma alteração de função primitiva; para tanto, não peço mais que a permissão para passar ao terreno da psicologia, o qual não se pode evitar quando se trata de histeria (FREUD, 1893b, p.53)

Agora, mesmo que os textos publicados nessa época ainda não fossem predominantemente psicológicos, isso não significa que o “terreno da psicologia” já não estivesse sendo explorado. Parece-nos que o pedido de Freud na passagem acima pode ser entendido como direcionado, sobretudo, aos leitores médicos e cientistas, pois é certo que a psicologia estava presente na intimidade de seu itinerário investigativo já há algum tempo,

o que pode ser confirmado em suas cartas à Fliess (FREUD, 1986). A novidade, então, era assumir a psicologia publicamente para estudar a histeria sem prescindir da identidade científica. Se as paralisias orgânicas poderiam ser bem explicadas pela orientação patológico-anatômica, então o que se precisava era uma teoria para explicar as supostas causas psíquicas. Para tanto, como defende Honda (2009), Freud envolvia-se no projeto da “construção de uma teoria científica nova”⁸⁹, sendo que a representação, que já aparecera em *Sobre as afasias...* (1891), adquiria em *Quelques considerations...* (1893b) contornos fundamentais: a proposta de que o rompimento das ideias em uma cadeia associativa poderia ser a causa para uma paralisia, podendo essas ideias, inclusive, ser de ordem “subconsciente”. Assim, a hipótese era a de que o braço da histérica poderia estar paralisado porque a sua concepção, ou representação, de braço estaria carregada de valor afetivo, sendo que, segundo a observação clínica de Freud, quando a carga afetiva era eliminada, o braço voltava a se movimentar:

Se, numa associação, a concepção de braço se encontra envolvida de um grande valor afetivo, ela será inacessível ao livre jogo das outras associações. *O braço será paralisado em proporção da persistência de seu valor afetivo ou de sua diminuição através de meios psíquicos apropriados.* Esta é a solução do problema que levantamos, pois, em todos os casos de paralisia histérica, percebemos *que o órgão paralisado ou a função abolida estão envolvidos em uma associação subconsciente que é revestida de um grande valor afetivo, e pode ser mostrado que o braço se torna livre imediatamente após essa carga de afeto ser eliminada.* Então, a concepção de braço existe no substrato material, mas não está acessível às associações e impulsos conscientes, porque toda a sua afinidade associativa está, por assim dizer, saturada de uma associação inconsciente com a lembrança do evento do trauma que produziu a paralisia (FREUD, 1893b, p.54)

Ainda não tinha chegado o momento de apresentar a proposta de um “psíquico inconsciente”, algo que aconteceria dali dois anos, com a escrita do *Projeto...* (1895)⁹⁰.

⁸⁹“Entendemos que foi para dar conta desse tipo de problema [da contradição na explicação das paralisias] que Freud partiu para a construção de uma teoria científica nova. E como as teorias da anatomia eram tidas como coerentes e consistentes, já que vinham sendo construídas com base na observação clínica e na constatação *post mortem*, enfim, eram teorias bem fundamentadas empiricamente, então, não era o caso de abandonar ou reformular essas teorias neuroanatômicas, pois elas explicavam bem as paralisias orgânicas. Restava apenas uma alternativa: mudar o enfoque e tentar buscar outra explicação para esse tipo de paralisia. Logo, se a causa não é orgânica, só pode ser psíquica, de origem subjetiva, portanto” (HONDA, 2009, p.86-87).

⁹⁰“No texto *Sobre a concepção das afasias* (1891), ele [Freud] havia mantido a identificação entre o psíquico e o consciente e, nos textos sobre as neuroses do período entre 1891 e 1895, embora reconheça ser necessário atribuir os sintomas neuróticos a processos inconscientes, ele não chega a afirmar cabalmente que esses processos seja de natureza psíquica. No *Projeto*, pela primeira vez, a possibilidade de um psíquico inconsciente é claramente admitida” (CAROPRESO; SIMANKE, 2011, p.97)

Mas, como visto acima, desde o começo da década de 1890, Freud trabalhava com a hipótese de que “apesar de encontrarem-se fora do domínio da consciência, essas ideias reprimidas continuavam a exercer influência no psiquismo” (HONDA, 2009, 88). Nesses termos, apenas dois anos após escrever o texto das afasias e dois anos antes de elaborar o *Projeto...* (1895), ele já começava a abandonar a doutrina que adotara de Jackson, isso porque a concepção de *concomitante dependente* pressupunha que os eventos psicológicos, embora paralelos aos neurológicos, permaneciam no domínio da consciência. O pensamento de Freud, por outro lado, direcionava-se cada vez mais à defesa da possibilidade de anunciar processos inconscientes, isso sem perder de vista os domínios da ciência.

3.2. Psicologia científica para “explicar algo que vem bem do âmago da natureza”

Em torno da metade da década de 1890, Freud começou a publicar seus textos com Breuer e, nestas publicações, a proposta de se apropriar da ideia de que a mente seria cindida, *i.e.*, como tendo um universo inconsciente, tornava-se cada vez mais absorvente. O mistério da incongruência dos sintomas histéricos lhe indicava um caminho que, na época, parecia não ter horizonte definido, restando-lhe a exploração por meio de tentativas e ensaios. Por exemplo, em um de seus primeiros textos tratando exclusivamente de psicologia, *As neuropsicoses de defesa* (1894), chama a atenção a sua escolha pela palavra ensaio (*Versuch*) logo no subtítulo⁹¹, sugerindo que se tratava de um conjunto de ideias ainda em processo de elaboração. Além disso, suas palavras introdutórias para esse texto já insinuavam que o apresentado ali poderia ser entendido como trabalho não conclusivo e sujeito a reexame⁹². Porém, mesmo que de caráter ensaístico, este se tornou um texto importante porque ali Freud revelou que “pretendia, a despeito de tudo que já proporcionara, dar uma contribuição original à teoria da histeria” (BOCCA, 2011, p.888).

⁹¹“(Ensaio [*Versuch*] de uma teoria psicológica da histeria adquirida, de muitas fobias e representações obsessivas e de certas psicoses alucinatórias)” (FREUD, 1894, p.41).

⁹²“Após detalhado estudo de muitos neuróticos que sofriam de fobias e representações obsessivas, adquiri certo ensaio explicativo desses sintomas, que logo me permitiu inferir com êxito a origem de tais representações patológicas em outros casos novos, e, por isso, o considereei merecedor de ser comunicado e submetido a reexame” (FREUD, 1894, p.47).

Tal originalidade não residia na proposta de explicar a patologia por meio da ideia de que a mente era cindida, pois isso já aparecia no trabalho, entre outros, do neurologista francês Pierre Janet e de Breuer (FREUD, 1894). Segundo Freud (1894), se o primeiro destes dois afirmava que a mente era dividida na histeria como consequência de uma fragilidade inata, a qual evidenciaria a “degeneração dos indivíduos histéricos” (p.48), o segundo considerava que haveria um “estado hipnoide”, no qual as representações estavam “separadas do comércio associativo com o restante do conteúdo da consciência” (p.48). Já Freud considerava que a divisão da mente era uma consequência de uma *defesa* que o eu do paciente tentava aplicar voluntariamente quando um acontecimento traumático trazia consigo uma representação carregada de uma quantidade excessiva de afeto, e o eu, sem alternativas, tentava esquecê-la (Ibid.). Isso lhe permitiu considerar que haveria representações inconciliáveis na vida mental e que, quando essas conflitavam, a única opção para o eu era retirar a soma de excitação excessiva daquela representação “estranha” e convertê-la para o corpo. Daí tornava-se possível explicar a etiologia de algumas psicopatologias, como as fobias e a histeria, sendo que, na soma dessas concepções, revelava-se sua originalidade (BOCCA, 2011), representando, sobretudo, um grande valor dado à hipótese de que as representações eram distintas e potencialmente separáveis do afeto, como ressalta Monzani (1989)⁹³.

Por meio dessa proposição, Freud começava a configurar um arcabouço conceitual inédito, o qual gradativamente transformaria sua linguagem pretensiosamente científica em algo distinto daquela que praticava quando no solo da neurologia. Embora nos textos dessa época seu espírito de defesa não aparecesse de modo tão manifesto, como vimos no capítulo anterior, baseados na contundência que revelava o encadeamento de suas explicações em relação às suas observações clínicas, supomos que, caso ele fosse questionado sobre a cientificidade, ele argumentaria a seu favor, defendendo que seria ciência porque explicava as causas incisiva e logicamente. De outra maneira, do modo como compreendemos, talvez naquele momento Freud definisse *explicação científica* da seguinte maneira: algo que esclarece os problemas manifestados por meio da elucidação de suas causas, utilizando-se de certo empirismo (observação clínica dos sintomas e testes de

⁹³“A grande descoberta da Psicanálise foi perceber que não há relação intrínseca entre representação e afeto e que, ao contrário, essa relação é de uma pura soldagem entre uma e outra, de sorte que são passíveis de se dissociarem e tomarem rumos distintos” (MONZANI, 1989, p.91).

suas técnicas) e raciocínios lógicos, mas não necessariamente por meio da revelação de evidências anatômicas. Não que este aspecto lhe fosse dispensável, mas podemos lembrar que as demais explicações neurológicas da época, mesmo que buscassem evidências *post mortem*, esbarravam no fato de os laboratórios não possuírem equipamentos muito sofisticados para mostrar provas materiais. Então por qual razão a sua psicologia não poderia sustentar explicações de ordem semelhante? E, vale dizer, esse tipo de pensamento não caberia apenas à neurologia, lembrando aqui dos últimos parágrafos de *As neuropsicoses de defesa* (1894) nos quais ele defende a imaterialidade de seus conceitos, principalmente o de quantum de afeto. Isso, em certo sentido, era autorizado por uma comparação com a física, que também precisava se contentar com a característica modelar da concepção de energia elétrica, a qual, embora tivesse meios de mensuração, diferentemente do caso de sua concepção de afeto, seria uma hipótese qualitativa e útil para a compreensão dos fenômenos.

Aqui está: nas funções psíquicas cabe distinguir algo (montante de afeto, soma de excitação) que tem todas as propriedades de uma quantidade – mesmo que não possuímos meios para medi-lo –; algo que é suscetível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e se difunde pelos traços mnêmicos das representações, como faria uma carga elétrica pela superfície dos corpos. É possível utilizar esta hipótese, que, aliás, já se encontra na base de nossa teoria da “ab-reação”, no mesmo sentido em que o físico emprega a suposição do fluido elétrico que corre. Provisoriamente está justificada por sua utilidade para resumir e explicar múltiplos estados psíquicos. (FREUD, 1894, p.61)

Assim, desde seus primeiros textos na psicologia, incluindo aqui também suas palavras sobre “impressões psíquicas” em *Quelques considerations...* (1893b), era patente sua intenção de se arraigar em propostas de explicações quantitativas para estudar a natureza do psiquismo. Evitando nos embaraçarmos nas controversas discussões que surgiram posteriormente sobre essa intenção⁹⁴, preferimos, respeitando nossa metodologia, apenas observar por ora o seu esforço de não perder de vista o núcleo de sua concepção de ciência. Em outras palavras, ao enxergar a natureza do psíquico por meio desse modelo energético e, conseqüentemente, fisicalista, ele sinalizava sua disposição para permanecer

⁹⁴Discussão essa que dividiu os estudiosos entre aqueles que encontraram neste modelo energético uma proposta frutífera e justificável para a compreensão do psíquico, concordando, assim, com Freud, e aqueles que, por outro lado, o avaliaram de outro modo, retratando-o, por exemplo, como sendo uma “hipótese especulativa” (Cf. FULGENCIO, 2002), ou como se tratasse de algo dispensável no *corpus* de sua obra (Cf. RICOEUR, 1990).

em contato com sua tradição científica. Além disso, observando o modo que escolheu suas palavras, pensamos que ele revelava certo cuidado para introduzir seus conceitos, o que talvez nos sinalize que ele percebia o quanto suas ideias eram singulares e, por isso, estavam sujeitas à censura dos demais médicos.

Não obstante, outro relevante aspecto se somaria à sua argumentação a favor de sua cientificidade: aquilo que ele aparentemente entendia como sendo a eficácia de sua técnica no tratamento dos sintomas. Ora, se Freud compreendia que a carga de afeto não era “soldada” à representação, então poderia haver modos de induzir o aparecimento da ab-reação, a qual ficou conhecida como ab-reação secundária, “provocada pela psicoterapia catártica, que permite ao doente rememorar e objetivar pela palavra o acontecimento traumático, e libertar-se assim do quantum de afeto que o tornava patogênico” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004, p.1). Assim, a ideia era utilizar o método catártico, inventado por Breuer no começo da década de 1880, o *talking cure*, que agora se encontrava suficientemente maduro para ser apresentado aos demais médicos.

No famoso *Estudos sobre a histeria* (1895), livro que Freud e Breuer escreveram juntos, percebe-se certo entusiasmo de ambos ao sustentarem que as chaves para o tratamento das neuroses estariam na relação médico/paciente, em que o primeiro escutaria tecnicamente o segundo visando a promover a catarse. Entretanto, embora partilhassem o mesmo método, os dois observavam os fenômenos histéricos de modo diferente. Tal discordância ocorreu justamente quando Freud tentou considerar teoricamente aspectos observados nas histéricas por um viés que era recusado por Breuer (FREUD, 1914). Enquanto este não abria mão da ideia de que haveriam estados hipnoides que dividiam a consciência, o que o aproximava mais da fisiologia, Freud investia fortemente em sua ideia de defesa. É interessante que anos depois, em 1914, quando escrevia sobre a história da psicanálise e falava sobre sua separação de Breuer, Freud classificou seu posicionamento diante da histeria como sendo menos científico que aquele defendido por seu mestre:

Eu entendia as coisas menos cientificamente, discernia em toda parte tendências e inclinações análogas aos da vida cotidiana e concebia a cisão psíquica mesmo como resultado de um processo de repulsão, ao que chamei então de “defesa” e, mais tarde, de “repressão” (FREUD, 1914, p.10-11)

Agora, se suas observações fossem menos científicas por causa dessa inclinação para abarcar o cotidiano, então o que diria Freud sobre o outro aspecto que Breuer

recusava-se a acatar, a sexualidade como fator etiológico das neuroses? Em seus diálogos com Fliess, nos bastidores de suas publicações, Freud refletia deliberadamente sobre seu ponto de vista segundo o qual o fator sexual seria eminente para decifrar as neuroses, de tal modo que no seu capítulo de *Estudos sobre a histeria* (1895), intitulado *Sobre a psicoterapia da histeria*, ele já elaborava uma espécie de refinamento nosográfico pautando-se nos desdobramentos da sexualidade como fator causal das neuroses. Em decorrência dessa deliberação, Breuer, que talvez possa ser considerado como seu último grande elo com a velha guarda de professores que lhe apresentaram o universo científico, abster-se-ia do itinerário freudiano, deixando-o sozinho em seu novo projeto:

Estou bastante sozinho, aqui, na elucidação das neuroses. Sou encarado como uma espécie de monomaníaco, embora tenha a nítida sensação de haver tocado num dos grandes segredos da natureza. Há algo de curioso na incongruência entre o apreço que se dá ao próprio trabalho intelectual e o valor que os outros lhe atribuem. (FREUD, 1986, p. 74, carta de 21 de maio de 1894)

E, adiante:

Basicamente, durante o dia inteiro só faço pensar nas neuroses, mas, como o contato científico com Breuer cessou, tenho que depender exclusivamente de mim mesmo, razão por que o progresso é tão lento. (Ibid., p.83, carta de 22 de junho de 1894)

Portanto, aproximava-se um momento no qual Freud se encontraria sozinho, sendo Fliess um de seus únicos interlocutores. Este momento o levaria a experimentar as dificuldades de defender ideias sem o amparo de outros pesquisadores – isso pelo menos até que ele montasse um novo grupo. Talvez fossem as melhorias na técnica que lhe permitia seguir adiante na teorização acerca de suas observações, sendo que naquele momento ele também se despedia de outra já velha companheira, a hipnose, o que, como sabemos, teria ocorrido quando ele percebeu que nem todos os pacientes eram hipnotizáveis. Alguns apresentariam uma “força”, uma *resistência*, que se impunha como obstáculo para se encontrar determinadas memórias, o que levou Freud a substituir a técnica para qual, como vimos, ele devia muito (FREUD, 1895). Como percebeu que uma simples pressão na testa fazia o efeito desejado em busca da catarse, não haveria motivos para insistir em algo que ele não dominava e cuja cientificidade teria sido, por vezes, impugnada (Ibid.). Nesse sentido, essa troca de técnica parece ser um indício de certo

amadurecimento de suas ideias, como se naquele momento ele estivesse mapeando o psiquismo de tal modo que se sentisse seguro para diversificar seu repertório técnico.

De fato, suas ideias em *Sobre a psicoterapia da histeria* (1895) apresentavam uma concepção de mente mais sofisticada do que aquela que aparecia esparsamente em textos anteriores. Ali o psiquismo seria retratado de um modo a satisfazer dois aspectos atrativos de um saber que almejasse ser considerado científico naquele final de século XIX: o [1] determinismo, já que agora as representações eram apresentadas como sendo ordenadas e encadeadas, de tal modo que os eventos mentais seriam pensados como interligados em um processo de sucessão, o que tornava possível inferir que haveria uma [2] causalidade na vida psíquica, e assim o terapeuta, na busca da cura, teria como objetivo auxiliar o paciente a encontrar a “representação patogênica” que teria sido expelida da corrente de representações.

Aspectos como estes levaram Freud a flertar com a possibilidade de enxergar o psiquismo como sendo análogo a uma máquina, a um aparelho. Ora, embora em *Sobre a psicoterapia da histeria* (1895) ele ainda não colocasse nesses termos, o modo como descrevia o psiquismo nos leva a sugerir que já houvesse uma máquina ali, materializada em sua frente e, ao desmontá-la em cima de uma bancada, Freud poderia tanto explicar a função de cada peça separada quanto sua dinâmica quando inteiramente montada. Ele não negava que suas analogias eram de caráter figurativo, inclusive utilizava a palavra “*símile*” (*Gleichnissen*) para se referir a elas, mas tamanha parecia ser sua convicção que, em certos momentos, não parecia se tratar de algo impalpável. Explicava que os acontecimentos psíquicos – as representações – seriam sempre arquivados, separados em temas, dispostos em sequências lineares que remetiam sempre a um núcleo patogênico, e o analista poderia promover a cura quando conseguisse evocar aquela representação perdida, o que ocorreria quando a resistência do paciente fosse superada (FREUD, 1895). É interessante que nesse texto mais uma vez aparecia a palavra inconsciente, também utilizada por Breuer, mas ali ainda não tinha o mesmo significado que logo adquiriria, isto é, não era pensada “como necessária para se esclarecer o mecanismo psíquico das neuroses (...)” (CAROPRESO, 2008).

O enigma estava posto: o que teria acontecido com aquela representação expelida de sua cadeia? A solução de Breuer – estados hipnoides – não agradava Freud, e isto tornava a

“hipótese da defesa” em algo mais atraente. No entanto, a seu ver, ainda era preciso fundamentá-la, tarefa esta que, em 1895, já estaria sendo efetuada: o *Projeto...* (1895) foi enviado via correspondência a Fliess, permanecendo desconhecido e publicado apenas posteriormente⁹⁵. No entanto, depois de encontrado, os estudiosos perceberam a notoriedade das ideias ali contidas para a compreensão da psicanálise:

É sempre com espanto que lemos e relemos o *Projeto...* e a correspondência com Fliess. Tudo já está lá, quase somos obrigados a exclamar. Sim, de uma certa maneira, quase tudo já está lá. Mas serão necessários mais de 40 anos para Freud colocar tudo no seu devido lugar, repensar e retificar pacientemente essas ideias (MONZANI, 1989, p.304)

De fato, esse “espanto” parece ser quase unânime entre os interessados, e é visto como um reflexo do fato de que a literatura psicanalítica, filosófica e até neurológica encontrou no *Projeto...* (1895) uma duradoura riqueza de ideias e possibilidades de pesquisa. Mas, se se trata de um texto tão profícuo, por que Freud não o publicou? Por que ele abandonou esse imponente manual da mente passando a abominá-lo, chegando até mesmo a repudiar Marie Bonaparte quando esta lhe solicitou a publicação no final de sua vida? Perguntas complicadas, mas que, como sabemos, certa resposta pode ser esboçada a partir da sequência de cartas para Fliess (LOTHANE, 1998), em que Freud de início se mostrou contente com seu texto, acreditando ter mesmo conseguido traduzir a psicologia para os neurologistas em termos mecânicos-fisiológicos. No entanto, subitamente, decidiu engavetá-lo, explicando ao amigo que aquilo não passava de um absurdo: “Não entendo mais o estado mental em que maquinei a psicologia [o projeto]; não consigo conceber como posso tê-lo infligido a você. Creio que você ainda está sendo polido demais; para mim, parece ter sido uma espécie de loucura.” (FREUD, 1986, p.153, carta de 29 de novembro de 1895). Sendo essa uma resposta formulada a partir de suas palavras, tudo se torna ainda mais intrigante, pois, percebemos que o seu movimento na década de 1890 fora marcado pela tentativa de inserir a psicologia no domínio científico. Se ele finalmente tinha conseguido material suficiente para arquitetar uma concepção acerca dos processos psíquicos pela qual ele poderia despejar a disciplina dos filósofos... Então decidiu-se pela não publicação?

⁹⁵ Cf. introdução de Freud (1986), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*.

A questão é que no *Projeto...* (1895) o aparelho se encontrava atualizado, de tal modo que apresentava de forma amarrada os conceitos que representariam os fenômenos psíquicos. Já nas tão citadas primeiras linhas é possível perceber os preceitos pelo qual ele seria ajeitado, em que seu idealizador deixava claro sua pretensiosa estratégia:

O propósito [é] fornecer uma psicologia científico-naturalista, ou seja, apresentar processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas e, com isso, torná-los intuitivos e livres de contradição. Estão contidas duas ideias principais:

[1.] concebe o que diferencia atividade de repouso como Q, submetida à lei geral do movimento;

2.) toma os neurônios como partículas materiais. (FREUD, 1895, p.9, esclarecimentos entre colchetes do tradutor)

De fato, esta passagem parece uma espécie de verbete de ciência num imaginável dicionário escrito por Freud, em que a palavra *Naturwissenschaftliche* – aqui pela primeira vez referenciando sua própria psicologia – tinha as características de seu significado anunciadas: “quantitativamente determinados”; “partes materiais capaz de serem especificadas”; “intuitivos e livres de contradição”; ou seja, ingredientes para uma ciência que almejava apresentar fatos supostamente incontestáveis, racionais e, inclusive, empíricos. Aparentemente, seria desse modo que, por fim, a psicologia poderia ser colocada na trilha que habitavam os conhecimentos confiáveis, e, para tanto, Freud tentaria organizar essas características em sua explicação do funcionamento dos processos psíquicos.

Embora sua natureza não fosse especificada⁹⁶, a quantidade seria entendida como uma espécie de energia, uma quantidade de excitação (Q ou Q_h), que circularia no sistema através dos neurônios pelo “processo de inércia”, o qual seria entendido por meio de uma “suposição de uma corrente dirigida do corpo celular ou de seus prolongamentos para o cilindro do eixo (...)” (FREUD, 1895, p.12); ou, em outras palavras, os neurônios teriam a tendência de esvaziar-se completamente da quantidade de energia recebida. Sendo o aparelho constituído pelo conjunto dos neurônios, eliminar toda excitação seria sua “função primária”: tanto “exógena”, provinda do mundo externo, este entendido como “massas

⁹⁶“A natureza dessa quantidade, contudo, não é especificada. Há afirmações, no *Projeto* e em outros textos da mesma época que permitem supor que Freud atribuísse uma natureza elétrica à quantidade; esta é a interpretação de Pribram & Gill que, neste ponto, discordam frontalmente de Strachey. Mas, em outras passagens, Freud parece trabalhar com uma concepção mais hidráulica da quantidade, valendo-se de uma linguagem que está mais próxima, pelo menos metaforicamente, da mecânica dos fluidos, de modo que a questão permanece indecisa” (CAROPRESO; SIMANKE, 2011, p.89).

poderosas em movimento violento, que propagam seu movimento” (Ibid., p.18), quanto “endógena”, provinda dos corpos, que “se originam em células corporais e dão como resultado os grandes carecimentos: fome, respiração, sexualidade” (Ibid., p.10-11). Além disso, como seria necessária certa quantidade de energia para que fosse possível lidar com essas carências internas, ou seja, para que, *p.ex.*, fosse possível realizar uma “ação específica” que pudesse dar conta da fome, o aparelho não poderia eliminar toda excitação, armazenando uma quantidade mínima, por meio de um processo de armazenamento que ficou conhecido sob o estatuto de uma lei, a “*lei de constância*”. Claro que germinariam várias outras concepções a partir de toda essa noção quantitativa, as quais ilustrariam a dinamicidade do fenômeno psíquico; só que, vale dizer, tal noção de quantidade, quase que paradoxalmente, seria essencialmente de ordem qualitativa, uma vez que:

Inércia não se refere a um zero absoluto, mas apenas a um estado de ausência de diferença na quantidade de movimento. A escala de medida, se quisermos falar em medidas, é uma escala ordinal, ou seja, além da relação de equivalência (=), também inclui relação de ordem (>); no entanto, de nenhuma maneira somos capazes de exprimir diferenças entre duas quantidades (GABBI, JR., 1994, p.55)

Assim, a noção de “quantitativamente determinados” tinha um caráter imensurável, o que não seria diferente no caso da noção de materialidade, a qual, por sua vez, seria concebida por meio do neurônio, entendido como “uma afiguração da totalidade do sistema nervoso com sua arquitetura bipartida (...)” (FREUD, 1895, p.12). É muito provável que esta unidade celular tivesse sido empregada para fazer uma referência ao cerebral⁹⁷, *i.e.*, para dar carne e objetividade ao aparelho, que seria, antes de qualquer coisa, ficcional (GABBI, Jr, 1994). De todo modo, a linguagem neurológica, que como dissemos Freud parecia substituir, voltava a aparecer vigorosamente, sendo que, para mapear o sistema nervoso de um modo que fizesse possível a compreensão dos processos psicológicos, ele o dividiria em três classes de neurônios⁹⁸: [1] os neurônios “ ψ ”, que comporiam a memória, a qual somente seria plausível quando aceito que haveria “barreiras de contato” entre os neurônios, nas quais ocorreria uma resistência da passagem de excitação. Esta resistência

⁹⁷“Um modelo, portanto, que tem um referencial claro e preciso: o referencial anatômico, que lhe confere o estatuto de um campo objetivo, passível de ser enquadrado nos cânones da ciência positiva” (MONZANI, 1989, p.120).

⁹⁸“Tais sistemas não se diferenciariam uns dos outros devido à estrutura dos neurônios que os compõem – uma vez que Freud trabalha com a hipótese de que todos os neurônios são estruturalmente idênticos -, mas sim devido ao modo distinto de ação da quantidade e os níveis de intensidade da mesma em cada um deles” (CAROPRESO; SIMANKE, 2011, p.91).

seria determinante porque, em uma nova passagem de excitação, apenas seria permitido atravessar para o próximo neurônio aquela quantidade que excedesse a resistência anterior. Isto significa dizer que a resistência que fosse armazenada funcionaria como uma espécie de limiar: “Quando isto ocorresse, a barreira de contato seria “facilitada”, fazendo com que se constituíssem caminhos preferenciais no interior do aparelho, os quais possibilitariam a memória (...)” (CAROPRESO; SIMANKE, 2011, p.91). [2] Os neurônios “ ϕ ”, que comporiam a percepção e que seriam os mais primitivos entre os três sistemas. Esta classe teria o contato mais próximo com o mundo externo e não apresentaria resistência ao fluxo de excitação (FREUD, 1895). Assim, seriam totalmente permeáveis e estariam ligados aos órgãos sensoriais, sendo responsáveis pela recepção imediata da excitação. Como todos os neurônios do sistema seriam estruturalmente idênticos, suas barreiras de contato “encontrar-se-iam total e homoganeamente facilitadas” (CAROPRESO; SIMANKE, 2011, p.91). Entretanto, Freud percebeu que essas duas classes de neurônios não seriam suficientes para explicar todos os processos psíquicos, isso porque haveria processos que não seriam apenas quantitativos, mas qualitativos, como, por exemplo, as sensações⁹⁹.

Na verdade, a questão da qualidade era um desafio que se apresentava não apenas para Freud, mas para diversos cientistas da época (GARCIA-ROZA, 2008, p.44). O mundo externo era supostamente bem resolvido quantitativamente pelas leis da física, mas “aquilo que a consciência nos fornece são qualidades. De onde provêm essas qualidades? Não se trata apenas de apontar uma origem qualquer para as qualidades, mas de como tratá-las conceitualmente” (Ibid., p.107). Assim, Freud entendia que seria um dever de sua psicologia propor uma explicação conceitual para a maneira com que a quantidade externa seria transformada em qualidade (FREUD, 1895, p.23). Logo, para entender a *consciência*, ele propôs [3] o sistema de neurônios “ ω ”, os quais teriam estados de excitação diferenciados e forneceriam “signos de realidade”¹⁰⁰ para o sistema ψ . Mas, não faria sentido se isso ocorresse apenas por meio da transmissão quantitativa de excitação entre um

⁹⁹“A qualidade [para Freud] é outra coisa. Não é redutível à quantidade e diz respeito aos aspectos sensíveis da percepção. Uma cor, um som, uma textura, o quente e o frio, são qualidades. As qualidades apresentam-se ainda como séries, como semelhanças e diferenças, como sínteses das impressões elementares. Portanto, como elo que de modo algum pode ser reduzido à quantidade” (GARCIA-ROZA, 2008, p.44).

¹⁰⁰“O mecanismo apontado por Freud é o seguinte: toda percepção excita ω ; como ω não retém $Q\eta$, por menor que esta seja, produz-se uma descarga em ω , da qual chega uma informação a ψ . É essa indicação em ψ de uma descarga ocorrida em ω que funcionará como *signo de qualidade* e também como *signo de realidade* para ψ . A este mecanismo Freud chama de *atenção psíquica*”. (GARCIA-ROZA, 2008, p.109).

neurônio e outro, visto que, a seu ver, a qualidade não poderia ser entendida quantitativamente, e, como os neurônios seriam estruturalmente idênticos, seria preciso introduzir alguma outra característica para explicar como o sistema ψ se comunicaria com ω . Foi então que optou por introduzir o caráter temporal em suas explicações, sendo “período de excitação” o conceito escolhido para explicá-lo. O período permitiria a ω receber o mínimo de $Q\dot{\eta}$, o que, por sua vez, garantiria a possibilidade de sensações qualitativas e transformaria todo o estado no “fundamento da consciência”¹⁰¹.

Assim, ao propor um modo de funcionamento para a consciência, Freud poderia explicar também duas qualidades sensoriais que dependeriam do período, as sensações de prazer e desprazer. Ao propor um modo de entender essas sensações, ele mostrou pela primeira vez uma noção sobre um dos princípios mais fundamentais em psicanálise, o princípio de prazer:

Mas até agora descrevemos incompletamente o conteúdo da consciência; ele mostra, fora a série das qualidades sensoriais, uma outra série muito diferente daquela, a das sensações de prazer e desprazer, que necessita agora de interpretação. Dado que é certamente conhecida por nós uma tendência da vida psíquica para evitar desprazer, estamos tentado a identifica-la com a tendência primária para a inércia. Então, desprazer corresponderia ao aumento do nível de $Q\dot{\eta}$ ou ao crescimento quantitativo de pressão; seria a sensação ω no caso de um crescimento de $Q\dot{\eta}$ em ψ . Prazer seria a sensação de eliminação (FREUD, 1895, p.26)

Pois bem, apesar de breve, essa exposição panorâmica do aparelho¹⁰² já parece tornar possível visualizarmos o objeto que Freud entendia como sendo correspondente a uma psicologia científica. Ao longo do texto, tal aparelho, pensado a partir de $\phi\psi\omega$, é utilizado para desenvolver conceitos e teorias psicológicas de diversos tipos. De tal modo que, em termos teórico-conceituais, seria mesmo incalculável os frutos que eclodiram junto àquele esboço. Não obstante, além dos inúmeros conceitos germinantes, o *Projeto...* (1895) também parece ser revelador de importantes aspectos da concepção de ciência de Freud, sendo que, chegado o momento de expor sua própria psicologia, o texto revelava

¹⁰¹“Para um esclarecimento fiscalista, ainda há aqui muito por fazer, visto que para aplicarem-se as leis gerais de movimento, elas também têm de ser aqui livres de contradição. Mas a suposição vai além: os neurônios ω são incapazes de receber $Q\dot{\eta}$, e, em compensação, apropriam-se do *período* de excitação, e este seu estado de afecção pelo período, a partir de um mínimo de preenchimento de $Q\dot{\eta}$, é o fundamento da consciência” (FREUD, 1895, p.24).

¹⁰²Apresentar algo mais exaustivo parece escapar de nossos objetivos. Vários autores, principalmente da literatura brasileira, apresentam as ideias do *Projeto...* (1895) de modo amplo e didático (Cf. CAROPRESO, 2008; CAROPRESO; SIMANKE, 2011; GABBI, JR., 1994; GARCIA-ROZA, 2008; *et al*).

abertamente que ele se encontrava preocupado com a questão de sua cientificidade. Ali é possível confirmar, como aponta Amacher (1965), que sua educação neurológica estaria mesmo viva em sua mente investigativa, uma vez que são evidentes as conexões epistemológicas que podemos fazer entre a heurística apresentada e os modelos que teriam guiado sua formação, principalmente os que o aproximava da escola de Helmholtz. A aliança entre ciência naturalista e psicologia era apresentada como selada, e, embora suas concepções fossem abertamente consideradas como sendo especulativas, tudo, como escreveu a Fliess, parecia se encaixar:

Agora escute só. Numa noite laboriosa da semana passada quando eu estava sofrendo daquele grau de dor que propicia as condições ótimas para minhas atividades mentais, as barreiras ergueram-se subitamente, os véus caíram e tudo se tornou transparente – desde os detalhes das neuroses até os determinantes da consciência. Tudo pareceu encaixar-se, as engrenagens se entrosaram e tive a impressão de que a coisa passara realmente a ser uma máquina que logo funcionaria sozinha. (FREUD, 1986, p.147, carta de 20 de outubro de 1895)

Todavia, a escolha pela não publicação dessa máquina parece indicar que nem tudo estaria resolvido. Não que os conceitos ali apresentados fossem tidos como inconsistentes, pois a ideia de “intuitivos e livres de contradição” parece ter sido colocada em prática na medida em que Freud satisfazia algumas proposições que, como vimos, ele atrelaria à ciência: a ciência deve explicar as neuroses; a ciência precisa se preocupar com a observação clínica; a linguagem neurológica é de terreno seguro etc.. Mas mesmo no processo de escrita do *Projeto...* (1895), Freud reconhecia que o assunto talvez não estivesse tão bem explorado quanto gostaria, pois, mesmo antes da carta citada acima, em 16 de agosto de 1895, ele reconhecia que não era fácil “explicar algo que vem bem do âmago da natureza”:

A psicologia é mesmo uma cruz. Jogar boliche ou catar cogumelos, pelo menos, são passatempos muito mais saudáveis. Tudo o que eu estava tentando fazer era explicar a defesa, mas experimente só tentar explicar algo que vem bem do âmago da natureza! Tive que [no projeto] abrir caminho palmo a palmo através do problema da qualidade, do sono e da memória – em suma, a psicologia inteira. Agora, não quero mais ouvir falar nisso (FREUD, 1896, p.137, carta de 16 de agosto de 1895)

Ocorre que, apesar das dificuldades – e dessa exclamação, que seguramente teria sido pontual, já que o “falar nisso” não deixaria de ser a sua ocupação –, particularmente no *Projeto...* (1895) o “âmago da natureza” parece adquirir uma compreensão conceitual mais

sofisticada, em que um suposto mapa dos processos psíquicos idealizado por Freud seria cartografado de modo mais preciso. Esse mapa tentaria explicar a defesa, a memória e a repressão de um modo que a proposta de que haveria processos inconscientes era enfim assumida, uma vez que Freud reconhecia a limitação da consciência para se estudar a psicologia:

Temos tratados os processos psíquicos como algo que poderia prescindir deste conhecimento dado pela consciência, que existe independente de uma tal consciência. Assim, estamos preparados para descobrir que algumas de nossas suposições não serão confirmadas pela consciência. Se não nos deixarmos desconcertar por tal fato, segue-se desse pressuposto que a consciência não proporciona nem conhecimento completo, nem seguro, dos processos neuronais; cabe considera-los em primeiro lugar e em toda extensão como inconscientes e cabe inferi-los como as outras coisas naturais (FREUD, 1895, p.22)

Assim, embora no *Projeto...* (1895) o termo inconsciente ainda fosse empregado como um “adjetivo”¹⁰³, ou seja, não era ainda pensado na acepção de uma tópica psíquica, ele já era aplicado de modo efetivo para desenrolar suas hipóteses sobre as neuroses. Isso já levava Freud a extrapolar os limites da consciência, sendo que ao relacionar o inconsciente à sexualidade, ele conferia uma dimensão teórica claramente diferente daquela de quando a década de 1890 teve início. Por exemplo, ao aceitar que uma representação, em dada circunstância, poderia ser chamada de inconsciente, ele abandonava a conjectura de que o mental seria resumido à consciência, o que significava que sua concepção sobre a relação mente e corpo renunciava a doutrina do *concomitante dependente* que teria adotado de Jackson em *Sobre as afasias...* (1891)¹⁰⁴. *A fortiori*, sua procura pela psicologia no próprio substrato neural denunciava um abandono do paralelismo psicofísico que teria adquirido com aquela doutrina, pois agora a perspectiva era de que a própria dinâmica dos neurônios poderia explicar o que seria uma representação. Como lembram Caropreso & Simanke (2011), no *Projeto...* (1895) Freud entenderia que:

¹⁰³“O termo inconsciente é usado aqui [na passagem citada] para referir-se a processos fisiológicos, para qualificar tais processos, ou seja como adjetivo. No final do parágrafo, ao afirmar “cabe inferi-los como as outras coisas naturais”, Freud expressa claramente seus pressupostos naturalistas” (GABBI JR. *apud* FREUD, 1895, p.124, nota de rodapé 53).

¹⁰⁴“Freud ainda adota, em 1891, como hipótese sobre as relações entre mental e o cerebral, a *doutrina da concomitância*, defendida por Jackson, de acordo com a qual, os estados mentais e os estados nervosos ocorreriam paralelamente, não havendo interferência causal de um sobre o outro: para cada estado mental, haveria um estado correspondente no sistema nervoso; contudo, o mental não surgiria como *efeito* desse processo físico, mas apenas o acompanharia. Segundo essa teoria, tudo o que é mental – portanto, toda a representação – seria necessariamente consciente, de modo que a identificação tradicional entre mental e o consciente é claramente mantida até esse momento” (CAROPRESO; SIMANKE, 2011, p.63).

Um grupo de neurônios ocupados cujas barreiras de contato estivessem facilitadas entre si constituiria uma *representação*. Na ausência da ocupação, a representação continuaria existindo potencialmente, dado que as facilitações assegurariam a possibilidade de recorrência do mesmo processo, isto é, assegurariam a possibilidade do ressurgimento da representação (p.92).

Ao mesmo tempo, sua teoria das neuroses adquiria uma versão atualizada na medida em que os conceitos do *Projeto...* (1895) lhe permitiam repensar as conjecturas sobre suas etiologias. Sobrelevando a concepção de defesa tal como conceituada no projeto, ocorria uma reavaliação das neuroses, em que Freud começava a oferecer uma nosografia diferente da de Charcot, pautada na hereditariedade da histeria, e de Breuer, nos estados hipnóides. A etiologia da histeria, por exemplo, na segunda parte do *Projeto...* (1895) “ganharia uma teoria bem elaborada”, como defende Monzani (1989, p.39), uma vez que Freud apresentava aspectos daquilo que fundamentaria a famosa *teoria da sedução*.

Se na primeira parte do texto ele tinha apresentado conceitos que explicavam os princípios fundamentais para se entender os processos psíquicos, na segunda parte ele tentou justapor esses conceitos em uma elucidação psicológica da etiologia da histeria, notadamente da defesa patológica que essa doença podia revelar. Para isso, o primeiro passo era o de considerar que os sintomas histéricos podiam revelar o funcionamento anormal da dinâmica dos processos psíquicos, o que Freud fazia ao propor que “os histéricos estão submetidos a uma *compulsão*, exercida por representações *superintensas*” (p.59, itálicos do autor). Esse tipo de representação seria frequente e apareceria na consciência do doente de modo que ele não pudesse compreender, por isso podendo provocar sintomas estranhos e até “risíveis”. Que dizer, diferente de um processo normal, na histeria havia uma desconexão entre a representação superintensa e aquela que poderia “com direito” explicar os sintomas. O esquema *A-B* que Freud traz no texto nos parece claro para expor seu procedimento inferencial:

Antes da análise, *A* é uma representação superintensa que se impõe muitas vezes à consciência e que todas as vezes leva ao choro. O indivíduo não sabe porque *A* lhe leva a chorar, acha o fato absurdo, mas não pode impedi-lo. Após a análise, descobriu-se uma representação *B* que com direito leva ao choro, que com direito repete-se muitas vezes enquanto um certo desempenho psíquico complexo não for realizado contra ela pelo indivíduo. O efeito de *B* não é absurdo, é compreensível para o indivíduo, e até pode ser combatido por ele. *B* tem uma relação determinada com *A* (Ibid., p.62)

Desta maneira, Freud levou a essa representação superintensa o problema observado na análise ao campo conceitual, por ele delineado na primeira parte do texto, sobretudo ao propor que a repressão de uma quantia de Q da representação procurada teria sido deslocada¹⁰⁵. Então, ele reconheceu que o “núcleo do enigma” era o processo de repressão porque era dele que podia extrair “dois fatos”: primeiro que as representações superintensas “despertam no *eu* um afeto penoso (desprazer)” e segundo que essas são “advindas da vida sexual”. Em relação ao desprazer, Freud entendia que, num processo de defesa normal, uma representação que causasse desprazer ao indivíduo normal seria evitada, ao passo que o pensamento poderia ser dirigido a outra coisa. No entanto, o problema percebido por ele era que na histérica a representação que causava o desprazer, na verdade, estaria substituindo outra coisa: “O histérico que chora por *A* não sabe nada do que fez devido à associação *A-B* e o próprio *B* não desempenha em sua vida psíquica nenhum papel. Aqui o símbolo substitui completamente a coisa” (Ibid.). Para se encontrar essa “coisa”, Freud entendia que a sexualidade deveria ser colocada em primeiro plano, já que ele considerava que o processo de defesa patológica da histeria teria ocorrido justamente porque uma cena de sedução ocorrida na infância não tinha sido compreendida pelo doente. Como lembra Monzani (1989), nesta época, Freud considerava que a sexualidade só surgia na puberdade, de tal modo que o que ocorreu na infância não teria sido compreendido como um ato sexual. Mas Freud já considerava que o ocorrido da infância não teria sido extinguido da memória, podendo obter compreensão durante a adolescência. Só que na histérica isso não ocorreria de modo normal, pois quando a representação obtida na infância retornasse, o eu não teria outra solução senão a defesa histérica:

Ora, este é o caso típico da repressão na histérica. Por toda parte, descobre-se que é reprimida uma recordação que apenas *posteriormente* se tornou um trauma. Causa desse estado de coisas é o atraso da puberdade em relação ao restante do desenvolvimento do indivíduo (FREUD, 1895, p.68)

¹⁰⁵Gabbi Jr. comentando o texto de Freud (1895) adverte que embora ele faça uma relação entre esse modo de deslocamento da compulsão e aquele que teria apresentando sobre os sonhos na primeira parte do texto, esses não seriam o mesmo: “No primeiro caso [dos sonhos], ele [o deslocamento] surge em decorrência das condições ditadas pelo próprio estado de sono: a retirada do mecanismo de atenção e o abaixamento da carga endógena do *eu*. Como o estado de ligação do *eu* é removido, a quantidade pode circular livremente de uma representação para outra. De qualquer maneira, o circuito a ser percorrido foi estabelecido pela vivência de satisfação. No segundo caso [da compulsão] ele é propiciado pela repressão e tem, por conseguinte como modelo a vivência de dor” (p.179, nota de rodapé 296).

Com esses pressupostos, Freud entrou no período que trabalhou com sua teoria da sedução, a qual, mesmo que não levasse esse nome em seus textos, ficou conhecida assim porque englobava o fator principal de sua compreensão sobre as neuroses naquele período. Na mesma carta a Fliess em que ele anexava o *Projeto...* (1895), de 8 de outubro de 1895, já continha a indicação: “Note que, entre outras coisas, eu suspeito o seguinte: a histeria é condicionada por uma experiência sexual primária (antes da puberdade) acompanhada por revulsão e medo; e que a neurose obsessiva é condicionada pelo mesmo prazer acompanhado” (FREUD, 1954, p.126). E no *Manuscrito K*, enviado a Fliess no primeiro dia de 1896, por isso contendo o nome de *Contos de fadas natalinos*, a proposta era explorada, sendo ordenada em um roteiro que poderia prescrever seu entendimento sobre a etiologia das neuroses de defesa nos próximos anos:

(1) a experiência sexual (ou a série de experiências), que é traumática e prematura e tem que ser recalçada; (2) seu recalçamento em alguma ocasião posterior, que desperta a lembrança dela e, ao mesmo tempo, a formação de um sintoma primário; (3) um estágio de defesa bem sucedida, que equivale à saúde, exceto pela existência do sintoma primário; (4) o estágio em que as ideias recalçadas retornam i' no qual, durante a luta entre elas e o ego, formam-se novos sintomas, que são os da doença propriamente dita; (5) um estágio de adaptação, de ser oprimido, ou de recuperação com deformação (FREUD, 1986, 165, carta de 1 de janeiro de 1896)

Se o manuscrito estava em correspondência, dois artigos já apresentando os pressupostos daquela teoria seriam enviados à publicação logo no mês seguinte. Em um desses textos, *Novos apontamentos sobre as neuropsicoses de defesa* (1896a)¹⁰⁶, Freud reapresentou os estágios supracitados, justificando que eles teriam sido sequenciados a partir de suas observações clínicas, as quais, segundo ele, ofereciam os indicadores para a construção de sua “teoria psicológica”¹⁰⁷. Explicava também que treze casos foram analisados para formular as hipóteses apresentadas, nos quais ele percebera que, em geral, as ofensas sexuais teriam sido “graves” e os “culpados pelos abusos” seriam governantas, babás, empregadas domésticas e professores (Ibid.). Assim, nesse artigo e no outro que também continha os pressupostos da teoria da sedução, intitulado *A hereditariedade e a*

¹⁰⁶Daqui em diante: *Novos apontamentos...* (1896a).

¹⁰⁷“Pois bem: as experiências que tive nos dois últimos anos de trabalho corroboraram a minha inclinação de situar a defesa como o ponto nuclear dentro do mecanismo psíquico das neuroses mencionadas, e, por outro lado, têm permitido dar uma base clínica à teoria psicológica” (Ibid., p.163).

etiologia das neuroses (1896b)¹⁰⁸, ele fazia uma espécie de resumo sobre como seria possível repensar as neuroses incluindo a questão da violação sexual na infância. Todas as neuroses e uma psicose, a paranoia, seriam apresentadas como contendo uma violação a ser encontrada, sendo que o método utilizado para procurá-las continuava sendo o de Breuer. Porém, em *A hereditariedade...* (1896b) ele o apresentava utilizando pela primeira vez a palavra psicanálise¹⁰⁹.

No entanto, a publicação de ideias que transmitiam a pressuposição de que a “causa específica” da histeria era antes de tudo sexual outra vez colocaria Freud diante do crivo dos médicos contemporâneos. Em *A hereditariedade...* (1896b), ele parecia antever que suas ideias não seriam bem aceitas ao dizer que elas provocariam “um furacão de contradições” nos demais médicos¹¹⁰. E, de fato, estava certo, pois na conferência sobre o assunto que proferiu aos médicos da Sociedade de Psiquiatria [*Verein Psychiatrie und Neurologie*], suas ideias foram abertamente rejeitadas pelos membros daquela confraria. Tal rejeição foi referida a Fliess em carta de 28 de abril de 1896, na qual Freud mostrava-se irritado porque suas ideias tiveram “uma recepção gélida por parte daqueles imbecis”. Aliás, foi precisamente nessa ocasião que ele recebera uma de suas primeiras desaprovações acerca da cientificidade de suas ideias mais próximas à psicanálise, já que Krafft-Ebing, um dos únicos médicos de Viena a ter lhe apoiado na década anterior em defesa do uso da hipnose, agora avaliava o que Freud teria apresentado como “um conto de fadas científico”. Freud estranhou a classificação desse médico, contestando-a a Fliess por meio de uma humorada autoconfiança até mesmo presunçosa:

Uma palestra sobre a etiologia da histeria, feita na Sociedade de Psiquiatria teve uma recepção gélida por parte daqueles imbecis e recebeu uma estranha avaliação de Krafft-Ebing: “Parece um conto de fadas científico.” E isso depois de se ter demonstrado a eles a solução de um problema de mais de mil anos, uma *caput Nili* [cabeceira do Nilo]!; Pois que vão para o inferno, para expressá-lo

¹⁰⁸Daqui em diante: *A hereditariedade...* (1896b). Segundo Strachey (*apud* Ibid.), este artigo foi enviado à publicação no mesmo dia que *Novos apontamentos...* (1896a), dia 5 de fevereiro de 1896.

¹⁰⁹“Devo os meus resultados ao emprego de um novo método de psicanálise, o procedimento de exploração de Josef Breuer, um pouco complicado mas insubstituível, tal a fertilidade que tem demonstrado para esclarecer as vias obscuras da ideiação inconsciente” (FREUD, 1896b, p.151).

¹¹⁰Isso aparece em *A hereditariedade...* (1896b): “Os caracteres distintivos da minha maneira de abordar são que eu elevo essas influências sexuais à categoria de causas específicas, reconheço sua ação em todos os casos de neuroses e, por último, descubro um paralelismo regular, prova de uma relação etiológica especial, entre a natureza da influência sexual e a espécie patológica da neurose. Estou certo de que esta teoria suscitará um furacão de contradições entre os médicos contemporâneos” (FREUD, 1896b, p.149).

eufemisticamente (FREUD, 1986, p.185, itálicos do autor e explicação entre barras verticais do tradutor)

Em carta de 30 de maio do mesmo ano, Freud escrevia a Fliess dizendo que desafiaria seus críticos com a publicação das ideias dessa conferência em um artigo¹¹¹. Tratava-se de *A etiologia da histeria* (1896c)¹¹², texto que também trazia consigo a teoria da sedução e que, a nosso ver, mostrava como seu espírito de defesa teria sido evocado a partir daquela conferência. Nesse texto Freud defendia os pressupostos de sua teoria assegurando que dezoito casos tinham sido analisados para corroborar suas ideias, ou seja, cinco acima do número apresentado em *Novos apontamentos...* (1896a). Ainda sobre esse número, ele antevia que alguém poderia contestá-lo ao argumentar que dezoito casos não seriam suficientes para ele chegar às universalizações sobre a sexualidade como causa da histeria, visto que apenas um caso que mostrasse outras “fontes” para a doença poderia desvalidar toda teoria. Freud reconhecia a consistência desse argumento, porém se defendia ao dizer que não se tratava de uma razão suficiente para desvalidar os casos já analisados, nem obstruir o andamento de suas investigações, tendo em vista “a força comprobatória” de suas observações¹¹³.

Em tom semelhante, o último parágrafo de *A etiologia...* (1896c) parece ter sido reservado exclusivamente para a defesa das ideias articuladas. Particularmente nesse parágrafo, do mesmo modo que fizera com a hipnose e com a histeria na década anterior, Freud mostrava que reconhecia como as suas ideias sobre a sexualidade e os métodos utilizados para buscar suas raízes na infância poderiam ser objeto de “incredulidade”. Defendia, então, que não se tratava de “especulação fútil”, mas de resultados que se baseavam “em uma investigação laboriosa de detalhes dos pacientes, que, na melhor das hipóteses demandou cem ou mais horas de trabalho” (Ibid., p.218). Além disso, argumentava que o método de Breuer empregado seria “indispensável para fins científicos e

¹¹¹“Desafiando meus colegas, redigi para Paschkis [editor da revista para qual submeteu este artigo], na íntegra, minha conferência sobre a etiologia da histeria. A primeira parte está sendo publicada hoje” (Ibid., p.191, carta de 30 de maio de 1896)

¹¹²Daqui em diante: *A etiologia...* (1896c).

¹¹³“Objetar-me-ão, decerto, que a décima nona ou a vigésima análise por acaso podem mostrar que os sintomas histéricos também podem derivar de outras fontes, limitando assim a validade da etiologia sexual, que não seria mais universal, mas uns oitenta por cento. Bem, aguardemos para ver isso ocorrer. Mas, como aqueles dezoito casos são, ao mesmo tempo, todos os que pude submeter ao trabalho da análise, e como ninguém os escolheu ao meu agrado, vocês compreenderão que eu não compartilho dessa expectativa, mas esteja preparado para deixar adiantar-me com minha crença sobre a força comprobatória das observações que fiz até agora” (FREUD, 1896c, p.199).

terapêuticos” (Ibid.), algo que parecia denunciar a mesma estratégia de argumentação quando, no final da década anterior, ele tentava adicionar a hipnose ao “arsenal de procedimentos da medicina” (FREUD, 1889, p.101). Suas últimas palavras do texto, além de reivindicar o uso do método como uma “nova via de conhecimento”, o apresentava como uma forma de buscar “processos do pensar que permanecem inconscientes”¹¹⁴.

3.3 Metapsicologia e suas “*working hypothesis*”

Conforme nossa exposição do primeiro capítulo, além de uma educação neurológica consistente, Freud também teve acesso a influências teóricas que o permitiram conceber a psicologia como uma *Naturwissenschaften* que não necessitava recorrer a um solo conceitual exclusivamente fisiológico. Procuramos defender naquele momento que tão pertinente quanto os valores epistemológicos recebidos por intermédio da escola de Helmholtz, seu contato com as obras de Brentano e Mill lhe ofereceram artefatos para que ele considerasse a representação como uma maneira de visualizar os processos psíquicos sem perder de vista o domínio científico.

Deste ponto de vista, parece-nos que a concepção de ciência que Freud adquirira durante a sua formação era de tal extensão epistemológica que lhe permitia utilizar conceitos de disciplinas distintas – no caso, psicologia, fisiologia e neurologia – sem considerar que infringia o estatuto de sua cientificidade. Assim, quando na década de 1890 ele entendeu que a anatomia exibia contrassensos lógicos nas paralisias histéricas, passou ao terreno da psicologia para buscar uma explicação sobre a representação, que fora interrompida na cadeia associativa psíquica, que podia ter causado a paralisia (FREUD, 1893b). Por outra parte, quando, à luz das ideias da escola de Exner e dos demais professores vinculados à escola de Helmholtz, conjecturou que os neurônios poderiam viabilizar uma psicologia científica livre de contradições, ele ocupava-se em esboçar um aparelho que encadeasse os processos psíquicos, inclusive os inconscientes, remetendo-se à neurofisiologia (Ibid., 1895). Parece-nos, portanto, que, por conta dessa extensão de sua

¹¹⁴“Este novo método de investigação, na medida que nos abre amplo acesso a um elemento novo no campo do psíquico, a saber, os processos do pensar que permanecem inconsciente – segundo a expressão de Breuer: “*insuscetíveis de consciência*” – nos dá esperança de obter uma nova e melhor compreensão de todas as perturbações psíquicas funcionais. Não posso crer que a psiquiatria demore muito a utilizar dessa nova via de conhecimento” (FREUD, 1896c, p.218).

concepção de ciência, seu repertório conceitual lhe permitia diversificar a construção de suas teorias sobre as neuroses.

Ocorre que no decorrer dessas construções teóricas, Freud parece ter desdobrado alguns conceitos próprios, sobretudo ao buscar uma compreensão sobre a sexualidade e o inconsciente, elementos que gradualmente foram entendidos como essenciais para que ele decifrasse as neuroses. Foi o que ocorreu, por exemplo, na construção da teoria da sedução, estabelecida a partir da hipótese de que o trauma sexual infantil provocava a repressão da quantidade de excitação de uma representação sobrecarregando outra, sendo que a carga da primeira poderia retornar numa puberdade tardia causando determinados sintomas (Ibid.). Tratava-se então da construção de uma teoria organizada a partir de conceitos adquiridos e hipóteses feitas durante as últimas décadas no processo de ordenação de suas observações clínicas com as neuróticas.

Toda a segunda metade da década de 1890 parece ter sido crucial nesse sentido, porque foi nela que Freud reconheceu que parte do conjunto de conceitos que ele reunia até então carecia de um novo referencial. Principalmente pelo fato de ter assumido o inconsciente como um objeto de estudo, em determinado momento, passou a julgar que alguns de seus conceitos poderiam ser distinguidos daqueles de outros programas de investigação. Para ele, esses conceitos não se encaixavam na psicologia pelo motivo de que nesta os pesquisadores, via de regra, atestavam o psiquismo com a justaposição da consciência. Por outro lado, não se tratava de conceitos fisiológicos ou neurológicos porque ele parecia reconhecer que certa abstração era inevitável naquele momento, mesmo que não recusasse uma base orgânica para o psiquismo. Isso pode ser corroborado na carta de 22 de setembro de 1898:

Não estou de modo algum em desacordo com você, nem tenho a menor inclinação a deixar a psicologia suspensa no ar, sem uma base orgânica. No entanto, à parte essa convicção, não sei como prosseguir, nem teórica, nem terapêuticamente, de modo que preciso comportar-me como se apenas o psicológico estivesse em exame. Porque não consigo encaixá-los [o orgânico e o psicológico], é algo que nem sequer comecei a imaginar (FREUD, 1986, p.327, explicação entre barras verticais do tradutor)

Assim, declaradamente mais próximo da psicologia, porém sem rescindir o contrato com a orientação neurofisiológica, Freud cunhou um novo nome para a sua teoria: *metapsicologia*. Na carta de 2 de fevereiro de 1896 imprimiu pela primeira vez o

neologismo: “Tenho-me ocupado continuamente com a psicologia — na verdade, com a *metapsicologia...*” (FREUD, 1986, p.173, itálico do autor). Nessa ocasião a referência chegava sem rodeios e, dali a dois anos, na carta a Fliess de 10 de março de 1898, depois de outras breves menções, o nome retornava com uma dúvida decisiva: “A propósito, vou perguntar-lhe a sério se posso usar o nome de metapsicologia para minha psicologia que se estende para além da consciência” (FREUD, 1986, p.302-03).

De fato, o período entre 1896 a 1898 foi teoricamente muito rico proporcionando o entorno que permitiu a Freud chegar ao reconhecimento de que suas ideias precisavam adquirir a identidade de metapsicologia. Um bom exemplo pode ser o exercício de articulação conceitual apresentado na carta de 6 de dezembro de 1896, a famosa *Carta 52*. Nesta, Freud proporcionava uma atualização do aparelho psíquico, sendo que nesse modelo ele começava a dar sinais de que colocaria em suspenso a linguagem neurofisiológica para dar lugar a uma mais abstrata e psicológica, ou melhor, metapsicológica.

O objetivo da carta parecia ser o de aprimorar seu entendimento sobre a teoria da sedução, na qual a repressão do trauma ainda parecia se impor como um enigma que, acima de tudo, exigia um aperfeiçoamento de sua teoria da memória. Na verdade, isso já era de seu reconhecimento desde o *Projeto...* (1895), uma vez que Freud já tinha oferecido a receita: “uma teoria psicológica de alguma relevância tem de fornecer uma explicação da memória” (FREUD, 1895, p.13). E neste texto, como mencionamos, a teoria da memória era a de que certos neurônios impermeáveis apresentavam determinada resistência para armazenar Q₁ durante suas passagens pelas barreiras de contato. Nesse processo de armazenamento, o neurônio seria permanentemente modificado, facilitando uma nova passagem de Q₁ e promovendo a memória no jogo de respectivas passagens por essas facilidades. Por outro lado, a teoria da memória apresentada na *Carta 52* encadeava uma visão mais complexa, que não abria mão dos neurônios, mas que também não os utilizava de modo tão enfático quanto visto na teoria do *Projeto...* (1895).

Diferente do rigor lógico buscado quando apresentou a estratégia para encontrar uma psicologia científica do *Projeto...* (1895)¹¹⁵, na *Carta 52*, Freud explicitou que se tratava de “um relato simples da última especulação”, uma vez que estava “trabalhando”

¹¹⁵No *Projeto...* (1895) a estratégia de Freud era a “de apresentar processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas e, com isso, torná-los intuitivos e livres de contradição” (FREUD, 1895, p.9).

com uma “hipótese” (FREUD, 1986, p.208). Mas nem por isso o modelo seria menos sofisticado, visto que ali a memória era apresentada como múltipla: “o que há de essencialmente novo em minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de só uma vez, e sim ao longo de diversas vezes, já que é registrada em vários tipos de indicações” (Ibid.). Nessa proposta, então, havia um “processo de estratificação” no qual os traços mnêmicos¹¹⁶ eram rearranjados de acordo com as novas vivências do indivíduo. O modo que as vivências eram registradas na memória também era diferente daquele apresentado no texto de 1895, isso porque agora Freud dividia o aparelho em três sistemas de registro.

Nos neurônios de percepção (*Wahrnehmungen*), nenhum traço fora retido, por isso não se tratava de um sistema de registro. No entanto, estes constituíam uma via de acesso, para a excitação, ao primeiro sistema, nomeado indicação de percepção (*Wahrnehmungszeichen*), no qual as percepções deixavam um primeiro registro, que não tinha acesso à consciência, mas que era organizado a partir de associações por simultaneidade. O segundo sistema era o inconsciente (*Unbewusstsein*), o qual seria organizado por associações de causalidade e no qual os traços “talvez correspondam a lembranças conceituais”. Já o terceiro sistema de registro formava a pré-consciência (*Vorbewusstsein*), constituindo-se o único sistema com possível acesso à consciência e o único no qual os registros podiam se ligar à representação-palavra (Ibid).

Para ilustrar como os traços seriam registrados nesses sistemas, Freud acrescentou um conceito novo que não aparecia no *Projeto...* (1895): a inscrição¹¹⁷. Tratava-se de um conceito para fazer referência ao modo que as vivências eram fixadas com qualidade nos neurônios. Uma vez inscritas, estas poderiam sofrer transcrições, ou traduções, para o próximo sistema, isso de acordo com as “conquistas psíquicas de fases sucessivas da vida” (FREUD, 1986, p.208). Aqui então entravam em cena as estratificações, já que na proposta dele a memória obtinha múltiplas camadas, na medida em que novas inscrições fossem

¹¹⁶“A noção de traço mnêmico (*Erinnerungsspur*) atravessa o texto do *Projeto*. É através dos traços mnêmicos que os acontecimentos psíquicos ficam gravados de forma permanente na memória, sendo reativados por efeito do investimento” (GARCIA-ROZA, 2008, p.201).

¹¹⁷De acordo com Garcia-Roza (2008): “A carta 52 introduz um outro elemento que redimensiona a concepção freudiana da memória e do próprio aparelho psíquico: a noção de *Niederschrift* (inscrição). Juntamente com o novo esquema gráfico, Freud recentra sua exposição em torno de noções tais como “signo” (*Zeichen*), “inscrição” (*Niederschrift*), “transcrição” (*Umschrift*), que estão muito mais próxima da linguagem escrita do que dos neurônios da formulação anterior” (p.200)

inseridas e as antigas não fossem eliminadas – mas retranscritas para se ajustar às demais nas novas camadas. Alguns conceitos de seu inventário anterior foram, então, adaptados a esse novo esquema. A repressão, por exemplo, passava agora a ser entendida como uma “falha de tradução”, na qual uma liberação de desprazer provocava um “distúrbio do pensamento” impossibilitando a tradução. Já as defesas poderiam ser normais, se fossem referentes à liberação de desprazer dentro dos mesmos sistemas, e patológicas, caso fossem referentes ao desprazer gerado por um traço mnêmico não traduzido de um sistema anterior.

As redefinições conceituais apresentadas na *Carta 52* parecem ter sido decisivas para que Freud elevasse a metapsicologia a uma nova dimensão no seu itinerário investigativo. Como se sabe, dela constavam as ideias precursoras do que logo, no *Capítulo VII de A interpretação...* (1900), seriam apresentadas como primeira tópica do aparelho psíquico, quando ele de fato dividiria o aparelho em três sistemas, inconsciente, pré-consciente e consciente. Na carta, portanto, ele já compunha essa hipótese, cogitando, inclusive, haver mais do que os três sistemas apresentados¹¹⁸. E é certo que a *Carta 52* apresentava ideias que vinham sendo elaborada desde o *Projeto...* (1895), uma vez que neste a base conceitual tinha sido engendrada. É como se o trabalho de construção conceitual fosse adquirindo cada vez mais contornos de modo que, em 1900, ele já se sentia seguro para publicar o aparelho.

Nesse sentido, no que diz respeito ao processo de construção dos conceitos da metapsicologia, Freud encontrava em seu espaço de interlocução com Fliess um campo aberto para resolver seus enigmas. Isso parece ter respaldo no primeiro parágrafo da carta seguinte, de 17 de dezembro de 1896, no qual Freud agradecia Fliess por lhe permitir apresentar suas ideias sem que fosse considerado um “devaneador”, uma vez que, segundo ele, tratavam-se de “*working hypothesis*”:

Fico muito satisfeito, porém, com a recepção dada às minhas fantasias [da *Carta 52*]. Sei que você as coloca no lugar certo, investiga esses pontos de vista um pouco mais e não me encara nem como um devaneador, pelo fato de eu comunicar essas coisas incompletas, nem como um tolo, que, por essa razão, acredita estar acima da investigação minuciosa e da correção. Tratam-se de sínteses e *working hypothesis* [hipóteses de trabalho], que espero podermos trocar um com o outro sem preocupação (FREUD, 1986, p.216)

¹¹⁸“Não sei quantos desses registros existem — pelo menos três, provavelmente mais” (FREUD, 1986, p.208).

Tendo em vista que as correspondências com Fliess começaram em 1887, as *working hypothesis* ocorriam, pois, no campo aberto que atravessou toda a década de 1890. Parece-nos que esse campo onde as ideias eram expostas “sem preocupações” mostrou-se como contraponto para o espírito de defesa acionado no campo argumentativo da luta com os pares, ou seja, no processo de validação das ideias quando publicadas. Ao que percebemos nos textos visitados, nos momentos em que Freud compreendia haver certa aceitabilidade de algumas de suas ideias no meio científico, construía argumentos buscando autenticá-las, o que se revelava então como uma instância rica de aspectos reveladores de sua concepção de ciência. Por outro lado, a metapsicologia era cultivada na interlocução com Fliess, como se ali fosse uma incubadora de ideias e conceitos que lhe dava confiança para mais tarde defender sua cientificidade quando exigido.

Somado a isso, outro aspecto que poderia reforçar essa sua confiança era a referência observacional. Como lembra Monzani (1989), Freud era um clínico e “esse fator se impunha com tal peso que era impossível deixá-lo de lado”¹¹⁹. Talvez fosse essa sua faceta que lhe permitia pensar em se comportar “como se apenas o psicológico estivesse em exame” (FREUD, 1986, p.327). Dessa maneira, os indicadores recolhidos na clínica por meio de um método que ele considerava científico – método de Breuer, que agora também era chamado de psicanalítico –, pareciam conferir a referência para a construção de hipóteses. Esses indicadores eram organizados na medida em que suas ideias eram discutidas “sem preocupação” com Fliess, o que, por sua vez, regulava o estabelecimento gradual dos entendimentos metapsicológicos. Parece-nos, portanto, que clínica e metapsicologia compunham uma aliança que possivelmente era visto por ele como algo que assegurava suas ideias no meio científico¹²⁰.

Ora, nessa estreita aliança ele teria encontrado um modo criterioso para decifrar as neuroses, já que o método lhe permitia escutar suas pacientes, enquanto a teoria lhe

¹¹⁹“Em geral, há a tendência de esquecer que Freud era, antes de tudo, um clínico. A necessidade de levar em conta os fatos quantitativos e energéticos na estruturação do seu discurso teórico, muito antes de ser uma exigência do esquema positivista no qual Freud se formou, foi o resultado de inúmeras constatações clínicas onde esse fator se impunha com tal peso que era impossível deixá-lo de lado” (MONZANI, 1989, p.100).

¹²⁰Nas cartas Freud amiúde fazia referência ao seu trabalho como sendo científico, deixando entender que não teria abandonado a pretensão de fazer ciência. Por exemplo, na carta de 27 de setembro de 1899, ele dizia “Desde a ocasião em que você parou de escrever sobre suas descobertas, sinto falta de alguma coisa em suas cartas. Quanto à minha ciência, você será deixado em paz por algum tempo” (FREUD, 1986, p.376). Já na carta de 19 de novembro do mesmo ano: “A ciência está descansando, como sempre faz quando me preocupo com os pormenores do tratamento. No tocante à teoria sexual, ainda quero esperar” (Ibid., 388).

permitia reavaliar suas hipóteses e, quando preciso, refutá-las. Tanto é que seria por meio dessa aliança que Freud encontraria o embasamento para repensar a teoria da sedução, uma vez que um conceito antes de tudo metapsicológico, a fantasia, entraria em cena para ele reavaliar a questão do trauma sexual como etiologia. Isso, por sua vez, lhe permitiria introduzir a sua autoanálise, o que revelaria a importância dos sonhos... Enfim, o programa de metapsicologia e as *working hypothesis* somado à clínica e os métodos adjacentes permitiriam Freud escrever *A interpretação...* (1900), obra por meio da qual ele pretendia realizar a “grande tarefa” de “situar as neuroses e as psicoses na esfera da ciência”, como disse a Fliess na carta de 22 de julho de 1899:

De qualquer modo, uma parte do primeiro terço da grande tarefa terá sido cumprida: a de situar as neuroses e as psicoses na esfera da ciência, através da teoria do recalçamento e da realização de desejo. (1) O orgânico-sexual; (2) o factual-clínico; (3) o metapsicológico nisso (FREUD, 1986, p.363)

CONCLUSÃO

Naturwissenschaften na concepção de Freud, território inexplorado?

A nossa primeira exposição nos permitiu evidenciar que a ideia de arquitetar uma psicologia científica não nasceu com Freud, mas já aparecia nas obras de vários autores com os quais ele teve contato direta ou indiretamente e que acabaram por influenciá-lo. Cerca de meio século antes de sua entrada na academia, alguns teóricos europeus já construía argumentos para defender que a psicologia poderia ser uma disciplina científica dentro da ascensão das *Naturwissenschaften*. Autores como Herbart, Fechner, Wundt, Brentano e Stuart Mill, cada um à sua maneira, contribuíram para os debates epistemológicos pertinentes à psicologia, os quais não se dissiparam até, pelo menos, o final do século XIX, com a chegada de novas teorias psicológicas, como a da psicanálise. Questões importantes eram então debatidas, por exemplo, se a psicologia poderia apresentar consistência lógica e experimental para se constituir como uma disciplina científica e autônoma, ou se o estatuto de sua cientificidade só seria garantido caso ela se mantivesse em conexão com outras disciplinas tais como a física e a fisiologia.

A respeito disso, pudemos perceber as maneiras pelas quais tais projetos de psicologia científica apresentavam proximidade com o momento fecundo que teria sido o começo do século XIX. Identificamos um cenário em que o *mainstream* dos pesquisadores europeus apreciava cada vez menos o romantismo científico pressuposto pela *Naturphilosophie* e apostava cada vez mais em sua substituição pela garantia do conhecimento que atribuíam à *Naturwissenschaften*. Entretanto, apesar desta expectativa, ao que parece o conceito de natureza pressuposto pelas *Naturwissenschaften* não seria unânime entre seus defensores, uma vez que Freud teria sofrido influências de mais de uma perspectiva teórica para concebê-la. Por um lado, no âmbito da neurologia, a educação de Freud apontava para um conceito de natureza aparentemente bem estabelecido entre seus mestres. Por esse viés, notamos que o grupo de Du-bois Reymond, Brücke e Helmholtz concebia a natureza como algo passível de estudos reducionistas, materialistas, mecanicistas e experimentais. Algo que, em termos metodológicos, levava ao pressuposto de que no laboratório se encontraria respostas guiadas por leis que tinham a causalidade mecanicista como fundamento. Assim, percebemos no projeto de Exner, participante desta

corrente teórica, que, caso o assunto fosse a psicologia, a apresentação de uma teoria psicológica fundia-se aos conceitos neurofisiológicos. Esta fusão também apareceria no *Projeto...* (1895), o que denota que o compromisso com a própria formação científica despontava em Freud. Por outro lado, encontramos nas influências de Freud outros pensadores que, a despeito de defenderem a psicologia como uma ciência da natureza, não recorriam necessariamente aos pressupostos neurofisiológicos. Dentre eles, destacamos Brentano e Mill, os quais, apesar de primordialmente preocupados com a filosofia, defendiam uma psicologia autônoma que poderia encontrar leis quer seja por meio das representações, no caso de Brentano, quer seja pela suposição de que os fenômenos psicológicos ocorriam em sucessão, como em Mill. No nosso entendimento, as propostas teóricas sobre a psicologia desses filósofos ofereceram a Freud a possibilidade de observar um conceito de natureza distinto daquele aprendido em sua educação neurológica, isso porque parecia abrir um caminho para a legitimação da natureza do psíquico como um objeto de estudo científico.

Quando começamos a acompanhar o percurso de Freud a partir do nosso panorama de suas possíveis influências, notamos que o início do seu caminho na ciência foi marcado por um processo de adaptação ao programa de pesquisa que tinha as investigações neuroanatômicas em destaque. Ao praticar uma ciência que tinha como finalidade explicar os processos biológicos, fisiológicos e até psíquicos reduzindo-os aos conhecimentos da física, Freud revelava sua proximidade com relação à escola de Helmholtz. Com Brücke sendo o seu guia principal para conhecer este projeto de ciência, Freud aprendeu a trabalhar nos laboratórios, manuseando instrumentos e dissecando animais, em uma rotina técnica aparentemente bem determinada, na qual sua pretensão de obter prestígio científico enfrentava alguns obstáculos, como as dificuldades de encontrar originalidade e reconhecimento em suas pesquisas.

No começo da década de 1880, Freud mudou o cenário ao ingressar no hospital, mas não nos parece que isso tenha provocado grandes modificações no seu enquadramento de pesquisa ou mesmo de seu entendimento sobre a ciência. Nesse sentido, somente o empreendimento com a cocaína parece ser digno de nota, revelando uma disposição para se misturar com o seu objeto de estudo, o que o teria levado a inaugurar o “espírito de defesa” que seria empregada na construção da teoria psicanalítica. Então, se antes apontamos que o

episódio com a cocaína representou uma espécie de descarrilamento metodológico, vale agora dizer que isto se daria apenas momentaneamente, uma vez que ele continuou trabalhando sob a supervisão de Meynert no hospital, inclusive com a orientação patológico-anatômica, o que denunciava sua proximidade com os trilhos da pesquisa praticada no *mainstream* de Viena. Não nos parece assim que o episódio tenha acarretado uma modificação radical no seu *modus operandi*.

Por outra parte, parece-nos coerente observar que a segunda metade da década de 1880 foi um período, no mínimo, desafiador para sua concepção de ciência. A sua ida à França em 1886 e o contato com as pesquisas de Charcot e Bernheim parecem tê-lo colocado diante de uma situação de processo seletivo para avaliar a cientificidade de ideias distintas. De acordo com os textos visitados, o próprio Freud parecia reconhecer que seus momentos de aprendizado na França implicaram na avaliação de ideias das quais a cientificidade eram questionadas na Alemanha e na Áustria. Seu posicionamento em relação a isso parece ter sido claro, a hipnose e a histeria receberiam o seu atestado de cientificidade, o que foi efetivamente defendido por ele. Esta defesa era paulatinamente disponibilizada em seus textos na medida em que ele argumentava que a histeria não seria uma doença desprovida de leis para a qual o método dos tipos poderia ser empregado para decifrar seus sintomas, enquanto a hipnose se configurava como uma técnica apropriada para se acessar a etiologia da histeria, tendo, inclusive, um lugar no “arsenal de procedimentos da medicina”.

Na década de 1890, pudemos perceber como Freud ocuparia de fato o “terreno de psicologia”, expressão esta que ele utilizou em *Quelques considerations...* (1893b). Conforme já havíamos apontado, a psicologia teria sido introduzida à sua concepção de ciência durante os seus primeiros anos no ambiente científico, mas no início de seu percurso acadêmico ela parece ter sido ofuscada diante à força de outro lado, composto pela neurologia e suas ramificações. Isso teria ocorrido até o encontro com a histeria e a hipnose, na segunda metade da década de 1880, pois ali a disciplina começava ser percebida por Freud como um campo de investigação incontornável para se estudar as neuroses.

Porém, seu território só parece ter sido de fato ocupado na década de 1890. No começo dessa década, Freud defendia o espaço da alma e da palavra nas

Naturwissenschaften, argumentando, por exemplo, que para se explicar as paralisias históricas, a psicologia deveria ser evocada porque as lesões não seriam de ordem orgânica. Assim, intensificadas suas pesquisas com o método de Breuer, as dúvidas pareciam se resolver na medida em que ele aceitava o jogo das representações como efetivo para se entender as causas das neuroses. A fala da paciente era abrigada na sua visão de ciência porque mostrava o caminho até às origens dos problemas, despontando também a necessidade de um novo mapeamento conceitual para o observado. Isso ocorreu na metade dessa década, quando o terreno da ciência era amplamente explorado, uma vez que neurologia e psicologia aliavam-se na construção do *Projeto...* (1895).

Nesta empreitada, era engendrada uma base conceitual promissora, mas, ao mesmo tempo, Freud se deparava com as dificuldades de explicar “o âmago da natureza”. Aos poucos, ele parecia perceber que o terreno da ciência ainda não tinha sido inteiramente explorado, pois psicologia e neurologia, apesar de não serem rejeitadas, não convinham naquele momento para iluminar a natureza do lado psíquico que ele julgava ser plausível, o inconsciente. Por outro lado, a interlocução com Fliess permitia com que os seus achados na clínica fossem livremente discutidos. Nesse contexto de restrição, por um lado, e liberdade, por outro, novos conceitos germinavam e uma teoria nova surgia: a metapsicologia. Ao que parece, esta não seria um teoria externa ao todo do território da ciência, sendo ela entendida por ele como indispensável para aquele momento de exploração dos modelos teóricos para aclarar o inconsciente.

Por fim, à guisa de conclusão, parece-nos proveitoso estender essa metáfora do terreno, que tiramos das palavras de Freud, para conceber a extensão de sua concepção de ciência no período avaliado. De fato, *Naturwissenschaften* era o nome dado por ele ao território da ciência, mas nos parece que o modo que Freud o mapeava pode não ser tão claro para se entender sua pretensão de cientificidade. Vimos que neurologia, psicologia e metapsicologia eram reconhecidas como seções contidas nesse território, que poderiam se entrecruzar quando necessário e que assim poderiam viabilizar novos conceitos para a abrangência do aparelho psíquico. No entanto, a nosso ver, quando estes entrecruzamentos e conceitos passam a ser pesquisados levando em consideração as razões argumentativas do autor, o território das *Naturwissenschaften* tal como visualizado por Freud pode ainda revelar aspectos inexplorados.

REFERÊNCIAS

AMACHER, Peter. Freud's Neurological Education and its Influence on Psychoanalytic Theory. In: **Psychological Issues** v.4, n.4. Nova York: International University Press, 1965, 85p.

ALMEIDA, João José. O Inconsciente Temporalizado. **Tempo da Ciência**, Toledo, v. 12, n.23, p. 125-146, 2005.

_____. Persuasão antes que convencimento: apontamentos sobre Wittgenstein e a psicanálise. **Trans/Form/Ação**. v. 30, p. 53-74, 2007.

ARAUJO, Saulo. Uma visão panorâmica da psicologia científica de Wilhelm Wundt. **Scientiae Studia – Revista Latino Americana de Filosofia e História da Ciência**, vol.7, n.2, pp. 209-220, 2009

_____. **O projeto de uma psicologia científica em Wundt**: uma nova interpretação. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010, 244p.

ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à Epistemologia Freudiana**. Tradução JAPIASSU, H. Rio de Janeiro: Imago, 1983. 247p.

BERNFELD, Siegfried. Freud's Earliest Theories and the School of Helmholtz. **Psychoanalytic Quarterly**. vol. 13, p. 314-62., 1944

_____. Freud' Scientific Beginnings. **American Imago**, vol. 6, p. 163-196, 1949

BOCCA, Francisco. Histeria: primeiras formulações teóricas de Freud. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 879-906, dezembro 2011.

_____. Contribuição para o debate acerca de “uso compartilhado” em psicanálise, 2012, artigo enviado a publicação.

BRENTANO, Franz. (1874) **Psychology from an empirical standpoint**. Tradução RANCURELLO, A.; TERELL, D.B.; MCALISTER, L.. Londres e Nova York: Routledge, 1995, 323p.

CAROPRESO, Fátima. **O nascimento da metapsicologia**: representação e consciência na obra inicial de Freud. São Carlos: Edufscar, 2008, p.154.

_____.; SIMANKE, Richard. **Entre o corpo e a consciência**: ensaios de interpretação da metapsicologia freudiana. São Carlos: Edufscar, 2011, 205p.

COHEN, Aviva. The origins of Freud's theory of the unconscious: a philosophical link. **Psychoanalytische Perspectieven**, vol. 18, p.109-121, 2000.

CUTHBERTSON, David. **Die Natur by Christof Tobler**. Disponível em: <http://www.davidc.f9.co.uk/greensci/natur.htm>. Acesso em setembro 2011. 7p.

EXNER, Sigmund. **Entwurf zu einer physiologischen Erklärung der psychischen Erscheinung**. Leipzig e Viena: Franz Deuticke, 1894, 380p.

FANCHER, Raymond. Brentano's Psychology from an empirical standpoint and Freud's early Metapsychology. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, vol. 13, p. 207-227, 1977.

FRANÇA, Valenio Pérez. O NAMORO DE FREUD E A DESCOBERTA DA ANESTESIA TÓPICA. **Revista Médica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, 2010. Disponível em <<http://rmmg.medicina.ufmg.br/index.php/rmmg/article/view/218/203>>. Acesso em outubro 2011.

FREUD, Sigmund. **Escritos sobre la cocaína**. Tradução HEGEWICZ, E. Barcelona: Editorial Anagrama, 1980, 407 p.

_____. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904**. Ed. MASSON, J. Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 273

_____. **The Origins of Psycho-Analysis: Letters to Wilhelm Fliess, Drafts and Notes, 1887-1902**. Ed. BONAPARTE, M.; FREUD, A.; KRIS, E. Tradução MOSBACHER, E.; STRACHEY, J. Londres: Imago, 1954, 486p.

_____. **Lettres de jeunesse**. Tradução HEIM, C. Paris: Gallimard, 1990. 274p.

_____. **As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein**. Rio de Janeiro: Imago, 1995. 252p.

_____. (1886). **Informe sobre mis estudios en París y Berlín**. In: **Obras Completas. Vol I**. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. 490p.

_____. (1888). **Histeria**. In: **Obras Completas. Vol I**. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. 490p.

_____. (1888b [1888-1889]). **Prólogo a la traducción de H. Bernheim, De la suggestion**. In: **Obras Completas. Vol I**. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. 490p.

_____. (1889). **Reseña de August Forel, Der Hypnotistnus**. In: **Obras Completas. Vol I**. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. 490p.

_____. (1890). **Tratamiento psíquico (tratamiento del alma)**. In: **Obras Completas**. Vol I. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. 490p.

_____. (1891). **Sobre a concepção das Afasias: um estudo crítico**. Tradução HONDA, H., da versão original (Leipzig e Viena: Franz Deuticke, 1891), 2008. p.122.

_____. (1892). **Prólogo y notas de la traducción de J.-M. Charcot, *Leçons du mardi de la Salpêtrière (1887-88)***. Vol I. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. p.490.

_____. (1893a). **Algunas consideraciones con miras a un estudio comparativo de las parálisis motrices orgánicas e histéricas**. Vol I. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. p.490.

_____. (1893b). **Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques**. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt: S. Fischer, 1964. v. 1. p. 38-55.

_____. (1894). **Las neuropsicosis de defensa (Ensayo de una teoría psicológica de la histeria adquirida, de muchas fobias y representaciones obsesivas, y de ciertas psicosis alucinatorias)**. In: **Obras Completas**. Vol III. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. p.357.

_____; BREUER, Josef. (1893-95). **Estudios sobre la histeria**. In: **Obras Completas**. Vol II. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. 342.

_____. (1895). **Projeto de uma psicologia**. Tradução GABBI JR., O.. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995. p.229.

_____. (1896a). **Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa**. In: **Obras Completas**. Vol III. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. p.357.

_____. (1896b). **La herencia y la etiología de las neurosis**. In: **Obras Completas**. Vol III. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. p.357.

_____. (1896c). **La etiología de la histeria**. In: **Obras Completas**. Vol III. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. p.357.

_____. (1900-01). **La interpretación de los sueños**. In: **Obras Completas** Vol V. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. p.749.

_____. (1906). **La indagatoria forense y el psicoanálisis**. In: **Obras Completas. Vol IX**. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. p.253.

_____. (1913). **Tótem y tabú**. In: **Obras Completas. Vol XIII**. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. p.278.

_____. (1914). **Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico**. In: **Obras Completas. Vol XIV**. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. p.389.

_____. (1924) **El problema económico del masoquismo**. In: **Obras Completas. Vol XIX**. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. 303p.

_____. (1925). **Presentación autobiográfica**. In: **Obras Completas. Vol XX**. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. 303p.

_____. (1927). **El provenir de una ilusión**. In: **Obras Completas. Vol XXI**. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. 290p.

_____. (1933). **Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis**. In: **Obras Completas. Vol XXII**. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. 263p.

_____. (1940 [1938]). **Algunas lecciones elementales sobre psicoanálisis**. In: **Obras Completas. Vol XXIII**. Tradução ETCHEVERRY, J. L. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. 335.

FULGENCIO, Leopoldo. A teoria da libido em Freud como uma hipótese especulativa. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 101-111, junho de 2002.

GABBI JR., Osmyr. Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primários da teoria freudiana. **Discurso, Rev. Depto. Filo. USP**, São Paulo, v. 18, p.131-142, 1990.

_____. **Freud: racionalidade, sentido e referência**. Campinas: Coleção CLE/Unicamp, 1994. v.13, p.236., 1994,

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana: sobre as afasias; o projeto de 1895**. Vol I. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. Tradução BOTTMANN, D. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 719p.

HAECKEL, Ernest (1895). **O monismo: laço entre a ciência e a religião**. Profissão de fé de um naturalista. Tradução FONSECA, C. Porto: Livraria Chardon, 1908.

HEIDEGGER, Martin. (1987). **Zollikon Seminars**. Tradução MAYR, F.; ASKAY, R. Evanston: Northwestern University Press, 2001.

HEIDELBERGER, Michael. **Nature from within: Gustav Theodor Fechner and his psychophysical worldview**. Tradução KLOHR, C. Pittsburgh: U. Pittsburgh Press, 2004

HELMHOLTZ, Hermann Von (1847). On the Conservation of Force. In: ELLIOT, C. (org.) **Scientific Papers**. Nova York: P. F. Collier & Son Corporation, 367p. (Série: Harvard Classics, v.30).

HONDA, Helio. **Raízes britânicas da psicanálise: As apropriações de Stuart Mill e Hughlings Jackson por Freud**. 2002. 225p. Tese (Doutorado em filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

_____. Notas Sobre a Noção de Inconsciente em Wundt e Leibniz. **Psicologia: teoria e pesquisa**. vol. 20 n. 3, p. 275-277, 2004.

_____. Subjetividade e Metapsicologia: a constituição conceitual da realidade psíquica. In: TOMANIK, E. A.; CANIATO, A. M. P.; FACCI, M. G. D. (Org.). **A constituição do sujeito e a historicidade**. Campinas: Editora Alínea, 2009. p.63-104.

_____. O estatuto do caso clínico na psicanálise de Freud: notas sobre a metodologia freudiana. In: SIMANKE, R. et al (Org.). **Filosofia da Psicanálise**. São Carlos: EdufSCar, 2010. p.361-375.

JONES, Ernest. **A Vida e a Obra de Sigmund Freud**. Vol. 1. Tradução: GUIMARÃES, J-C. Rio de Janeiro: Imago, 1989. 430p.

KALTENBECK, Franz. On Freud's encounter with Brentano. In: GEERRARDYN, F; VIVJER, G.. **The Pre-psychoanalytical writings of Sigmund Freud**. Londres: Karnac Books, 2002. 264p.

LALANDE, André. **Vocabulaire technique et critique de la Philosophie**. 6. Ed. Paris: QUADRIGE/PUF, 1988, 1330p.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEARY, David. The Philosophical Development of the Conception of Psychology in Germany, 1780-1850. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**. v. 14, p.113-121, 1978

_____. The Historical Foundation of Herbart's Mathematization of Psychology. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**. v.16, p. 150-163, 1980

. Immanuel Kant and the Development of Modern Psychology.” In: WILLIAM R. WOODWARD e MITCHELL G. (org.). **The Problematic Science: Psychology in Nineteenth Century Thought**. Nova York, Praeger, 1982. p. 17-42.

LEVIN, Kenneth. **Freud: A primeira Psicologia das Neuroses**. Tradução CABRAL, A. Rio de Janeiro: Zahar editors, 1980, 280p.

LOTHANE, Zvi. Freud's 1895 Project: From mind to brain and back again. **Annals of the New York Academy of Sciences**, Nova York, v.843, p.43-65, 1998.

MEULDERS, Michel. **Helmholtz, From Enlightenment to Neuroscience**. Tradução GAREY, L. Cambridge: The MIT Press, 2010, p.235

MILL, John Stuart. **An examination of Sir William Hamilton's Philosophy**. In: **The collected works of John Stuart Mill**, vol IX. Toronto e Londres: Routledge & Kegan Paul, 1979, 625p.

MONZANI, Luiz Roberto. **Freud, o Movimento de Um Pensamento**. 2. ed. Campinas: EDUNICAMP, 1989.

_____. Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanços e perspectivas. In: PRADO JR, B. (Org.) **Filosofia da psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1991, 198p.

POPPER, Karl. **The logic of scientific Discovery**. Londres e Nova York: Routledge, 2002.

REED, Edward. The separation of psychology from philosophy: studies in the sciences of mind 1815-1879. In: **The Nineteenth-Century Routledge History of Philosophy**, vol. VII. Londres: Routledge, 1994

RITVO, Lucille. **A influência de Darwin sobre Freud: um conto de duas ciências**. Tradução: GUIMARÃES, J-C. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990, p.339

RICOUER, Paúl. **Freud: una interpretación de la cultura**. Tradução SUÁREZ, A.; OLIVERA, M. 8. ed. México: Siglo veintiuno editores, 1990, p.483.

RODRIGUÉ, Emilio. **Sigmund Freud: o Século da Psicanálise: 1895/1995**. São Paulo: Escuta, 1995, 197p.

SCHOENWALD, Richard L. A Turning Point in Freud's Life: Zur Auffassung der Aphasien. **Osiris**, Chicago, v.11, p.119-126, 1954.

SIMANKE, Richard. Cérebro, percepção e linguagem: elementos para uma metapsicologia da representação em Sobre a concepção das afasias (1891) de Freud. **Discurso, Rev. Depto. Filo. USP**, São Paulo, v. 36, p.53-92, 2007.

_____. A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e humanas. **Scientiae Studia – Revista Latino Americana de Filosofia e História da Ciência**, vol.7 n.2, p.221-235, 2009.

SPRUNG, Lothar; SPRUNG, Helga. Gustav Theodor Fechner y el surgimiento de la psicología experimental. **Revista Lationamericana de psicologia**. v. 15, p. 349-368, 1983

SULLOWAY, Frank. **Freud, Biologist of the Mind**. Cambridge: Harvard University Press, 1992, 578p.

TRILLAT, Étienne. **História da Histeria**. Tradução PORCHAT, P. São Paulo: Escuta, 1991, 292p.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Conversations on Freud. In: WOLLHEIM, R.; HOPKINS, J. (Org.). **Philosophical Essays on Freud**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. pp. 1-11